



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA UFJF/UFV

TAYANE MOCKDECE RIHAN

**A MÍDIA ESPORTIVA E O FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL:
O QUE NOTICIAM SOBRE ELAS?**

Juiz de Fora
2016

TAYANE MOCKDECE RIHAN

**A MÍDIA ESPORTIVA E O FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL:
O QUE NOTICIAM SOBRE ELAS?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Esporte e suas Manifestações.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ludmila Nunes Mourão

Juiz de Fora

2016

RIHAN, T. M. A MÍDIA ESPORTIVA E O FUTEBOL DE MULHERES: O que noticiam sobre elas? Juiz de Fora (MG), 2016. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física e Desportos, Universidade Federal de Juiz de Fora.

TAYANE MOCKDECE RIHAN

**A MÍDIA ESPORTIVA E O FUTEBOL DE MULHERES NO BRASIL:
O QUE NOTICIAM SOBRE ELAS?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação Física. Área de concentração: Esporte e suas Manifestações.

Aprovada em ____ de _____ de 2016, pela Banca Examinadora composta por:

Prof. Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

Prof. Dr. Anderson Ferrari
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Profa. Dra. Ludmila Nunes Mourão (Orientadora)
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

Esta dissertação é dedicada às mulheres futebolistas, que entregam suas vidas ao esporte, e lutam diariamente por reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

É chegada a hora de agradecer! Primeiramente à Deus pelo dom da vida, por ter iluminado meus passos e ter sido onipresente durante todo esse processo, não me deixando desanimar diante das dificuldades, sem Ele, nada disso seria possível.

Ao meu pai Geraldo pelo carinho e apoio e, mesmo distante em algumas horas devido à correria do dia-a-dia, sempre esteve presente, agradeço também pelos almoços de sábado que foram importantes momentos de descanso e descontração.

À minha mãe Vivian, pelo exemplo de profissional dedicada, mãe maravilhosa e pessoa incrível que vibrou e chorou junto comigo desde o primeiro dia quando soube da minha aprovação no Mestrado, nunca deixando de me oferecer ambiente favorável para os estudos, sempre compreendendo e respeitando os meus momentos solitários, essenciais para a construção desta pesquisa.

Aos meus irmãos Marianne e João Victor, pela paciência, pelo respeito e pelo apoio total e incondicional a este projeto. Obviamente, nada disso seria possível sem essa ajuda! AMO VOCÊS!

Não poderia me esquecer da minha “segunda mãe” Rosana, mais conhecida como Bá, sempre bondosa, dedicou sua vida à nossa família. Atribuo essa conquista também a você!

Agradeço ao meu namorado Lucas que vivenciou todo esse processo no qual imergi, me auxiliando a todo o momento através de gestos e palavras de incentivo nos momentos difíceis, acompanhando de perto minha transformação. Obrigada por tudo!

À querida professora e orientadora Dra. Ludmila Mourão, pela serenidade de sempre, por me guiar nas leituras e na escrita de maneira exemplar, e sobretudo, obrigada pela confiança que depositou em mim, e por acreditar em meu potencial.

Ao professor Dr. Anderson Ferrari que muito contribuiu para o crescimento e amadurecimento desta dissertação, tanto na qualificação quanto na defesa.

Ao professor Dr. Osmar Moreira de Souza Júnior, que mesmo à distância, se dispôs prontamente a contribuir na qualificação e na defesa.

À professora Dra. Cláudia Thomé pela participação e pertinentes contribuições na banca de qualificação.

Aos professores suplentes, Dr. Silvio Telles e Dr. Roney Polato, pela disponibilidade e auxílio no desenvolvimento deste trabalho.

Aos professores/as-amigos/as do Studio de Dança Vivian Mockdece, Márcia, Carla, Sandra, Herbert e Guto por sempre estarem disponíveis nos momentos que precisei me

ausentar das aulas. Às alunas, alunos, mães, pais e amigos/as dessa escola, pois sem vocês para alegrarem meus dias, tudo seria mais difícil.

Aos meus sogros Northon e Marilá, também à minha cunhada Lorena, ao meu cunhado Leo e aos tios e tias, os de perto e os de longe, pelo carinho e apoio desde sempre.

Aos membros do Grupo de Estudos em Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade (GEFSS), vocês foram extremamente importantes nos momentos de leitura e contribuições para esta versão final. E como diria minha orientadora: “uma dissertação a gente não faz sozinho”. Muito obrigada!

Amigos/as do GEFSS em especial Ayra, Vera, Letícia, Igor, Mariana, Karine pela convivência diária, pelas risadas e pelos auxílios sempre pertinentes para a escrita desta dissertação.

Aos/as amigos/as da vida, em especial à minha amiga de infância Vanessa, que mesmo de longe acompanhou mais esse desafio.

Agradeço à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e à Faculdade de Educação Física e Desportos (Faefid), em especial ao secretário do Programa de Pós-Graduação da Faefid, Roberto, sempre disponível para esclarecer nossas dúvidas, auxiliando logisticamente desde o início.

Por fim, agradeço à CAPES e à Fapemig pelo financiamento durante o primeiro e o segundo ano do Mestrado, respectivamente.

*“Uma mente que se abre a uma nova ideia jamais voltará
ao seu tamanho original” Albert Einstein*

RESUMO

Esta dissertação busca compreender como são veiculadas as notícias das mulheres futebolistas no ciberespaço, mais especificamente, no webjornalismo (Globoesporte.com). Visa também descrever as maneiras pelas quais o público leitor interpreta os discursos midiáticos e interage entre si e com as reportagens sobre as mulheres no futebol. Partimos de uma perspectiva teórica metodológica pós-estruturalista, presumimos que os discursos midiáticos são construídos de maneira atender interesses generificados na veiculação das notícias de homens e mulheres no futebol. Para atender a esses objetivos utilizamos a etnografia virtual. O período de coleta dos dados ficou compreendido entre Abril e Junho de 2015, na medida em que abarcou importantes campeonatos de mulheres com visibilidade nacional e internacional, como o Campeonato Paulista, os Jogos Pan-Americanos e a Copa do Mundo FIFA. As reportagens publicadas no *site* Globoesporte.com sobre as mulheres no futebol e selecionadas pelo estudo foram trinta e quatro e os comentários totalizaram seiscentos e doze. O material empírico foi analisado a partir de três temáticas, a saber: Feminilidades em jogo: imagens e discursos (midiáticos) no futebol de mulheres; Impedimentos de gênero: quando será a vez delas? e “Desenvolvimento do futebol feminino”: agendas para as mulheres. Essas temáticas foram atravessadas pela Interpelação. De maneira geral, verificamos que os discursos midiáticos e a maioria dos comentários são performativos, ou seja, são construídos e constituídos socialmente através de atos reiterados na cultura. Essa repetição estabelece normas cristalizadas sobre corpo, sexualidade, feminilidade e identidade de gênero para as jogadoras de futebol presentes nas reportagens, valorizando a beleza física das atletas quando essas atendem determinados traços corporais. Também reforçam a hierarquia de gênero, através da valorização de títulos conquistados por técnicos homens, e opiniões de “especialistas” que mantém o *status quo* no qual as mulheres ocupam lugares inferiores aos homens, tanto no que concerne às habilidades para o jogo quanto para a ocupação de cargos de gestão esportiva. Apesar de destacar em seu discurso as agendas e projetos a curto prazo que visam o desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil, percebemos que o próprio globoesporte.com traz as notícias delineadas de pré julgamentos e preconceitos e que muitas vezes não fazem jus às conquistas das atletas, invisibilizando e enviesando informações acerca do futebol praticado por mulheres. Também em alguns momentos o Globoesporte.com “erra o alvo”, deixando de corresponder às expectativas dos/as leitores/as, que cobram por mais informações acerca do futebol de mulheres. Concluímos que a desconstrução acerca das mulheres no futebol deve ser feita através das mídias paralelas, bem como através das redes sociais, que se constituem na atualidade importantes ferramentas de disseminação de informações e através das quais, usuários e usuárias possuem mais liberdade de comunicação e expressão. Além disso, pesquisadoras e pesquisadores devem se mobilizar para além do ambiente acadêmico, buscando debater suas pesquisas com a sociedade, sensibilizando um maior número de pessoas à sua volta.

Palavras-chave: Futebol de mulheres. Feminilidade. Gênero. Mídia esportiva.

ABSTRACT

This dissertation seeks to understand how news about women soccer players are transmitted in cyberspace, specifically, on web journalism (Website: *Globoesporte.com*). It also aims to describe how readership comprises the media discourse, interacting with one another and with reports about women in football. From a theoretical-methodological post-structuralist approach, we assumed that media speeches are built in such a way to fulfill gendered interests when news about men and women in football are broadcasted. In order to meet those purposes, we used virtual ethnography. The data collection period was between April/2015 and June/2015, in that some important national and international women championships took place, such as the tournament from the State of São Paulo, Pan American Games and FIFA's World Cup. Within the reports published on the website *Globoesporte.com* about women in soccer, we had selected thirty-four for the paper and the comments totaled six hundred and twelve. The empirical material was then analyzed as of three topics, namely: "Femininities in game: images and speeches (of media) on women's football"; "Gender impediments: when will be their turn?" and "Development of female football: schedule for women". Those themes have been crossed by interpellation. In general, we could verify that media discourse and most of the analyzed comments are performative, that is, they are socially built and constituted through reaffirmed acts in culture. This reoccurrence sets sound standards about body, sexuality, femininity and gender identity for the women soccer players appearing in the reports, and yet, values the athletes' physical beauty when those fit into given body traits. That repetition also reinforces the gender hierarchy, through the value of awards won by male coaches, and opinions of "experts" that keep the *status quo* in which women occupy lower places than men, both as regards women soccer game's skills as occupation of sports management. Despite highlighting on its speech the schedules and projects short term that aim to develop soccer for women in Brazil, we could realize the *Globoesporte.com* itself reflects the news outlined by prejudgments and prejudice and often not doing justice to the athletes' accomplishments, making invisible and biased information about soccer played by women. Also, we noticed, at time, *Globoesporte.com* "misses the mark", not corresponding to the readers' expectations, who claim for more information on female soccer. We concluded that the deconstruction near women in soccer should be made through parallel medias, as well as the social networks, which are in the present an important tool to disseminate information and through female and male users have more freedom of communication and expression. Furthermore, female and male researchers should mobilize themselves for beyond the academic environment, seeking to debate their researches with society, raising awareness in more people around them.

Key-words: Female soccer. Femininity. Gender. Sports media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Popularidade do portal globo.com	46
Figura 2: Informações sobre o portal globo.com.....	46
Figura 3: Perfil dos usuários e número de audiência.....	47
Figura 4: Perfil - números de audiência.....	47
Figura 5: Anuncie conosco: globo.com.....	48
Figura 6: Montagem das figurinhas. R6 “Coleção de musas: álbum do Mundial feminino começa a ser vendido”	66
Figura 7: R32 “O futebol feminino é esquecido no Brasil. Atletas do Fla querem mais”	69
Figura 8: R17 " Musa da TV Tamires comenta encarada no túnel e saudade do filho"	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CND - Conselho Nacional de Desportos

FIFA - Fédération Internationale de Football Association

GEFSS Grupo de Estudos de Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade

UFJF Universidade Federal de Juiz de Fora

UFV Universidade Federal de Viçosa

SUMÁRIO

1 O PONTAPÉ INICIAL.....	14
2 REVENDO A LITERATURA.....	20
2.1 Notas sobre o gênero e as práticas corporais e esportivas	20
2.2 Brasil, país do futebol... Pra quem?	25
2.3 Uma experiência fundadora da mídia esportiva: o Jornal dos <i>Sports</i> , as mulheres e suas (belas) performances	35
3 CONSTRUINDO OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	42
3.1 O site da pesquisa: um pouco do Globoesporte.com	44
3.1.1 Mídia, História e Poder: Como se constitui o Grupo Globo na sociedade brasileira?	48
3.2 A coleta de dados	52
3.3 Critérios de inclusão	54
3.4 O tratamento dos dados.....	55
4 WEBJORNALISMO ESPORTIVO: UM JOGO DE DISCURSOS E IMAGENS.....	59
4.1 Algumas considerações sobre a Interpelação	59
4.2 Feminilidades em jogo: imagens e discursos (midiáticos) no futebol de mulheres.....	63
4.3 Impedimentos de gênero: quando será a vez delas?	81
4.4 “Desenvolvimento do futebol feminino”: agendas para as mulheres	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS	108
ANEXO I – “Futebol feminino uma hora dessas?” (R1 – 09/04/2015).....	114
ANEXO II – “Criação de ‘Seleção Permanente’ divide opiniões no futebol feminino” (R2 – 09/04/2015).....	116
ANEXO III – “Futebol feminino: Marco Aurélio quer opiniões de Bernardinho e Zé Roberto” (R5 – 15/05/2015)	119
ANEXO IV – “Coleção de musas: álbum do Mundial feminino começa a ser vendido” (R6 - 20/05/2015)	127
ANEXO V – “FIFA impulsiona força-tarefa em prol do futebol feminino no Brasil” (R7 – 20/05/2015).....	130
ANEXO VI – “Questão cultural: Ana Paula defende apelo estético no futebol feminino” (R9 - 21/05/2015)	133
ANEXO VII – “‘Musa da TV’, Tamires comenta encarada no túnel e saudade do filho” (R17 12/06/2015)	135

ANEXO VIII – “Quinze gols em Copas, cinco vezes melhor do mundo: prazer, Marta” (R18 12/06/2015)	139
ANEXO IX - A vez delas? Mulheres são cotadas para Fifa, e personalidades opinam (R19 – 15/06/2015)	143
ANEXO X – “Futebol feminino, terra de técnicos? Homens dominam cargos no Mundial” (R21 – 17/06/2015).....	147
ANEXO XI - “Marta defende projeto, alerta críticos e diz: “Na hora de ajudar ninguém ajuda”” (R25 – 22/06/2015).....	150
ANEXO XII – ““O futebol feminino é esquecido no Brasil.” Atletas do fla querem mais” (R32 – 17/07/2015)	153
APÊNDICE A – Títulos das reportagens analisadas.	163

1 O PONTAPÉ INICIAL

Experiência é o que nos passa, nos acontece, o que nos toca. (Jorge Larrosa Bondía, 2002)

Pensando em como cheguei até aqui, me inspirei na experiência, nos acontecimentos ocorridos, que ultrapassam o conhecimento acadêmico ou as informações que precisei me apropriar para a escrita desta dissertação. Dessa forma, para que eu pudesse ser tocada pela experiência, precisei parar: para escutar, para olhar, ir mais devagar, isto é, precisei imergir em um processo de profunda transformação, na qual exercitei também a arte da paciência e do permitir-me tempo e espaço.

Dito isso, a partir do meu ingresso na Faculdade de Educação Física em 2006, eu estava tomada por um único objetivo: ser professora de dança. Sou bailarina desde os dois anos de idade, e pertencço a uma família onde “todas as meninas nasceram bailarinas” (e os meninos, curiosamente, não!). No entanto, esse “destino” nunca havia me incomodado, pelo contrário, sempre amei dançar!

Tratando essa prática com naturalidade, faço uma analogia com Marc Augé¹ (1994) em sua obra *Não Lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*, pois, pensava que a prática da dança era o meu Lugar Antropológico, construtor de minha identidade, e por meio da qual deveria traçar meu caminho profissional e minha trajetória acadêmica. Tornei-me, então, professora de *ballet* clássico e sapateado, fiz especialização na área, e em 2012 ingressei no grupo de pesquisa GEFSS² da Universidade Federal de Juiz de Fora, buscando aprofundar meus conhecimentos na dança. Até então pensava que minha trajetória não tomaria um caminho diferente.

Entretanto, em 2014 quando ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora, permiti que novas realidades atravessassem minhas reflexões e vida e, dessa forma, passei a me identificar como um sujeito de experiência, que:

¹ Tomamos a decisão, a fim de manter uma coerência da temática da pesquisa com a escrita, de citar os nomes completos dos autores e autoras que contribuíram para a construção desta dissertação. Dessa forma, é possível visibilizar sobretudo as mulheres produtoras de conhecimento.

² GEFSS - Grupo de Estudos de Gênero, Educação Física, Saúde e Sociedade, coordenado pela professora Doutora Ludmila Mourão da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. (...) Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação (JORGE LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24-26).

Permiti dar espaço, sobretudo, para novos acontecimentos a partir de leituras, conversas e orientações ao longo dos estudos do mestrado e, nesse processo, saí da zona de conforto e do “mundo cor-de-rosa” da dança. Dessa forma, a partir da premissa de que pesquisas nascem de experiências, quais acontecimentos me levaram a estudar sobre mulheres no futebol representadas pela mídia? O que esta dissertação fala sobre mim?

Posso dizer que enquanto professora de Educação Física, estava socialmente míope para as tensões e naturalizações acerca, especialmente, das mulheres nos campos esportivo e social, e isso me desestabilizou, inquietou e transformou minha condição de mulher. Passei a me identificar e me subjetivar com as tensões e resistências geradas na sociedade pelo simples fato de mulheres praticarem determinadas modalidades esportivas. Portanto, lendo Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 25) percebi que a experiência “é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova”.

Mais do que um encontro, a experiência é algo que, a partir da experimentação, nos modifica a tal ponto que não nos é mais permitido sermos os mesmos sujeitos que éramos antes. Ou seja, os acontecimentos que me subjetivaram ao longo do mestrado foram decisivos para a minha transformação como sujeito mulher-pesquisadora e, conseqüentemente, para sair da dança e ir além, ir ao encontro daquilo que antes era exterior, estranho, porém, fascinante: o Futebol de Mulheres³.

Definido que iria ampliar o olhar para meu objeto de estudo, e partindo da premissa que os veículos de comunicação de massa se configuram como importantes artefatos culturais no que concerne à disseminação de representações, fomos explorar a produção acadêmica no campo da Educação Física a respeito das relações de gênero na mídia esportiva.

A partir dessa busca, observamos que de 2004 a 2014 a Educação Física Brasileira havia produzido poucos trabalhos (18 artigos), e apenas sete abordavam o futebol de mulheres

³ Osmar Moreira de Souza Júnior (2013), pertence a um grupo de estudiosos e estudiosas que escolheu utilizar em suas análises a terminologia “futebol de mulheres” ou “futebol praticado por mulheres” em detrimento de “futebol feminino”, a fim de desconstruir as representações de sexualidade e feminilidade normativamente impostas pelas instituições sociais no campo esportivo. Por esse motivo, utilizaremos nesta dissertação “futebol de/praticado por mulheres”, bem como “futebol de/praticado por homens”. Entretanto, poderá ser encontrado ao longo do texto o termo — futebol feminino/masculino, pois, este ainda se faz presente em artigos, em textos de organizações esportivas e nos discursos midiáticos.

nos meios de comunicação, seja como atletas, treinadoras ou gestoras. No que diz respeito aos tipos de mídia analisadas, apenas quatro trabalhos utilizaram mídias *online*, sejam elas *sites* ou edições *online* de jornais impressos.

A revisão da produção sobre gênero e mídia, nos possibilitou refletir sobre alguns achados destas publicações, que deram destaque para uma frequência maior das notícias sobre os homens e seus feitos no esporte, bem como de quando o esporte é praticado pelos homens. As matérias ressaltam suas qualidades técnicas e, quando praticados pelas mulheres, o foco são seus atributos físicos. Outra observação aponta que uma dada feminilidade na prática esportiva por mulheres é sempre destacada, além da cobertura de eventos esportivos das mulheres ser sub-representada pelos veículos de comunicação.

Percebemos também que o tema do futebol de mulheres representado pela mídia *online* foi pouco explorado pelas pesquisas. Apenas Euza Gomes *et al.* (2012) e Silvana Goellner, Paula Botelho e Paula Gomes (2013) abordaram mais especificamente a modalidade e o meio de comunicação. Diante dessa lacuna, justificamos nossa escolha pela análise do futebol de mulheres em um *site* esportivo: o *Globoesporte.com*, que veicula o esporte na atualidade com dinamismo, rapidez e abrange um número irrestrito de pessoas.

Assim, entendemos que a mídia veicula representações e, juntamente com outros meios de comunicação e com a própria vivência cotidiana, nos ajuda a compreender o mundo em que vivemos, ainda que, na maioria das vezes, por meio de estereótipos. Nesse sentido, “são parte do sistema de produção discursiva das sociedades capitalistas e, como tal, são portadores de representações sociais acerca da sociedade à qual se dirigem e na qual foram concebidos”, nas palavras de Edison Gastaldo (2013, p. 47).

Dessa forma, tomamos a mídia, mais especificamente, o *webjornalismo* ou mídia *online*⁴ como um novo meio de divulgação da notícia esportiva. Através de artefatos provenientes da pós-modernidade, como: *notebooks*, *tablets*, *smartphones*, ligados a uma rede, é possível obter informações sobre jogadores, resultados das partidas, entre outras, em qualquer momento ou em qualquer lugar.

Essa nova dinâmica social nos motiva a estudar as representações de gênero no esporte provenientes deste novo campo. Pierre Musso (2006) aponta que as estruturas em conexão são compostas por pessoas e computadores, associados a redes mais amplas como a

⁴ Tomamos como sinônimos ambos os termos.

Internet, interconectadas no ciberespaço⁵, produzindo uma nova existência, formando uma nova configuração de sociedade.

Muniz Sodré (2006) diferencia em seu texto *Etnicidade, campo comunicacional e midiatização*, os conceitos de mediação e midiatização. Mediação quer dizer fazer ponte entre duas partes. Toda cultura possui mediações, como a linguagem, as artes, as leis. Essas mediações são um lugar simbólico, fonte de todo conhecimento cultural de uma sociedade.

Destacamos nesta pesquisa a midiatização, que seria uma ordem das mediações concebidas socialmente através de uma espécie de prótese (*medium*) capaz de prolongar o corpo humano. Seria uma extensão do sujeito, porém, não é manipulável por ele. A prótese midiática (*medium*) possui características próprias e sugestões de conduta, não dissociada do indivíduo, assim como a capacidade de modificar a realidade vivida, isto é, a midiatização se configura na sociedade pós-moderna como uma nova maneira de existir e se localizar no mundo.

É essa nova interação que pretendemos trazer para o trabalho, visto que a midiatização interfere não somente na vida das pessoas, mas, na maneira de ser desses indivíduos e nas suas relações, reconfigurando a sociedade como um todo. Dessa forma, o virtual já se torna realidade a partir do momento em que, para uma grande parcela da população, essa nova existência se torna essencial.

A midiatização é considerada um novo *bios*, ou seja, uma forma de existência humana específica e nova, o então chamado *quarto bios*⁶ ou *bios midiático*. A tecnocultura – construída pelos meios de comunicação e pelo mercado – sugere uma nova “tecnologia perceptiva e mental”, uma nova relação do sujeito com as suas referências concretas e com a noção de realidade. Essa relação seria uma nova visão antropológica da realidade vivida (MUNIZ SODRÉ, 2006).

Pierre Bourdieu (1997) observa que os meios de comunicação de massa, baseados nas demandas dos consumidores, transmitem princípios e visão de mundo através de “óculos especiais”, fazendo as pessoas visualizarem a realidade a partir de determinadas lentes, decidindo o que é importante para ser veiculado, nivelando as informações e promovendo uma “homogeneização das hierarquias de importância”.

⁵ O ciberespaço, ou rede, é o novo espaço, novo meio de interação das pessoas, que surgiu da interconexão mundial dos computadores, produzindo um tipo de espaço-tempo eletrônico concretizado pelas redes de comunicação e pelas interconexões dos computadores multimídias (PIERRE LÉVY, 1999).

⁶ Aristóteles fala de três *bios* que fazem parte da vida dos sujeitos: do conhecimento, do prazer e da política. Muniz Sodré (2006) considera, a partir do conceito de Aristóteles, a mídia como o quarto *bios*, o *bios midiático*, virtual.

Destacamos que este estudo busca compreender a mídia para além do “poder dos jornalistas” ou o jornalismo como “quarto poder”⁷, e investiga de que maneira os mecanismos midiáticos virtuais, baseados nas exigências culturais, de mercado e de audiência, agem sobre o campo esportivo, mais especificamente, o futebol de mulheres.

Através desta nova realidade, julgamos importante buscar compreender como essas “lentes” atravessam as práticas esportivas, pois, é através delas que grande parcela da população brasileira representa o campo esportivo. E mais do que isso, é preciso adentrar no campo para perceber como as notícias esportivas são arranjadas de maneira a representar as mulheres no futebol.

Partindo da premissa de que há diferenças na veiculação de informações entre homens e mulheres no esporte, consideramos como objetivo geral: compreender as maneiras pelas quais as reportagens articulam os discursos (práticas discursivas e não-discursivas) e geram ou reproduzem representações para o público leitor.

A partir daí, formulamos os seguintes objetivos específicos: 1. Descrever a construção dos processos discursivos (imagens e discursos) a respeito do futebol de mulheres no *site* Globoesporte.com; 2. Verificar quais atravessamentos de gênero/sexo/sexualidade bem como feminilidades são desencadeados pelos processos discursivos; 3. Descrever as maneiras pelas quais os/as leitores/as interpretam os discursos midiáticos e interagem entre si e com as reportagens sobre as mulheres no futebol no *site* Globoesporte.com.

O presente trabalho se debruça sobre os discursos, as imagens midiáticas e a interação dos leitores através dos comentários acerca do futebol praticado pelas mulheres na sociedade brasileira.

Nesse contexto, tomamos algumas decisões no que concerne às perspectivas teóricas metodológicas norteadoras deste trabalho. Guacira Lopes Louro em *Conhecer, pesquisar, escrever...* (2007) destaca a estreita relação da forma de escrever com as decisões políticas e teóricas que cometemos ao longo do texto: “Ter sempre em mente que a forma como se escreve (ou se fala) está articulada, intimamente, à forma como se pensa e se conhece” (p. 236).

Nossas escolhas políticas e teóricas, assim como as da autora, nos permite um constante autoquestionamento à medida que desconfiamos das respostas prontas, conclusões cheias de certezas, bem como os binarismos e a homogeneidade, pois, satisfazer-se de

⁷ A expressão “quarto poder” é uma referência a um novo tipo de poder aliado ao Executivo, ao Legislativo e ao Judiciário que regem o país. Juntamente a eles, o poder midiático contribui para a imposição de regras sociais e de conduta dos sujeitos (PEDRINHO GUARESCH, 2007).

respostas “prontas” pode significar, algumas vezes, descansar, ou até mesmo parar de se empenhar (GUACIRA LOPES LOURO, 2007).

Portanto, utilizaremos autoras e autores pós-estruturalistas que convergem com nossas escolhas, e que nos permitirão compreender os fenômenos da atualidade e as instituições que se reconfiguraram a partir das novas demandas sociais da pós-modernidade⁸.

⁸ Esta dissertação se encontra em um tempo histórico e social denominado Pós-Modernidade, que se inicia no final do século XX e se estabelece até os dias atuais. Denominada “Modernidade Líquida” ou “Supermodernidade”, nomes que variam de acordo com o/a autor/a, a pós modernidade é marcada por uma crise das identidades, e acordo com Zygmunt Bauman (2001), as identidades construídas na pós-modernidade possuem características de “fluidez, instabilidade, leveza” com sua forma facilmente modificada. Antes, aquilo que possuía característica de estabilidade, fixação em determinado local, era visto como alicerce na construção de valores, na atualidade, é percebido como potencialmente prejudicial em vista de novas oportunidades que podem emergir em diferentes lugares. “Agora é o menor, mais leve, mais portátil que significa melhorias e “progresso”. Mover-se leve e não mais aterrar-se a coisas vistas como atraentes por sua confiabilidade e solidez, é hoje recurso de poder” (ZYGMUNT BAUMAN, 2001; p. 21). Esse fenômeno ocorre também devido aos avanços tecnológicos, às novas maneiras das pessoas se relacionarem, através da rede, estabelecendo novas e diferentes relações sociais, reconfigurando a sociedade.

2 REVENDO A LITERATURA

2.1 Notas sobre o gênero e as práticas corporais e esportivas

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher. (Simone de Beauvoir, 1980)

Iniciamos este capítulo com a célebre frase de Simone de Beauvoir (1980), na qual refuta a ideia de que destino biológico, psíquico ou econômico são definidores das formas pelas quais as mulheres e os homens se comportam na sociedade. Para a autora, a civilização, ou seja, o meio social, elabora “o produto intermediário entre o macho e o castrado, que se qualifica como feminino” (p. 9).

É importante destacar a relevância de Simone de Beauvoir para os estudos das mulheres, à medida que é o primeiro grande e detalhado ensaio que analisa a hierarquia dos sexos, bem como a opressão da mulher em termos históricos, sociais e políticos. A pensadora foi uma das precursoras a questionar as práticas cotidianas relativas às mulheres como sendo culturais e não biológicas.

Nesse contexto, a autora ajudou a traçar os caminhos do feminismo, apesar de não ser uma feminista. A primeira onda do feminismo⁹, que teve sua atenção voltada para o movimento sufragista, reivindicava o direito ao voto para as mulheres. No Brasil, esse movimento teve início em 1890, juntamente com a Proclamação da República e finda, mais de quarenta anos depois, com a Constituição de 1934, a qual estende às mulheres o direito ao voto. Além da luta pelo sufrágio, as feministas da primeira onda também reivindicavam condições dignas de trabalho, direito à educação e o exercício da docência. Com estas conquistas, embora com alguma lentidão, a condição da mulher brasileira inicia sua transformação.

Já a segunda onda, compreendida entre os anos 1960 e 1970, possui um caráter mais acadêmico, quando são reivindicadas pesquisas que denunciasses e, sobretudo, compreendessem a subordinação social e invisibilidade política e econômica em que as mulheres foram historicamente submetidas (DAGMAR MEYER, 2003).

As estudiosas se depararam com o desafio de demonstrar para a sociedade que as características anatômicas e fisiológicas de mulheres e homens não eram definidoras das desigualdades sociais, mas, a (des)valorização destas características, femininas ou masculinas,

⁹ O termo “onda” foi criado pelas próprias feministas a fim de sistematizar as ações políticas e sociais das mulheres bem como os estudos de gênero ao longo da história.

que são o cerne da desigualdade de gênero, que desencadeia uma supremacia de um sexo com relação ao outro.

Essas desigualdades estão presentes nos discursos de instituições sociais formadoras dos sujeitos, como: a igreja, a escola, a família e os meios de comunicação. Nas palavras de Dagmar Meyer (2003, p. 14) sobre a segunda onda do feminismo:

O que algumas delas (feministas) passariam a argumentar, a partir daqui, é que são os modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais reconhece e se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir, efetivamente, o que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade em uma dada cultura, em um determinado contexto histórico.

A historiadora Joan Scott (1995), cujo trabalho foi direcionado na década de 1980 para a história das mulheres, a partir de uma perspectiva de gênero, é uma das mais importantes pensadoras da segunda onda do feminismo, pois, propõe em seu texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* uma análise de gênero como relacional, ou seja, não é possível estudar historicamente as mulheres na sociedade sem que haja uma relação com os homens e com outras categorias.

A partir de Joan Scott, os estudos antes direcionados somente para as mulheres foram alargados:

(...) não se pode conceber mulheres, exceto se elas forem definidas em relação aos homens, nem homens, exceto se eles foram diferenciados das mulheres. Além disso, uma vez que o gênero foi definido relativo aos contextos social e cultural, foi possível pensar em termos de diferentes sistemas de gênero e nas relações daqueles com outras categorias como raça, classe ou etnia, assim como levar em conta a mudança (SCOTT, 1995, p. 87).

Nessa perspectiva, Berenice Bento (2015) aponta o gênero como um primeiro “carimbo social”, ou seja, uma marca inicial que nos constitui e nos constrói ao longo da vida, interferindo nas nossas práticas cotidianas. O gênero se constitui para além dos papéis sociais destinados a homens e mulheres, ele se faz presente no interior das relações.

Joan Scott busca desconstruir, de fato, alguns vícios sociais, como a oposição universal e atemporal entre homens e mulheres. Sem negar as diferenças sexuais dos corpos, a autora analisa que a partir de tais diferenças são construídos saberes e práticas adequados para cada sexo.

Essas distinções sociais entre os corpos, algumas vezes, podem suscitar em hierarquizações e classificações, no que concerne às relações de trabalho, às tarefas domésticas, a um maior ou menor acesso à diferentes posições sociais, rotulando os trabalhos ou afazeres como mais ou menos valorizados a partir das distinções dos sexos.

Já na perspectiva pós-estruturalista, protagonizada pelas obras de Judith Butler, as categorias “mulheres, homens, sexualidades e gêneros” são consideradas múltiplas e instáveis, e características dos sujeitos no processo de formação identitária da pós-modernidade:

Em algumas explicações, a ideia de que o gênero é construído sugere um certo determinismo de significados do gênero, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a "cultura" relevante que "constrói" o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo na formulação de que a biologia é o destino (JUDITH BUTLER, 2012, p. 26).

O feminismo pós-estruturalista se opõe aos binarismos, e procura destacar que as maneiras de vivenciar e experimentar as masculinidades e as feminilidades são diversas e plurais, construindo-se nas relações sociais. Essa concepção nos liberta da noção de masculino e feminino fixada na cultura em que vivemos, e permite-nos perceber que existem diferentes mulheres e homens, que vivenciam suas experiências de acordo com suas características e individualidades, independentemente da cultura.

Essa ideia que possibilita a subversão é uma das características mais marcantes do feminismo pós-estruturalista, pois, nos permite compreender e analisar as mulheres em espaços antes destinados apenas aos homens, bem como desconstruir os discursos que engendram as mulheres no meio social. Nas palavras de Silvana Goellner (2013, p. 29):

Ao romper com os binarismos, os estudos de gênero e feministas pós-estruturalistas colocam em questão a universalização da categoria “mulher” (e também “homem”), visibilizando que cada um desses polos possui várias possibilidades, o que, conseqüentemente, gera múltiplas formas de masculinidade e feminilidade.

No entanto, Judith Butler nos esclarece que nascemos em um mundo onde as estruturas que determinam nosso sexo, gênero e sexualidade, bem como os discursos e agências que condicionam nossas escolhas, estão ali desde sempre. Portanto, a liberdade de subversão das normas é possível, mas, não devemos desconsiderar as estruturas que agem fortemente em nossos corpos, em nossos movimentos. Dessa forma, as categorias “sexo” e

“gênero” não são causas, mas, “efeitos” de um processo social generificado: “Tudo que existe é apenas a escolha dos instrumentos onde eles estão, sendo que a própria escolha é tornada possível pelo fato do instrumento estar ali” (JUDITH BUTLER, 2012 *apud* SARA SALIH, 2015, p. 94).

Os instrumentos são passíveis de serem escolhidos pelos sujeitos a partir do momento que sabemos da existência deles. Por esse motivo, a formação da identidade de gênero é um processo inacabado, construído no discurso através de uma sequência de atos que se repetem e são reiterados constantemente ao longo da vida. Sara Salih (2015, p. 56) aponta que “o sujeito de Butler é um ator que simplesmente se põe de pé e ‘encena’ sua identidade num palco metafórico de sua própria escolha”. Esse “palco metafórico” encontra-se pré-definido antes mesmo do nascimento.

Para Judith Butler (2012) nossa identidade sexual e de gênero são obtidas através de “atos performativos”. O conceito de performatividade¹⁰ é uma das principais contribuições da autora para os estudos de gênero, pois, declara que as identidades são uma “sequência estilizada de atos”, ações que cometemos ao longo da vida. Isso pressupõe que estamos sempre em um processo de construção e, dessa forma, Judith Butler (2012) nos fala que a categoria “mulher” “é um processo, um devir, um construir no qual não se pode dizer legitimamente que tenha origem ou fim. Como uma prática discursiva contínua, ela está aberta a intervenção e à ressignificação” (*apud* SARA SALIH, 2015, p. 66).

Esses processos de construção das identidades ocorrem dentro de um sistema de linguagem e de diferença que, nas palavras de Sara Salih (2015, p. 53), quer dizer:

O conceito de *différance* elaborado por Derrida faz alusão ao modo pelo qual o significado nunca está presente por si mesmo, mas depende do que está ausente. Seria, assim, possível dizer (como faz Derrida) que na linguagem há apenas diferenças sem que haja termos positivos.

Na linguagem, uma palavra sem um sistema de significação perde o sentido, pois, elas adquirem significado em relação a outras palavras e a um contexto. O sujeito produz sua identidade sexual e seu gênero em um sistema discursivo e linguístico, a partir de uma diferenciação com relação ao que ele não considera ser. Em outras palavras, um sujeito somente sabe que é heterossexual quando existem outras formas de sexualidades possíveis de

¹⁰ Judith Butler diferencia os conceitos de *performance* de performatividade. O primeiro supõe um sujeito anterior ao discurso, que escolhe e encena livremente suas identidades. Já no segundo conceito, que é utilizado para explicar a construção das identidades de gênero, bem como o sexo, pressupõe que o sujeito não está onde esperamos que ele esteja, ou seja, “atrás” ou “antes” de seus feitos (SARA SALIH, 2015, p. 66).

serem vivenciadas na cultura, não havendo sentido a palavra “heterossexual” desvinculada de um contexto.

Corpos considerados pela sociedade como “comuns” ou “normais” são produzidos através de uma série de artefatos culturais e marcas de gênero. Gestos e atitudes – assim como práticas esportivas – de uma determinada cultura podem se estabelecer como corretos, adequados ou legítimos, e as pessoas se valem de signos para se apresentarem ou para se diferenciarem umas das outras (GUACIRA LOPES LOURO, 2004).

Nesse sentido, Dagmar Meyer (2003) aponta que o gênero engloba todas as instâncias, sejam elas culturais, linguísticas ou sociais, privilegiando a análise e a crítica dos processos de construção das distinções percebidas entre os sujeitos. Ou seja, esta categoria se presta a uma desconstrução de discursos de naturalização das práticas cotidianas a partir dos corpos sexuados. Para Silvana Goellner (2013, p. 25): “Os discursos acomodam-se no corpo e os generificam”.

Essa noção mais abrangente do gênero nos permite considerar que este é construído, é um processo, como já apontado, mas também é algo que “fazemos” e não algo que “somos”, uma vez que todo gênero é social:

Butler se afasta da suposição comum de que sexo, gênero e sexualidade existem numa relação necessariamente mútua, de modo que se, por exemplo, alguém é biologicamente fêmea, espera-se que exiba traços “femininos” e (num mundo heteronormativo, isto é, num mundo no qual a heterossexualidade é considerada a norma) tenha desejo por homens (SARA SALIH, 2015, p. 67).

A relação *sine qua non* entre o gênero e o corpo sexuado se torna obsoleta, uma vez que pode existir um corpo considerado de mulher, mas, que não necessariamente exiba traços femininos. Essa diversidade de corpos, que não se encaixam nos moldes engendrados socialmente, é visualizada com facilidade no esporte, na medida em que essa prática se configura de maneira a acolher e exibir diferentes feminilidades e masculinidades.

De acordo com Silvana Goellner (2013), as análises feitas através de uma lente de gênero possibilitam compreender que as práticas corporais e esportivas não são “naturalmente” masculinas ou femininas e, como qualquer instância social, são constituídas como um campo de generificação, (re)produzindo desigualdades e diferenciações sociais. Ainda segundo a autora, as marcas de gênero presentes em uma determinada cultura, apesar de efêmeras, são capazes de deixar marcas em nossa pele, em nossos gestos e em nossos movimentos.

Os estudos feministas e de gênero ocuparam o campo acadêmico e profissional da Educação Física brasileira a partir do final dos anos 1970. Entretanto, Silvana Goellner (2013) ressalta que a produtividade nesse campo se debruça mais enfaticamente nas diferenças anatômicas e fisiológicas entre homens e mulheres, em detrimento de fatores do culturais e sociais.

A autora ainda destaca a importância de desconfiar das recomendações baseadas no sexo biológico, no que se refere às práticas corporais e esportivas:

Pensar essa representação no campo da Educação Física implica deixar de observar o corpo como um dado natural e universal sobre o qual agregam valores, atitudes, comportamentos, gestualidades e *performances* (...). Nesse sentido, as justificações biológicas que fundamentam as recomendações diferenciadas para mulheres e homens, meninas e meninos, no âmbito das práticas corporais e esportivas merecem, no mínimo, serem observadas com desconfiança (IBIDEM, p. 28).

Uma das maiores contribuições, ainda segundo a autora, que os estudos de gênero tiveram para o campo da Educação Física, foi a desnaturalização dos corpos que foram, e ainda são, analisados por vertentes associadas ao determinismo biológico, sustentando a ideia de que as diferenças sociais e econômicas visualizadas nos grupos são “distinções herdadas e inatas” (GOULD, 1999, p. 4 *apud* GOELLNER, 2013).

Pensar as relações de gênero no campo da Educação Física significa ter em mente que o corpo é social e que os movimentos, gestos, bem como as práticas corporais e esportivas também são sociais e possuem marcas de gênero. Este fato elimina das análises a biologia dos corpos masculinos e femininos como definidores de certos comportamentos, e permite visualizar diversas formas dos sujeitos vivenciarem as masculinidades e feminilidades dentro da Educação Física. Para Silvana Goellner (2013) esse fato também “favorece a aceitação da permeabilidade entre as fronteiras corporais e não a fixidez das identidades” (p. 29).

Por esse motivo, uma análise de gênero se torna essencial no campo esportivo e também midiático, visto que esta categoria perpassa essas duas instâncias sociais, moldando e generificando os corpos e as representações sobre as mulheres, sobretudo no futebol.

2.2 Brasil, país do futebol... Pra quem?

A partir do final do século XIX, várias modalidades esportivas se propagaram pelo mundo, advindas da Inglaterra e, entre elas, nenhuma obteve tanta aceitação por outros

países, e com tanta velocidade de absorção e adaptação quanto o futebol, “nem gozou de tanta popularidade” (NORBERT ELIAS, 1985, p. 187).

A partir daí os clubes de futebol e as federações se alastraram pela Europa e, à medida que o esporte era revelado para outros países, o termo “futebol” também dominava outras línguas.

O futebol é um evento prazeroso e pode ser considerado, ao mesmo tempo, jogo, esporte, ritual e espetáculo, sendo um instrumento poderoso de disciplina das massas, “obrigando-as” a seguir suas regras, simples, mas, que não podem ser modificadas durante a partida, valendo para todos os componentes, institucionalizando e legitimando como social e autônomo o campo esportivo. Conforme Roberto Da Matta (2006, p. 145):

Talvez o futebol seja capaz disso tudo porque é uma atividade dotada de uma notável multidimensionalidade: uma densidade semântica complexa que permite entendê-lo e vivê-lo simultaneamente por meio de muitos planos, realidades, pontos de vista (...) também orquestra componentes cívicos básicos, identidades sociais importantes, valores culturais profundos e gostos individuais singulares.

No Brasil, essa modalidade esportiva transformou-se “no primeiro e, provavelmente, no mais contundente professor de democracia e igualdade” (ROBERTO DA MATTA, 2006, p. 142). O futebol está classificado entre os ícones da cultura brasileira, parte integrante do “ser nacional”.

Osmar Moreira de Souza Júnior *et al.* (2009) declaram que é possível pensarmos que o futebol no Brasil legitimou uma identidade singular e reconhecida ao redor do mundo, pois, se destaca na maneira de jogar e, principalmente, na intensidade pela qual a população vivencia a modalidade, diariamente, nas ruas ou nas quadras, nos bares e nos estádios. O futebol se faz presente também na arte, nas músicas e filmes, também nas campanhas publicitárias e na mídia, que transmite os jogos e noticia esse fenômeno diariamente.

Entretanto, ao contrário do que entende Roberto Da Matta, seria ingenuidade considerar que o futebol, apesar de toda sua popularidade, é democrático para todos e todas, pois, a sua construção na cultura popular brasileira concebe-o como um espaço de práticas sociais para homens, encontrando, por isso, uma resistência ainda maior do que em outras modalidades esportivas à inserção e prática por mulheres. Caracteriza-se na cultura como um local onde a identidade masculina se afirma: um espaço homossocial¹¹ (MIRIAM

¹¹ Miriam Adelman e Leandro Lechakoski (2011) através dos estudos de Eve Kosofsky Sedgwick (1985), analisam a categoria de homossociabilidade que seriam os espaços privilegiados nos quais personagens

ADELMAN; LEANDRO LECHAKOSKI, 2011). Nas palavras de Jorge Knijnik e Esdras Vasconcelos (2002, p. 6):

Realmente, no “espetáculo democrático”, na “lição de democracia” que tem o futebol como “primeiro professor”, não são todos que participam. As mulheres não fazem parte desta “democracia”, elas encontram dificuldades até em assistir, que dirá de jogarem a modalidade.

Ao longo da história, as mulheres têm se organizado e praticado a modalidade. No Brasil, apesar de encontrarmos dúvidas sobre os fatos¹², o primeiro jogo de futebol de mulheres que se tem registro ocorreu no ano de 1921, na cidade de São Paulo, entre as Senhoritas Tremembenses e Cantareirenses. E na década de 1930, em Pelotas - RS, Luiz Carlos Rigo *et al.* (2008) descreveram um jogo protagonizado por mulheres após a apresentação de um espetáculo circense.

Esse fato é interessante se considerarmos que, antes da segunda década do século XX, às mulheres cabia o lugar de expectadoras nos estádios e, mesmo com o espaço reduzido, elas buscavam se inserir no ambiente futebolístico masculino através de concursos de beleza e de madrinhas dos clubes, organizados pelos meios de comunicação da época. Estes acontecimentos estavam relacionados diretamente com o papel social conferido à mulher no futebol, que chamava a atenção pela beleza, elegância e o charme (ERIBERTO JOSÉ LESSA DE MOURA, 2003).

No entanto, as mulheres não se conformavam com o papel reduzido, isto é, de apenas expectadoras ou de “rainhas” dos times masculinos, pois, o futebol proporcionava nelas uma ambição em participar das partidas e, dessa forma, as mulheres passaram a ampliar sua participação na modalidade. Podemos exemplificar esse fenômeno que ocorria na década de 1940, no subúrbio carioca, o qual se tornara um novo espaço para a organização e prática do futebol pelas mulheres.

Os eventos das mulheres tinham respaldo de alguns meios de comunicação, entre eles, destacamos o *Jornal dos Sports*. Conforme observamos no título de uma das reportagens do jornal que acompanhou e veiculou informações sobre as mulheres atletas, citado por Maria Cláudia de Farias (2011, p. 4): “As equipes femininas de football no estádio do Pacaembú!

masculinos possuem relações de amizade, rivalidade e competência. Estes espaços e discursos promovem a exclusão das mulheres, visto que é um *locus* privilegiado para a construção da identidade masculina. A nação brasileira foi construída a partir de uma base patriarcal, formando instituições fruto dos espaços homosociais que “servem como um espaço de demonstrações de masculinidade”.

¹² Eriberto José Lessa de Moura (2003) encontrou em seu trabalho relatos da imprensa escrita da época de que o primeiro jogo com mulheres ocorreu no ano de 1913, porém foi uma partida protagonizada por homens *versus* mulheres, portanto, a primeira partida de futebol exclusiva de mulheres no Brasil ocorreu no ano de 1921.

Casino de Realengo e S. C. Brasileiro embarcam quinta-feira para São Paulo” (JORNAL DOS SPORTS, 1940).

Nesse contexto, o futebol passou a ser visto pelo governo como uma prática ilícita quando sinalizou que poderia estruturar-se como uma modalidade esportiva das mulheres, conquistando autonomia e reivindicando direitos que pertenciam somente aos homens. Nas palavras de Caroline Almeida (2013, p. 42), “não havia o interesse de um espaço às mulheres nessa esfera. Ao contrário, a prática por elas talvez até despertasse um sentimento de revolta por intromissão ou pela sensação de papéis subvertidos”.

Durante o Estado Novo, na década de 1940, o discurso dominante limitava a prática de alguns esportes pelas mulheres pelo fato de não condizerem com as funções da maternidade, ameaçando, mais do que este encargo, uma estabilidade social. Percebemos, então, um grande investimento por parte das sociedades ocidentais para que homens e mulheres se comportem de determinadas maneiras, cristalizando valores e atitudes a partir do sexo biológico.

As atividades físicas foram – e ainda são – instrumentos para a construção de corpos sadios e dóceis bem delimitados: corpos estes que devem ter características masculinas ou femininas bem demarcadas. Desse modo, aos homens são destinadas atividades corporais ligadas às representações de força, agressividade, e às mulheres, práticas leves, graciosas, flexíveis.

Seguindo essa linha de raciocínio, na década de 40 do século XX, através do discurso da ordem médica eugenista¹³, tornou-se oficial o Decreto Lei 3.199 de 14/04/1941, cujo Art. 54 tratava da proibição de todos os tipos de esportes que ameaçassem a “natureza feminina”, entre eles, o futebol (CLÁUDIA MARIA DE FARIAS, 2011).

Além do futebol, outras modalidades eram consideradas impróprias para o corpo e colocavam em risco a saúde das mulheres, são elas: lutas, boxe, salto com vara, salto triplo, decatlo, pentatlo, *rugby*, polo e *water-polo*. Havia também práticas esportivas que deveriam ser executadas com restrições. Um exemplo é o Remo, que poderia ser praticado, mas, não deveria objetivar a competição; algumas provas de atletismo também foram permitidas, desde que recrutassem menos esforço que as provas dos homens (SILVANA GOELLNER, 2004).

¹³ Movimento eugenista: preocupava-se com a saúde da mulher, considerando-a de suma importância para a manutenção de uma população saudável, contribuindo para o fortalecimento da “raça”. Além da preocupação com a assepsia e o controle de doenças, os eugenistas consideravam importante a prática de atividades físicas pelas mulheres, pois “mães fortes, filhos fortes”. Porém essas práticas deveriam ser aquelas que não ameaçassem a biologia da mulher, contribuindo para a manutenção de uma feminilidade hegemônica (ERIBERTO JOSÉ LESSA DE MOURA, 2003).

As autoridades médicas e esportivas na época interferiram no sentido do cumprimento da Lei, antes que as experiências com o futebol, que até então aconteciam de maneira isolada, tomassem força, simbolizando uma subversão e um afronte aos costumes sociais. Mais do que isso, simbolizava um enfrentamento à um paradigma biológico que poderia se tornar fragilizado, o qual dizia que às mulheres eram destinadas práticas esportivas e de comportamento condizentes com a sua “natureza”.

Dessa forma, é perceptível que a identidade de gênero se constrói através de atos reiterados cotidianamente nas diversas instâncias sociais e, através dos tempos, se enrijecendo ao ponto de adquirir uma aparência natural, isto é, que sempre esteve ali o tempo inteiro. (SARA SALIH, 2015)

Nesse sentido, o discurso de que a prática do futebol não era condizente com a mulher institucionalizou-se em 1965, quando o Conselho Nacional de Desportos – CND¹⁴ aprovou a Deliberação número 7, que registrava em seu artigo segundo não ser permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo aquático, *rugby*, halterofilismo e *baseball* (SILVANA GOELLNER, 2004).

Apesar das proibições de algumas modalidades esportivas, a prática de atividade física para mulheres da elite brasileira no século XX representava também certa autonomia, visto que não objetivava servir à nação ou a seu território, mas, às vontades, aos gostos e desejos próprios, facilitando a movimentação independente e livre das praticantes: “As demandas das mulheres para o esporte e a educação física eram expressão dos mais variados esforços de liberação feminina, que se tornariam cada vez mais evidentes com a maturidade do século” (LUDMILA MOURÃO, 2000, p. 7).

Modalidades consideradas mais apropriadas para o corpo feminino, como o tênis, a natação, a ginástica e a dança, serviram como um meio de emancipação e ascensão social da mulher, uma vez que eram consideradas de caráter aristocrático, social e familiar, além de fortalecerem o corpo da mulher de maneira saudável para a reprodução, e para torná-lo mais

¹⁴ O CND surgiu em 6 de abril de 1941, e foi instituído a partir de modelos semelhantes aos existentes na Alemanha nazista de Adolf Hitler e na Itália fascista de Benito Mussolini. Foi criado pelo mesmo decreto de 1940 com os objetivos de orientar, fiscalizar e promover as modalidades esportivas no Brasil. Portanto, em seu artigo 54, do Capítulo IX, determinava. “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, como beisebol, futebol de campo, de praia ou de salão, halterofilismo, lutas em geral e polo aquático. O ciclismo, o críquete, a natação, o tênis e o voleibol poderão ser praticados, desde que moderadamente”. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/novomaraca/linha-do-tempo/olimpiadas-femininas-da-primavera-no-maracana/> Acesso em: 19/10/15.

belo. Dessa forma, o estereótipo de graciosidade, beleza e elegância era reafirmado também através das práticas esportivas.

Apesar dos discursos que aprisionavam os corpos das mulheres nas práticas esportivas, a vinculação delas ao campo de maneira mais abrangente foi inevitável, causando uma desestabilização social no século XX. Ou seja, mesmo com a circulação de representações institucionalizadas de feminilidade que favoreciam o belo e o delicado, e apesar de algumas modalidades serem oficialmente interditas ao corpo feminino, “a vida lhes escapa”, na medida em que as práticas esportivas desafiavam as mulheres à violar as convenções morais da sociedade brasileira na época, ampliando a prática para diversas modalidades (SILVANA GOELLNER, 2004).

Constatamos diversas análises que verificaram a presença de mulheres se reunindo e praticando o futebol, mesmo em zona de sombra, nas décadas de 1950/1960, em cidades das regiões sul e sudeste do Brasil, entre elas: Pelotas (RS); Araguari (MG) e Rio de Janeiro (RJ). (LUIS CARLOS RIGO *et. al.*, 2008, CLÁUDIA MARIA DE FARIAS, 2011, MÁRCIA MOREL, JOSÉ GERALDO CARMO SALLES, 2006)

Percebemos, portanto, que as mulheres dos esportes proibidos, indiferentes às convenções morais e sociais, praticavam suas modalidades mesmo à margem, e ao discurso hegemônico de interdição. Entretanto, não poderiam participar de competições oficiais. Realidade esta que estava prestes a ser modificada.

Gabriela Souza e Ludmila Mourão (2006) apontam que um dos eventos decisivos para a legalização do Judô no Brasil, configurando um importante passo para a abertura também dos outros esportes impedidos pela deliberação nº 7 de 1965, ocorreu em 1979, quando Joaquim Mamede de Carvalho e Silva formou a primeira equipe brasileira feminina de judô para disputar o campeonato Sul-Americano no Uruguai.

As atletas treinavam na casa de Mamede que, por sua vez, enquanto presidente da federação, auxiliou as atletas a conseguirem dispensa do trabalho para representarem o Brasil no Sul-Americano. Além disso, a visibilidade na mídia impressa facilitou a dispensa das atletas, mesmo esse esporte sendo proibido à prática delas. Ainda de acordo com as autoras, o Jornal do Brasil divulgou antecipadamente a ida das atletas para o Sul-Americano. No entanto, o CND somente tomou conhecimento do fato após a competição.

Apesar do presidente do CND já sofrer pressão por parte dos dirigentes em liberar as atletas para a competição, para adquirir as passagens junto ao Conselho, Mamede modificou os nomes das atletas atribuindo-lhes nomes masculinos e, dessa forma, garantiu a ida a competição:

Vale ressaltar que foi ousada a atitude de Mamede de enviar as quatro mulheres para o Sul-Americano de Judô, mesmo sabendo que ele era ainda um esporte proibido e que já havia um movimento, inclusive explicitado pela mídia, para quebrar essa proibição (GABRIELA SOUZA; LUDMILA MOURÃO, 2011, p. 59).

Assim, dois meses após do fato ocorrido, foi revogada a deliberação, em 31 de dezembro de 1979, oficializando a prática de modalidades esportivas consideradas viris às mulheres:

O Conselho Nacional de Desportos, no uso das atribuições que lhe são conferidas pelo Art. 42 de Lei 6.251 de 1975, do Decreto nº 80.228 de 1977,

DELIBERA:

1. Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidades e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.
2. A permissão a que se refere o item 1, desta deliberação, só é aplicável quando a entidade internacional realizar a prática do desporto pelas mulheres, em seus campeonatos e torneios oficiais.
3. As entidades máximas dirigentes dos desportos no país poderão estabelecer condições especiais para a prática de desportos pelas mulheres, tendo em vista a idade ou o número incipiente de participantes em determinada modalidade, observadas porém as regras desportivas das entidades internacionais.
4. No caso de desporto, que ainda não seja praticado no Brasil, ou que não seja dirigido por entidade internacional, a entidade dirigente no Brasil, deverá solicitar ao CND a devida autorização, para que possa ser praticado pelas mulheres.
5. A participação de mulheres e homens em provas ou competições mistas, só será permitida nas condições também permitidas pelas entidades dirigentes internacionais, nos seus campeonatos ou torneios oficiais.
6. A presente deliberação entrará em vigor na data de sua publicação, revogada a Deliberação nº 07/65. (BRASIL, 1979)

Concordando com Osmar Moreira de Souza Júnior (2013), percebemos que o teor da Deliberação nº10/79 é de uma busca pela adequação das regras esportivas de mulheres brasileiras às normas das entidades internacionais.

Assim, essa abertura não objetivou um aumento da esportivização das mulheres. Foi percebido pelo CND, especialmente, após o fato com as atletas de judô que participaram clandestinamente do Campeonato Sul-Americano, uma possibilidade de aumento do número de títulos e medalhas internacionais para o país, caso as mulheres pudessem competir em um número maior de modalidades. Portanto, percebemos que essa concessão possuía um preço a

ser pago pelas mulheres atletas, elas deveriam mostrar resultados, através de títulos mundiais e olímpicos.

A Deliberação nº10/79 coincide com a abertura política no país, em que foi possível a reestruturação de outros movimentos, dentre os quais podemos citar: os movimentos feministas iniciados na década de 1960 e que tomaram força através de estudos sobre as condições das mulheres em sociedades patriarcais, a instituição da década de 1970 como a “década da mulher” pela ONU, também o crescimento do esporte de alto rendimento e o surgimento de ícones mulheres no cenário olímpico. Na ginástica artística, podemos citar: Olga Korbut (três medalhas de ouro em Munique) e Nádia Comaneci (primeiro dez da história na Ginástica Artística nos Jogos de Montreal) e na natação, a atleta australiana Shane Gould (três ouros e dois pratas também em Munique) (CAROLINE ALMEIDA, 2013).

No futebol, as mulheres, que já estavam se organizando e jogando nas praias e várzeas, agora poderiam também formar times a fim de participar de competições nacionais e internacionais. No entanto, conforme aponta Caroline Almeida (2013), o futebol de mulheres não possuía uma lei que regulamentasse a categoria, muito menos uma entidade responsável pela modalidade. A CBF se negava a apoiar a modalidade e proibia a disputa das mulheres em campos oficiais.

A autora Caroline Almeida (2013), em sua dissertação de mestrado, conta a história de ex-jogadoras do Esporte Clube Radar, importante equipe dos anos 1980:

Um recorte de jornal colecionado por Betina descrevia a situação do futebol. Segundo a reportagem, a deliberação de 7/65, além de tudo, proibia as equipes de pertencerem a clubes filiados a federações. O que não foi revogado em 1979 pelo CND. A reportagem continua: “no entanto, nada impede a promoção de shows em que mulheres uniformizadas disputem uma partida de futebol, em campos particulares ou na praia [...] mas mesmo nesses jogos a lei não permite a presença de fiscais, juízes ou bandeiras que atuem como profissionais em jogos oficiais” (p. 53)

A liberação para o futebol de mulheres aconteceu, mas, foi restrita em relação às condições profissionais das atletas, dos treinamentos e das competições oficiais. Além disso, o apelo à beleza física das jogadoras era recorrente nos meios de comunicação da época. Na década de 1980, por exemplo, a imprensa veiculava dois estigmas sociais a respeito das jogadoras de futebol do Esporte Clube Radar. Ora eram consideradas “belas” pelo fato de apresentarem uma beleza física hegemônica na representação social, ora eram “feras” quando reagiam com violência durante as partidas.

Entretanto, apesar dos julgamentos por parte da mídia e da sociedade, as meninas e moças se reuniam nas ruas, praias e várzeas, primeiramente, brincando de bola com os meninos e, posteriormente, se organizando a fim de fazer a brincadeira “apenas delas”. Brincadeira esta que passou a ter seriedade nos anos posteriores.

Os primeiros anos da década de 1980 são marcados pelo surgimento de vários times de mulheres. Alguns clubes criaram suas equipes, e eventos passaram a ter visibilidade nacional. Em 1981, foi fundada a Liga de Futebol de Praia de mulheres do Rio de Janeiro. Ainda nesse ano, o Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro, implantou o futebol de mulheres. No ano de 1983, realizou-se o 1º Campeonato Carioca de Futebol de Campo, bem como o *Copertone Copacabana Beach*.

No final da década de 1980, a CBF contabilizou a existência de duzentos clubes espalhados pelo país, com cerca de quarenta mil jogadoras. Em 1988, o Esporte Clube Radar representou o Brasil no primeiro mundial de mulheres ocorrido na China. Nessa época, o país ainda não possuía uma seleção de mulheres que o representasse (MÁRCIA MOREL, JOSÉ GERALDO DO CARMO SALLES, 2006).

Na década de 1990, visualizamos duas importantes conquistas para o futebol de mulheres em âmbito mundial, em que as atletas brasileiras também estiveram presentes. Mais precisamente no ano de 1991, foi realizada a primeira Copa do Mundo organizada pela FIFA, evento que contou com a participação da seleção brasileira, na época representada pelo E. C. Radar. E, em 1996, foi a primeira vez na história que as mulheres disputaram na modalidade futebol em uma edição dos Jogos Olímpicos, evento que ocorreu em Atlanta – EUA. A seleção brasileira obteve quarto lugar (IBIDEM).

Quatro anos mais tarde, nos anos 2000, a seleção brasileira das mulheres repetiu o quarto lugar nos Jogos Olímpicos de Sydney, na Austrália. Em 2003, a seleção brasileira foi campeã nos Jogos Pan Americanos, na República Dominicana.

Em 2007, na Copa do Mundo FIFA, realizada na China, o Brasil ocupou a melhor colocação de todos os tempos nesta competição – o segundo lugar – sendo a atleta Marta Vieira da Silva considerada artilheira e melhor jogadora da competição. Nesse mesmo ano, a seleção brasileira conquistou medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos no Brasil, jogando a final no Estádio do Maracanã no Rio de Janeiro, ocasião em que o Brasil goleou a seleção dos Estados Unidos com placar final de cinco a zero. Em 2015, a seleção brasileira sagra-se campeã, mais uma vez, nos Jogos Pan Americanos ocorridos no Canadá e ocupou quarto lugar nos Jogos Olímpicos do Rio no ano de 2016.

Dessa forma, pudemos perceber que, desde a liberação das mulheres para a prática institucionalizada do futebol, elas vêm angariando conquistas importantes para o país. No entanto, como aponta Márcia Morel e José Geraldo Carmo Salles (2006), há um quadro de deficiência da modalidade ao longo de sua trajetória, em que fatores culturais e históricos devem ser levados em consideração para analisar o futebol de mulheres no Brasil.

Silvana Goellner (2005) aponta que há muito tempo as mulheres protagonizam história no futebol brasileiro, mesmo com pouca visibilidade na mídia, nos clubes, nas aulas de Educação Física escolar ou nas políticas públicas de lazer. A autora sugere ainda dois argumentos que podem justificar a pouca visibilidade das mulheres no futebol: o primeiro deles seria a recorrente aproximação entre o futebol e a masculinização da mulher, e o segundo seria a naturalização de uma feminilidade, estabelecendo uma relação linear e imperativa entre mulher, feminilidade e beleza:

Por estarem profundamente entrelaçados, esses argumentos acabam por reforçar alguns discursos direcionados para a privação da participação das mulheres em algumas modalidades esportivas tais como o futebol e as lutas (IBIDEM, p. 143).

Entretanto, o que significa a mulher ser “masculinizada” na prática do futebol, visto que as fronteiras de gênero/sexo/sexualidade são continuamente borradas no processo de formação das identidades? Por outro lado, qual a finalidade da beleza física em um campo onde esse quesito não interfere nas habilidades técnicas e táticas das jogadoras? É preciso, portanto, colocar em suspeição discursos dessa ordem e, por este motivo, torna-se essencial analisar criticamente os discursos sociais e midiáticos que permeiam nossas vidas, nosso cotidiano.

Nesse sentido, a autora (2005) ainda nos fala que, se no início do século XX a beleza feminina era vista como sinônimo de manutenção da saúde para o exercício da maternidade, a partir da década de 1970, um outro discurso foi incorporado a esta beleza: o da erotização dos corpos.

Dessa forma, estádios, academias, ginásios, parques e praças, passaram a se configurar como locais sociais de espetacularização dos corpos das mulheres, ressaltando atributos referentes ao seu sexo: a beleza, a graciosidade e, sobretudo, a sensualidade. Ainda segundo Silvana Goellner (2007), quando o assunto for o esporte feminino não são raros os discursos midiáticos que reforçam a beleza e os corpos das mulheres atletas.

Essa erotização se abrange para além dos locais onde as práticas esportivas acontecem. Propagandas na televisão, nos jornais e filmes, entre outros artefatos culturais, bem como as próprias reportagens dos veículos de comunicação, são espaços de reiteração dessas representações.

Nesse tópico, buscamos responder à pergunta: para qual público está direcionado o chamado “país do futebol”? Ao longo desta revisão de literatura, foi possível perceber que especialmente o futebol é um esporte considerado paixão nacional. Entretanto, não é acessível quando pensamos em igualdade de gênero, pois, no que concerne à prática por mulheres, ainda se configura como um campo repleto de resistências e estereótipos, tanto por parte da sociedade quanto da mídia.

Acerca das mulheres nas práticas corporais e esportivas, bem como no futebol, representadas pela mídia ao longo da história, abordaremos a seguir, trazendo alguns fatos da mídia impressa que consideramos fundadores das representações midiáticas acerca da relações, gênero, mídia e esporte.

2.3 Uma experiência fundadora da mídia esportiva: o Jornal dos *Sports*, as mulheres e suas (belas) performances

As Olimpíadas Femininas – ou Jogos da Primavera – foram idealizadas por Mário Filho e noticiado pelo Jornal dos *Sports* (JS), na cidade do Rio de Janeiro, a partir de 1949. Nascido em Recife em 1908, Mário Filho era o terceiro de quatorze irmãos, filho de Mário Rodrigues e Maria Esther, e irmão de Nelson Rodrigues.

Mudou-se para o Rio de Janeiro ainda criança e, após duas tragédias ocorridas em sua família – a morte de seu pai e o assassinato de um de seus irmãos – Mário Filho se deparou com a função de reger a casa, seus irmãos e sua mãe. E, assim, abandonou sua vocação para a literatura e dedicou-as à imprensa (LUDMILA MOURÃO, 1998).

Antes mesmo da criação do JS, já se interessava em fazer coberturas jornalísticas no futebol e, mesmo sabendo que essa não era uma atividade respeitada na época, ficando bem aquém do jornalismo policial, aceitou o novo desafio. Com apenas vinte e três anos, já era veterano nas coberturas esportivas, e fundou o jornal Mundo Esportivo, que teve breve duração¹⁵.

¹⁵O jornal Mundo Esportivo (1932) não ultrapassou a duração de oito meses, porém, quatro anos mais tarde, com a ajuda de amigos, e com o aval de Roberto Marinho, Mario Filho fundou o Jornal dos Sports. (BERNARDO BORGES BUARQUE DE HOLLANDA, 2012)

Em 1936, Mario Filho fundou o JS juntamente com Roberto Marinho. No entanto, se tornou majoritário no jornal, ao qual se dedicou até o fim da vida, no papel de jornalista esportivo, editor-chefe e proprietário, especializado em divulgar o esporte e outras manifestações culturais, como o desfile das escolas de samba.

Esse jornalista foi um dos que mais se preocupou em reconfigurar a linguagem do jornalismo esportivo brasileiro, valorizando o profissional que fazia exclusivamente a cobertura dos esportes: o jornalista. Além disso, protagonizou a mudança na linguagem das notícias esportivas, que passaram a ser mais dinâmicas e objetivas, e alterou a estrutura geral dos textos e dos jornais. As imagens do jogador – que aparecia estático, perfilado, “escutando o hino nacional” – foram transformadas em imagens plásticas, do atleta em movimento e, por consequência, mais atraentes para o leitor (ANDRÉ CAPRARO, 2011).

Nas palavras de Nelson Rodrigues, citado por Ludmila Mourão (1998, p. 190): “Mário Filho deu aos cronistas uma linguagem, pois, nós não sabíamos falar. A turma escrevia de coletes e polainas e Mário Filho nos deu uma linguagem maravilhosa que ia conquistar o mundo”.

Certamente, Mário Filho foi um dos precursores na veiculação e propagação de notícias esportivas no Brasil, sendo o JS o mais antigo veículo de comunicação totalmente dedicado às notícias esportivas do Brasil¹⁶.

No que diz respeito ao esporte das mulheres, o JS transcendeu à representação de feminilidade aceita socialmente na época, pois, incentivava a prática do futebol pelas mulheres, configurando-se como uma espécie de defensor da modalidade, mesmo em épocas em que outros jornais criticavam. Para exemplificar, Eriberto José Lessa de Moura (2003, p. 32), mostra alguns jornais que inicialmente apoiavam o futebol e, posteriormente, passaram a produzir um discurso combativo e de rejeição a prática deste esporte por mulheres. O autor aponta a forte influência do discurso médico eugenista dominante na época da criação do Decreto-Lei de 1941, nos meios de comunicação, conforme foi encontrado na pesquisa:

A imprensa carioca divulgou, no ano de 1940, reportagens sobre o futebol feminino. Para esta pesquisa, tomamos como base os jornais *O Imparcial* e o *Correio da Manhã*. No primeiro, as reportagens foram incentivadoras no começo, mas, com o passar do tempo, passou para o discurso combativo. O segundo praticamente só lançava notas e, na última que versava sobre o assunto, no ano de 1940, o articulista escrevia com desdém, anunciando o fim do futebol feminino.

¹⁶ Disponível em: http://memoriajs.blogspot.com.br/2009_10_01_archive.html. Acesso em: 19/10/15.

Percebemos que, apesar da onda negativa a respeito do futebol de mulheres, o JS incentivava a prática e publicava matérias a respeito da modalidade. No dia 10 de maio de 1940, o JS veiculou uma reportagem que respondia às acusações feitas pelas autoridades e pela imprensa da época a respeito do futebol de mulheres. A publicação entrevistou Adyragram, jogadora e presidente do S. C. Brasileiro, que tratava o futebol como uma prática de lazer também para as mulheres. E, para comprovar a hipótese de que as mulheres eram aptas a praticar a modalidade sem prejudicar seu corpo, buscou respaldo na ciência. Entretanto, essa representação foi incipiente na época (ERIBERTO JOSÉ LESSA DE MOURA, 2003). Segue o trecho abaixo:

(...) qualquer dia achará que a natação é prejudicial ao sexo feminino, porque a água poderá *gripar* as concorrentes e as roupas curtas e colantes estão em desacordo com o seu modo de pensar sobre as futuras mães ... E terminando: - O Sr. Fuzeira fica convidado a assistir ao primeiro encontro do *football* feminino e apontar, publicamente, *quais* as desvantagens da sua pratica nos moldes em que o mesmo vem sendo empregado entre as jovens brasileiras. Antes disso, o Sr. Fuzeira deve preocupar-se com os '*guryrs*' que jogam bola de meia na rua de sua residência, quebrando as vidraças da vizinhança. Nesse caso o missivista prestaria um grande serviço, e não teria tempo de preocupar-se com coisas que só interessam ao sexo *frágil*. (*Jornal dos Sports*, 10/05/1940: 6 *apud* ERIBERTO JOSÉ LESSA DE MOURA, 2003, p. 42-43).

De acordo com a pesquisa intitulada *Os Jogos Femininos e a experiência liberal-democrática no Brasil (1946-1964)*, da historiadora Cláudia Maria de Farias (2011), as notícias sobre o futebol de mulheres veiculadas pelo JS passaram a incomodar as autoridades mais conservadoras da sociedade, até mesmo o Conselho Nacional de Desportos (CND), o que culminou pela proibição da veiculação de matérias jornalísticas no ano de 1941, sobre o futebol de mulheres pelo JS. Nas palavras da autora (p. 4):

A repercussão dos jogos (de futebol de mulheres no subúrbio carioca veiculado pelo JS) causou verdadeira polêmica entre os setores conservadores da sociedade brasileira e a resposta do Estado Novo foi rápida e, não poderia deixar de ser, extremamente autoritária, traduzindo-se na imposição do artigo 54, do Decreto Lei n. 3199. Efetivada a interdição, as notícias veiculadas pelo JS sobre os jogos de futebol feminino cessam nos anos seguintes, impondo o silêncio sobre os rastros desta prática, muito embora isso não significasse a eliminação de sua sobrevivência.

Para além de restabelecer relações amigáveis com o governo, Mário Filho criou as Olimpíadas Femininas nos moldes do Estado Novo, buscando contornar as restrições

homologadas pelo Decreto, valorizando a graça e a beleza em modalidades esportivas permitidas e indicadas à prática feminina. Dessa forma, o evento abrandou indignações por parte de grupos contrários à proibição e, ao mesmo tempo, promoveu a possibilidade de uma carreira esportiva para as mulheres:

Inicialmente, muitas (atletas) obtiveram projeção social nas modalidades vistas como extensão das suas funções “naturais”, maternais e domésticas, identificadas pelo discurso dominante às supostas características do seu sexo: atenção, discrição, equilíbrio, paciência, elegância, graciosidade e sensibilidade (CLÁUDIA MARIA DE FARIAS, 2011, p. 3-4).

Com a criação de uma olimpíada exclusivamente feminina a partir dos moldes eugênicos propostos pelo Conselho Nacional dos Desportos, Mário Filho atingiu seus objetivos: ajudou a promover as mulheres nas práticas esportivas, além de desfazer um desentendimento com as autoridades devido à divulgação de notícias a respeito das mulheres no futebol (IBIDEM).

Em 2 de agosto de 1949, o JS anunciava a criação das Olimpíadas Femininas, ou Jogos da Primavera, na cidade do Rio de Janeiro:

[...] certame destinado a exaltar a prática dos desportos pela mulher, conclamando as iniciativas e oferecendo magníficas oportunidades às 'estrelas' para a jornada de graciosidade e apuro técnico (...). Lançado pelo JS, tem o mérito de incentivar os desportos femininos que, entre nós, não obstante os feitos assinalados, ainda não ostentam a ampla difusão que seria de desejar (...) (JORNAL DOS SPORTS, 1949, p. 3 *apud* CLAUDIA MARIA DE FARIAS, 2011).

Participavam do evento jovens atletas de clubes, instituições e colégios do Rio de Janeiro, para a disputa de modalidades esportivas, como: ciclismo, esgrima, golfe, hipismo, natação, tênis, tênis de mesa e vôlei¹⁷. Dessa forma, o evento possibilitou a emergência de novas atletas em modalidades esportivas, não por acaso de origem elitista, em que o contato físico é limitado através de raias ou roupas especiais e, portanto, consideradas menos danosas à saúde física da mulher.

O esquema simbólico que regia as Olimpíadas Femininas apresentava o seguinte objetivo: mobilizar as mulheres esportistas através da proposta de construir um espaço destinado, exclusivamente, às práticas esportivas femininas. Ou seja, em época de proibições,

¹⁷ Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/novomacara/linha-do-tempo/olimpiadas-femininas-da-primavera-no-maracana/> acesso em: 20/10/15.

Mário Filho foi pioneiro ao criar¹⁸ um evento que incentivava e fascinava as mulheres, empoderando-as no campo esportivo e desligando, mesmo que momentaneamente da memória, as sanções existentes naquele contexto histórico (CLÁUDIA MARIA DE FARIAS, 2011).

De 1949 a 1961, os Jogos da Primavera aconteciam nos estádios das Laranjeiras e de São Januário. A partir de 1962, devido à conquista de espaço na mídia e à mobilização da opinião pública, os jogos passaram a ser disputados no Maracanã, com públicos superiores a 100 mil pessoas.

Devido à grande repercussão dos jogos, o JS passou a veicular um encarte especial totalmente dedicado ao evento, em que o público poderia encontrar entrevistas de autoridades públicas e das atletas bem como informações a respeito dessa “comemoração cívica para a demonstração das possibilidades do futuro da raça brasileira” (CLÁUDIA MARIA DE FARIAS, 2011, p. 9).

A criação desse suplemento deixava claro como o evento ganhava forte adesão da imprensa e de homens e mulheres da sociedade. Portanto, os Jogos da Primavera ocupavam, de setembro a novembro, as páginas do JS e, em conjunto com outras iniciativas, foram construindo novos significados sobre a relação da mulher com o esporte.

Além de alavancar as mulheres nas práticas esportivas, a organização dos Jogos possuía uma outra função social: promovia um concurso em que era escolhida a “Rainha da Primavera”, que consistia na indicação e inscrição das esportistas pelos clubes, as quais concorriam ao posto de mais bela e eficiente atleta das Olimpíadas Femininas:

[...] a eleita será não só a mais bela e portadora de maiores dotes de graciosidade, como terá o mérito de se haver portado como atleta praticante, já que no cômputo geral irá influir a plástica, os traços fisionômicos, a eficiência técnica e até a disciplina de cada concorrente, embora com predominância da parte física, cujo peso de pontos irá ao máximo de 70% (...) Constituirão o júri pra a escolha da 'Rainha', os artistas Carlos Chambelland, Quirino Campofiorito e Georgina de Albuquerque, professores da Escola de Belas Artes; o escultor Humberto Cizzo; os escritores Ana Amélia Carneiro e José Lins do Rego, além do cineasta Milton Rodrigues (JORNAL DOS SPORTS, 1949 *apud* CLÁUDIA MARIA DE FARIAS, 2011, p. 7-8).

¹⁸ Além de Mario Filho fundador do evento, outros membros ligados aos esportes compuseram a comissão organizadora dos jogos: Alberto Curi, Alceu Mendes de Oliveira Castro e Rubem Cea. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/novomaraca/linha-do-tempo/olimpiadas-femininas-da-primavera-no-maracana/> Acesso em: 19/10/15.

É importante perceber que, apesar de ser um evento esportivo, o júri do concurso, responsável por escolher a Rainha dos Jogos da Primavera, era composto por artistas, professores da Escola de Belas Artes e escultor, ou seja, pessoas ligadas sobretudo à plasticidade e à beleza.

Nesse sentido, é reforçada a ideia de que a real função do concurso não era primeiramente a performance esportiva, ou a seriedade e disciplina durante a realização dos jogos, mas, a exaltação de uma beleza atlética feminina. Esse evento coroava as mulheres da mesma maneira que os concursos de misses da época.

Talvez Mário Filho tenha sido um dos precursores na veiculação da beleza das mulheres esportistas pela mídia, evidenciando os seus atributos físicos e favorecendo a associação das atletas mulheres a representações de feminilidade encontrada também nos meios de comunicação de massa nos dias atuais.

De acordo com Ludmila Mourão (1998), a Rainha dos Jogos da Primavera simbolizava a presença da graça e da beleza das atletas que se destacaram nas competições, reforçando o mito da beleza feminina. “Os julgamentos estavam relacionados à plástica feminina e traços fisionômicos (70%), à eficiência esportiva observada durante os Jogos (20%), e à disciplina na participação das jovens nos jogos (10%)” (IBIDEM, p. 180).

Entretanto, Cláudia Maria de Farias (2011) aponta que a beleza física das atletas veiculada pelo JS baseava-se nos moldes eugênicos. Assim, o julgamento da Rainha dos Jogos da Primavera elegia, majoritariamente, mulheres loiras, brancas e de olhos claros, favorecendo o estereótipo eurocêntrico de beleza feminina.

Devido ao custo elevado e à falta de incentivo do governo, as Olimpíadas Femininas entraram em decadência, sendo disputadas pela última vez em 1972¹⁹. Porém, esse evento, de acordo com Ludmila Mourão (2000), auxiliou na construção da esportivização das mulheres brasileiras, apesar de elas serem cerceadas pelas proibições e pelo “compromisso” com o casamento e as funções maternais impostas na época.

Nos anos 1980 e 1990, como já apontado por Silvana Goellner (2005b), a sociedade e os meios de comunicação de massa fixaram uma determinada representação de beleza para mulheres atletas, possibilitando, assim, desmistificar a imagem masculinizada das esportistas, sustentando também a ideia de erotização dos corpos femininos.

Dessa forma, as atletas deveriam representar um ideal de beleza física, ao trazer uma harmonia corporal em que as curvas e os traços femininos eram mais evidenciados do

¹⁹ Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/novomacara/linha-do-tempo/olimpiadas-femininas-da-primavera-no-maracana/>. Acesso em: 20/10/15.

que a hipertrofia dos músculos e a *performance* das atletas (LUDMILA MOURÃO; MÁRCIA MOREL, 2005).

Nessa época, já contávamos com algumas transmissões esportivas sendo realizadas pela televisão. Marcelo Tavares (2015) aponta que a televisão na década de 1980 passou a transmitir os jogos de voleibol da seleção brasileira, massificando o esporte para todo o país, construindo também a representação de musas. As esportistas e, no caso, voleibolistas eram fontes de inspiração na arte de movimentar-se.

Essa representação feminina hegemônica, veiculada anteriormente pelo JS, tomou proporções ainda maiores através da televisão. O esporte que passou a agregar espectadores e patrocinadores tornou-se, então, um produto rentável para os meios de comunicação. Entretanto, a veiculação de representações acerca de mulheres e homens atletas era (e ainda é) diferenciada.

A partir dessa revisão histórica, percebemos que a veiculação das mulheres nos meios de comunicação por meio de estereótipos de beleza e feminilidade atravessam os tempos e, apesar de o JS ter promovido o empoderamento das mulheres em um campo de práticas e hábitos “masculinos”, como é o caso do esporte, essa esportivização ocorreu apenas em algumas modalidades.

Dessa forma, partimos da premissa de que a veiculação das atletas na mídia não sofreu grandes mudanças na atualidade, desde a década de 1940 com o JS, e que modalidades historicamente de reduto masculino, como o futebol, ainda são cerceadas por estranhamentos e julgamentos com relação à sexualidade e o corpo das mulheres atletas na sociedade brasileira.

3 CONSTRUINDO OS PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

Este estudo se caracteriza como qualitativo e possui características de uma etnografia virtual (MARTIN BAUER; GEORGE GASKEL, 2012; CHRISTINE HINE, 2004). Apesar de adquirir outras nomenclaturas, como: webnografia, ciberantropologia, netnografia, etnografia digital, entre outras, a expressão “etnografia virtual” é mais aceita e utilizada entre pesquisadores/as das ciências sociais. (ADRIANA AMARAL; GEÓRGIA NATAL; LUCIANA VIANNA, 2008).

Esse tipo de pesquisa sustenta a essência da etnografia tradicional²⁰, e nas palavras de Luis Paulo Leopoldo Mercado (2012, p. 169):

Estuda as práticas sociais na internet e o significado destas para os participantes. Permite um estudo detalhado das relações nos espaços virtuais, nos quais a internet é a interface cotidiana da vida das pessoas e lugar de encontro que permite a formação de comunidades, grupos estáveis e a emergência de novas formas de sociabilidade.

Dessa forma, criou-se²¹ a etnografia voltada para a Internet, a fim de estudar o comportamento das pessoas em comunidades virtuais, que exige uma profunda imersão no campo a ser analisado:

Essa intensa participação constitui elemento fundamental para o trabalho de campo. A obtenção de dados é praticamente automática, na medida em que o acesso à internet é público e os documentos são disponibilizados para *download* (IBIDEM, p. 171).

Entendemos que a pós-modernidade é composta por variados artefatos específicos desse tempo histórico, em que a cibercultura, gerada no ciberespaço, cumpre importante papel na formação das subjetividades dos sujeitos, além de estar presente nos processos de construção das maneiras de existir no mundo e na sociedade. Além disso, devemos levar em consideração que “o ciberespaço não está totalmente apartado da ‘vida real’ ou da interação face a face. A cibercultura se conecta ao contexto da sua produção, ao modo como é

²⁰ A etnografia é um método de pesquisa proveniente da antropologia que reúne técnicas que fornecem ao pesquisador/a uma certa preparação para o trabalho de observação, a partir da inserção em comunidades diversas para o trabalho de campo

²¹ Em 1995, o neologismo “netnografia” (*nethnography* = *net* + *ethnography*) foi originalmente criado por um grupo de pesquisadores/ os norte-americanos: Bishop, Star, Neumann, Ignacio, Sandusky & Schatz. (ADRIANA AMARAL; GEÓRGIA NATAL; LUCIANA VIANNA, 2008).

interpretada, vivida e incorporada” (HINE, 2004 *apud* SHIRLEI REZENDE SALES, 2012, p. 112).

Nesse contexto, é importante considerar que o “virtual” já faz parte do “real”, à medida que as representações geradas na cibercultura estão vinculadas às relações pessoais e variam de acordo com o contexto social e histórico em que são produzidos os conteúdos virtuais, por isso, esse processo faz parte da construção das identidades dos sujeitos pós-modernos.

Dito isso, consideramos importante utilizar a etnografia virtual para compreender como os processos discursivos da mídia *online* veiculam as informações sobre o futebol de mulheres no contexto da cultura brasileira, e como se comportam os/as leitores/as frente às notícias geradas pelo *site*. Portanto, a etnografia virtual se dá neste estudo por consideramos que existem objetos importantes para observação presentes no ciberespaço, construindo e reconstruindo representações acerca do esporte. Essas relações virtuais demandam instrumentos apropriados para análise.

Algumas especificidades desse método de análise se diferenciam da etnografia tradicional, pois, altera a relação pesquisador-objeto no que concerne à relação espaço-tempo, que não mais está relacionada à ordem dos dias e dos horários de cada território, acompanhando as novas maneiras dos sujeitos se relacionarem na cibercultura através da rede e dos artefatos eletrônicos.

Considera-se o método menos oneroso e menos invasivo, pois, o computador funciona como uma janela para o/a pesquisador/a, em que este/a pode optar pela interferência direta, através da inserção de comentários no campo trabalhado, ou apenas a observação do funcionamento e dos comportamentos da comunidade virtual. Portanto, a etnografia virtual se mostra como uma importante ferramenta para compreender os usos do ciberespaço (CHRISTINE HINE, 2004).

Além disso, assim como as comunidades “reais” possuem uma linguagem própria na qual deve ser observada e analisada pelo etnógrafo, é importante considerar que o ciberespaço também produz um tipo de vocabulário próprio e peculiar. Essa observação é importante em nossa pesquisa, pois, analisaremos, além dos discursos e das imagens presentes nas reportagens, os comentários produzidos pelos/as usuários/as. E, para analisar as falas e os signos desse campo, é preciso compreender sua linguagem (SHIRLEI REZENDE SALES, 2012). Dessa forma, o *Internetês*:

Parece uma estratégia de codificação para garantir a privacidade das conversas que, como estão na rede, ficam potencialmente mais expostas. Consiste também em uma estratégia para agilizar a comunicação, já que algumas mídias são *online* (IBIDEM, p. 117).

Shirlei Rezende Sales (2012) ainda destaca que, pelo fato da interação interpessoal acontecer em ambientes virtuais, como: salas de bate-papo, *blogs*, redes sociais, entre outros, foi necessária a criação de símbolos que expressassem os sentimentos daqueles/as que utilizam o ciberespaço, tais como: alegria, gargalhada, descontentamento, raiva, entre outros. Além disso, esses novos símbolos de comunicação foram importantes para agilizar as relações na rede, bem como criou uma identidade gramatical própria, que conta também com abreviaturas de palavras da Língua Portuguesa. Alguns exemplos do *Internetês* citado pela autora (2012, p. 118):

Vlw (Valeu, estou indo embora)
 Aff (que saco!)
 Add (adicionar)
 T+ (até mais)
 KKK (risos)
 Rsrtrs (risos)
 Fds (fim de semana)
 Vc (você)

Dessa forma, partimos do pressuposto que os usuários/as que acessam o *Globoesporte.com* também se utilizam desses recursos linguísticos nos comentários a fim de expressarem suas opiniões a respeito das mulheres futebolistas veiculadas pelo *site* e, apesar de já possuímos contato com o *Internetês*, visto que também estamos inseridas nesse meio, foi necessário compreender um pouco mais esse novo vocabulário para realizar as análises.

Portanto, conhecendo melhor a especificidades desse novo método de observação, que busca compreender os comportamentos e atitudes específicos produzidos pela cibercultura, partimos para a exploração mais aprofundada do campo a ser analisado: o *Globoesporte.com*, que será tratado no item a seguir.

3.1 O site da pesquisa: um pouco do *Globoesporte.com*

Este estudo respeita a Lei de Direitos Autorais nº 9610/98, dando os devidos créditos às notícias retiradas do *site*, e tem como campo de investigação o *Globoesporte.com*, que pode ser acessado pelo/a leitor/a através da busca de seu computador com o endereço eletrônico www.globo.com. Neste portal existem mais cinco pilares além do

Globoesporte.com, que veiculam no ciberespaço o conteúdo da emissora Globo de televisão: G1, gshow, famosos & etc, tecnologia e vídeos.

As páginas da internet são constituídas de hipertextos ou hiperlinks, caracterizados por serem textos em formato digital, organizados por blocos ligados através de *links*, que podem ser explorados e reconfigurados na tela do computador em tempo real. Letícia Renault (2014) explica que as notícias *online* contam com animações, imagens e vídeos, pelo fato destes artefatos interagirem melhor com o público leitor, tornando-se atraentes para o consumo. Tais recursos são importantes para complementar a narrativa e, ao mesmo tempo, atribuir uma conotação de valor a ela.

Ao acessar o Globoesporte.com, aparece na tela uma página inicial com as principais notícias, as quais podem ser atualizadas ao longo do dia, de acordo com os acontecimentos. Encontramos também uma série de *links* que levam para os assuntos esportivos e modalidades específicas.

A partir da disseminação de informações ocorridas na rede, o ciberespaço se torna um local onde as notícias são reproduzidas e atualizadas a todo momento. Além disso, o Globoesporte.com disponibiliza na rede algumas matérias jornalísticas que foram compiladas dos canais de televisão associados à Rede Globo, bem como produz conteúdos que são disponibilizados exclusivamente pelo *site*.

Nesse contexto, o objeto analisado foi criado em 2005 com o nome Esporte na Globo, e configura-se na atualidade como um *site* de notícias esportivas pertencente a um dos portais mais acessados no Brasil, o Globo.com, que ocupa a 5ª colocação no *ranking* disponibilizado pelo *site Alexa*²², entre todos os portais visitados no país.

É importante destacar que o Globo.com é o primeiro portal de notícias brasileiro a aparecer no *ranking*, permanecendo atrás de portais com uma grande representatividade global, como Google.com.br, Youtube.com e Facebook.com, conforme podemos observar na figura 1:

²² *Alexa Internet Inc.* é um serviço de Internet que mensura a quantidade de usuários/as que visitam um determinado *site* da Internet. Através do *Alexa* é possível saber quantos acessos um *site* tem e em qual colocação no mundo ou nacional (*ranking*). É uma ferramenta pela qual podemos ter ideia dos *sites* mais populares na Internet em termos globais ou em um determinado país.

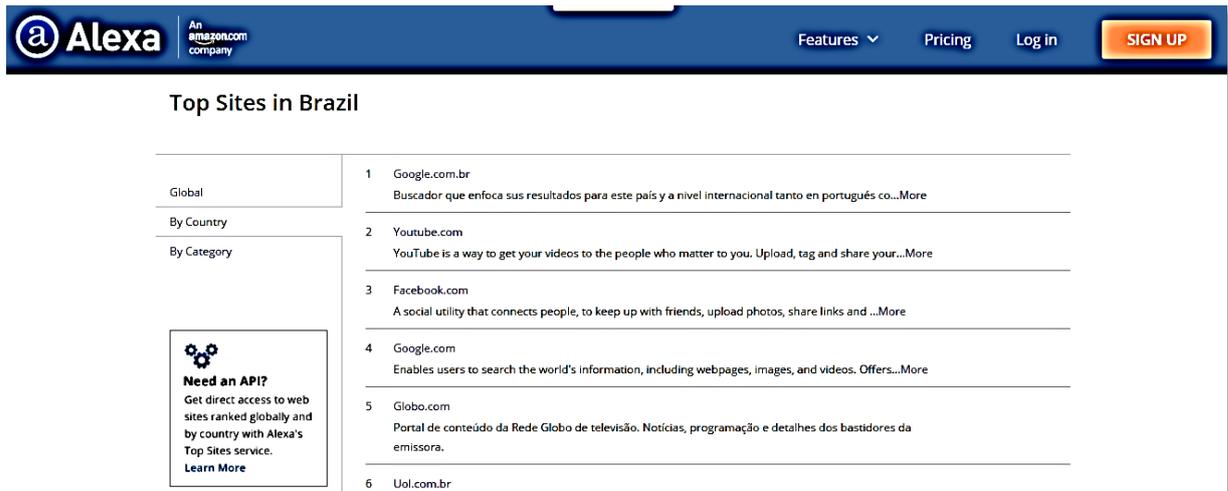


Figura 1: Popularidade do portal globo.com
 Fonte: <http://www.alex.com/topsites/countries;0/BR>

Em termos mundiais, o portal Globo.com ocupa a 152ª posição no *ranking*, sendo que 94,8% dos visitantes estão localizados no Brasil, seguido por usuários/as localizados/as nos Estados Unidos (1,3%) e em Portugal (0,7).

Já em uma pesquisa feita também pelo *site Alexa* acerca da preferência dos visitantes que acessam os domínios do portal Globo.com, o Globoesporte.com ocupa a terceira colocação, conforme está destacado na figura 2:

Where do visitors go on globo.com?	
Subdomain	Percent of Visitors
g1.globo.com	40.05%
globo.com	36.77%
globoesporte.globo.com	32.66%
oglobo.globo.com	11.76%
ego.globo.com	9.89%

Figura 2: Informações sobre o portal globo.com
 Fonte: <http://www.alex.com/siteinfo/globo.com>

O número de usuários/as e o perfil dos/as que acessam especificamente o *site* Globoesporte.com mostraram-se significativos²³. Em números de audiência, somam-se 19,9 milhões de visitantes únicos, e as páginas visitadas por mês alcançam a marca de 623,2

²³ Pesquisa feita pelo *site* de análise de audiência *ComScore* em abril de 2015, disponibilizada pelo portal globo.com, disponível em: <http://anuncie.globo.com/redeglobo/sites/> acesso em 01/06/2016.

milhões. O perfil dos/as visitantes mostra que a maior parte dos/as usuários/as pertence às classes A e B (64% do total); a idade varia entre 15 e 34 anos (64% do total). E, com relação ao sexo, 70% daqueles que acessam o *site* são homens e 30% são mulheres, conforme ilustrado na Figura 3:

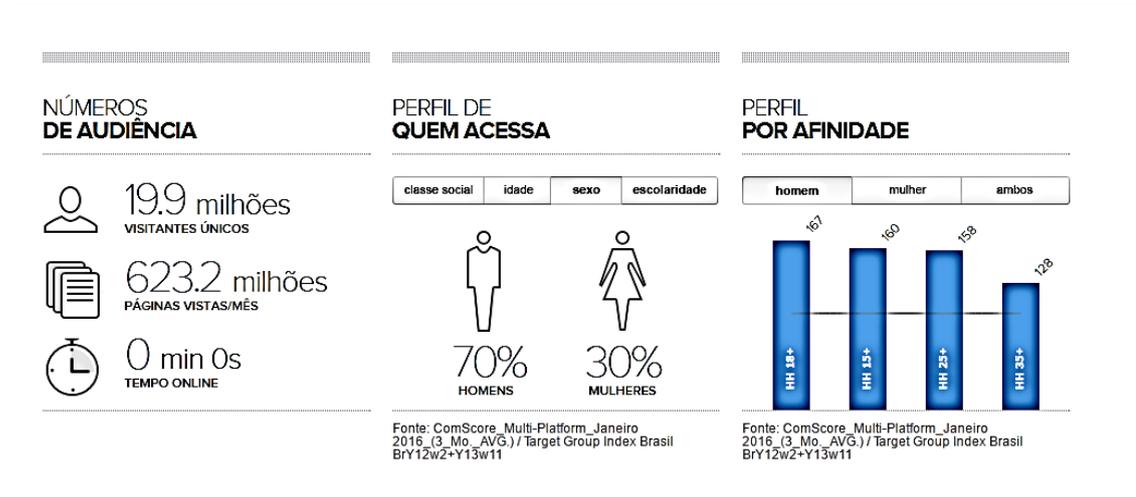


Figura 3: Perfil dos usuários e número de audiência.

Fonte: <http://anuncie.globo.com/redeglobo/sites/esportes/globoesporte/home.html#>.

Ao visualizar o perfil dos/as usuários/as que acessam a modalidade futebol, assim como os números da audiência para essa modalidade, encontramos os seguintes dados: os/as visitantes únicos somam 14,6 milhões/mês, com 254,2 milhões de páginas acessadas por mês. As classes sociais que mais acessam a página são A e B (64% do total); a idade varia entre 15 e 44 anos (84%); e o número de indivíduos do sexo masculino é maior, somam 74% do total:

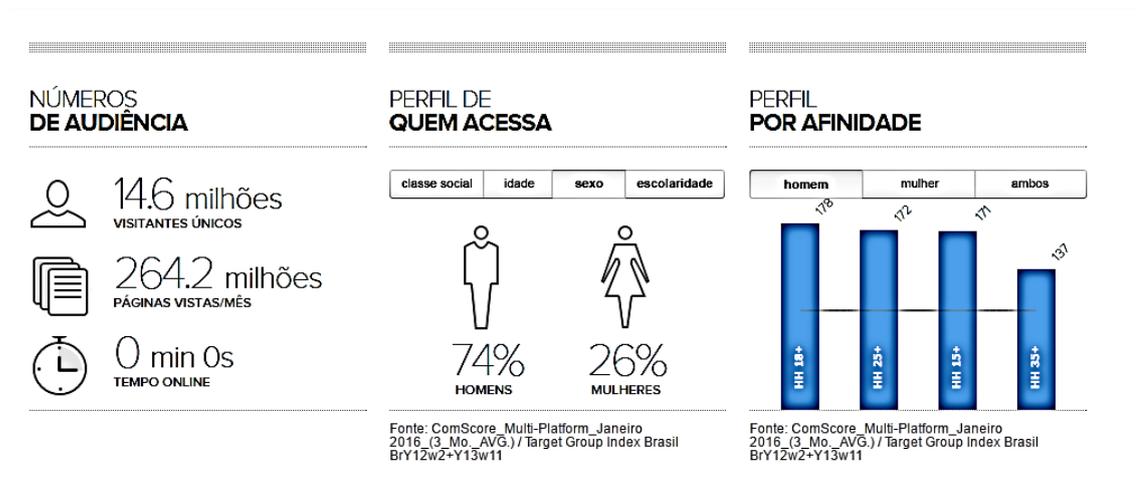


Figura 4: Perfil - números de audiência

Fonte: <http://anuncie.globo.com/redeglobo/sites/esportes/globoesporte/futebol/home.html#>.

É importante destacar que esses dados foram retirados do portal globo.com, que regularmente atualiza as informações de perfil e audiência dos visitantes, através do link “anuncie conosco”, mostrado na Figura 5.



Figura 5: Anuncie conosco: globo.com.

Fonte: <http://anuncie.globo.com/redeglobo/sites/esportes/globoesporte/home.html>.

Compreendendo que esse campo das novas tecnologias está em crescimento, realizamos uma busca na rede por *sites* esportivos, a fim de verificar como eram veiculadas as notícias sobre as mulheres, e qual destaque esses *sites* possuíam na cultura brasileira. A partir dessa imersão no ciberespaço pudemos perceber uma importância no meio social que o [Globoesporte.com](http://globoesporte.com) adquiriu desde a sua criação, e esse destaque se concretiza em números, conforme demonstramos anteriormente.

Este *site* é parte de uma organização que abrange, além da internet, canais de televisão, jornais, revistas e rádio, influenciando o espaço que ocupa e a sociedade – cidadãos comuns e pesquisadores – na medida em que se configura como uma empresa de alto poder econômico e de histórica influência na sociedade brasileira. A seguir apresentaremos um breve histórico acerca deste importante grupo de mídias.

3.1.1 Mídia, História e Poder: Como se constitui o Grupo Globo²⁴ na sociedade brasileira?

Os prognósticos que estamos fazendo na TV Globo dependem muito da normalidade, da tranquilidade da vida brasileira. Esses planos podem ser

²⁴ O Grupo Globo ou Organizações Globo pertence à família Marinho e é formado por uma rede de diversos tipos de mídias, entre elas estão: televisão de sinal aberto (presente em 98% dos municípios brasileiros) e pago, jornais impressos e *online*, rádio, produtora de filmes e músicas, bem como portais de anúncios *online*. Disponível em: <http://grupoglobo.globo.com/> Acesso em 07/06/2016.

profundamente alterados, se houver um imprevisto qualquer ou advir uma situação que não esteja dentro dos esquemas traçados, como se vê nas operações de guerra.
(Roberto Marinho, 1966 *apud* Daniel Herz, 1991)

A fala acima pertence ao falecido diretor-presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho, e demonstra a relação intrínseca entre esse grupo de mídias e a sociedade brasileira, uma vez que os modos de veiculação (ou não) de notícias, as maneiras pelas quais as informações são transmitidas, bem como os programas de entretenimento, são dirigidos de maneira a transmitir uma ideologia que vai ao encontro dos interesses de alguns grupos, e visam estrategicamente atingir determinados objetivos. “A determinação com que é manobrada essa fábrica de consciências revela a clareza com que seus proprietários procuram intervir politicamente, revela inequivocamente uma intencionalidade” (DANIEL HERZ, 1991, p. 14).

Nesse contexto, podemos pensar que o desenvolvimento social e político do Brasil, ao longo de sua história, foi e ainda é atravessado pelas pedagogias dos meios de comunicação, sobretudo, pelas Organizações Globo. Dessa forma, esse objeto não deve ser analisado de maneira isolada do contexto social o qual está inserido, nem devemos inocentemente conceber como neutras as informações dessa mídia.

Para compreender um pouco mais acerca da dependência entre mídia, sociedade e política, Plínio Marcos Volponi Leal (2009) nos fala que as emissoras de televisão são regidas por empresas privadas que obtém, através de concessões governamentais, os meios pelos quais circulam as ondas eletromagnéticas e, por meio dessas ondas, o sinal de televisão chega nas casas das pessoas. Essas concessões para a televisão têm a duração de quinze anos:

Cabe ao Estado estabelecer um regime de outorga de permissões e concessões para os radiodifusores, controlando o acesso ao espectro magnético e evitando que o caos se instaure nas transmissões por ondas de rádio. Assim, a exploração dos serviços de radiodifusão só pode ser feita a partir de concessões e de permissões, onde é dada a autorização para apenas retransmitir sinais de TV emitidos por estações de radiodifusão (IBIDEM, p. 2).

Podemos perceber que a distribuição do discurso para as massas é controlada e organizada por instâncias que têm como função dominar os acontecimentos aleatórios, a fim de se esquivar da materialidade dos fatos.

Apesar de surgir na década de 1950, a televisão brasileira atinge seu auge na década de 1960, pois, nessa época, começa a se consolidar e tomar a forma de uma indústria, transformando-se num poderoso veículo responsável pela disseminação de representações e

comércio que conhecemos na atualidade. Destacamos nessa década o ano de 1964, quando, apoiado por líderes civis, se instaurou o Regime Militar no país e, de acordo com Mattos (2002) citado por Plínio Marcos Volponi Leal (2009), foi um marco histórico importante para a difusão da televisão, pois, era através deste veículo que o governo poderia impor, convencer a população e manter o *status quo* do regime após o golpe:

A ditadura militar contribuiu para o impulso no desenvolvimento da TV no Brasil, ao criar vários órgãos estatais que lidavam com a produção cultural, ao formular leis e decretos, ao congelar as taxas dos serviços de telecomunicação, ao dar isenção das taxas de importação para compra de equipamento, ao proporcionar uma construção de uma estrutura nacional de telecomunicações em redes e ao fazer uma política de crédito facilitado (PLÍNIO MARCOS VOLPONI LEAL, 2009, p. 8).

Em épocas de repressão à liberdade de expressão e à democracia e, ao mesmo tempo, de uma intensa massificação dos aparelhos de televisão no Brasil, com o objetivo de fortalecer a identidade nacional, foi inaugurada a Rede Globo de Televisão, em 1965, no Rio de Janeiro, inicialmente, em parceria com uma empresa norte-americana *Time-Life*, que findou em 1968 (PLÍNIO MARCOS VOLPONI LEAL, 2009).

A TV Globo aproveitou o *boom* da televisão no país e criou programas de entretenimento que conseguiram atingir as camadas populares. Ao mesmo tempo, transmitiam uma visão de mundo, em que era permitido sonhar, fantasiar e se divertir, em plena ditadura militar. Assim, as Organizações Globo conseguiam alterar a consciência do povo brasileiro sobre suas condições sociais.

Como um importante instrumento de poder de manipulação das massas, que nasce em períodos de repressão, podemos dizer que houve um “casamento” de interesses entre o governo ditatorial e a Rede Globo de televisão.

Em 2013, o jornal *O Globo*, que pertence às Organizações Globo, publicou uma matéria na qual reconhece o apoio editorial do jornal ao golpe militar de 1964, e acrescenta que esse apoio foi um equívoco por parte de Grupo²⁵. Essa reportagem foi resposta às manifestações ocorridas no ano de 2013, em que a população gritava em coro: “A verdade é dura, a Globo apoiou a ditadura”.

Nesse contexto, é pertinente pensar que o discurso deve estar de acordo com o que se espera dele, ou seja, superficialmente montado. O discurso midiático de apoio ou não a um determinado governo vai depender também do tempo histórico e da aceitação da sociedade

²⁵ Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/apoio-editorial-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-9771604>. Acesso em: 07/06/2016.

diante daquele fato. Em tempos de democracia, exaltar o golpe militar seria, no mínimo, um suicídio em termos de popularidade.

Dessa forma, existe um sistema de regras que controlam os discursos e são construtores de uma existência social. De acordo com André Duarte (2008, p. 47), “o poder não apenas reprime, mas, sobretudo, produz realidades”. Poder este incutido nos textos midiáticos que estabelecem relações com outras instâncias sociais, como a política:

O poder é sempre plural e relacional e se exerce em práticas heterogêneas e sujeitas a transformações; isto significa que o poder se dá em um conjunto de práticas sociais constituídas historicamente, que atuam por meio de dispositivos estratégicos que alcançam a todos e dos quais ninguém pode escapar, pois não se encontra em uma região da vida social que esteja isenta de seus mecanismos (IBIDEM).

Michel Foucault (1984) questiona o poder centralizador do Estado e do Soberano, que age de maneira vertical e impõe através da Lei seu poder. Ou seja, para o autor, as normas sociais e as maneiras pelas quais as pessoas se “encaixam” no mundo são regidas por uma rede de micropoderes tácitos descentralizados, que influenciam diretamente o cotidiano e as realidades sociais. Foucault não nega a influência soberana do Estado, mas, acredita que os conjuntos de poderes espalhados horizontalmente e que atuam no micro são mais eficazes nos processos de subjetivação e formação das identidades dos sujeitos:

O poder é analisado por Foucault em suas formas e em suas instituições mais locais. Ao afastar sua genealogia de um suposto centro do poder, ao optar pela exegese de mecanismos específicos e não daqueles gerais, Foucault também faz uma opção metodológica em prol do afastamento de uma compreensão juridicizada do poder (THAMY POGREBINSCHI, 2004, p. 179).

Nesse sentido, o poder é homogeneizante e individualizante, permitindo identificar os desvios e gerir as multiplicidades. O poder em Foucault permite que os sujeitos ora exerçam o poder e ora sejam exercidos por ele, isto é, o poder circula por todos e ao mesmo tempo, e não está detido em ninguém, atravessando os sujeitos que o constitui (MICHEL FOUCAULT, 1984).

A partir da descentralização no Estado e nas Leis, o poder passa a ser considerado uma instância positiva, pois, passa a produzir saberes através dos “produtores” e “produtos” do poder: instâncias sociais e indivíduos. Portanto, inserido em diferentes instâncias positivas, como é o caso da mídia, o poder reproduz conhecimento e prazer, sendo ainda mais

disseminando na sociedade. O poder na perspectiva Foucaultiana é um conceito abstrato que atua em rede no interior das relações sociais.

Sob a luz de Michel Foucault e dos fatos históricos já apontados anteriormente, podemos entender a forte influência, tanto politicamente quanto socialmente, que as Organizações Globo exerceram, e ainda exercem, sobre a população brasileira, configurando-se como um poder positivo, que (re)produz saberes e, através das informações transmitidas, é capaz de se posicionar politicamente e criar visões de mundo de acordo com interesses, porém, de maneira não explícita, e isso confere à esta mídia ainda mais credibilidade.

3.2 A coleta de dados

Os dados desta pesquisa foram todas as reportagens sobre o futebol de mulheres veiculadas no *site* Globoesporte.com, no período que compreendeu os meses de abril a julho de 2015. A escolha deste período para a coleta dos dados se deu por abranger campeonatos e torneios de futebol disputados pelas mulheres, de importância nacional e internacional, como: Campeonatos Estaduais, a Copa do Mundo FIFA e os Jogos Pan-Americanos. Também verificamos que algumas reportagens veicularam acontecimentos que não estavam vinculados aos eventos esportivos que citamos acima e, por esse motivo, os reunimos em um único item denominado “Assuntos Diversos”.

A Copa do Mundo FIFA tem sua trajetória no feminino iniciada em 1991, na China, que contou com a participação de doze seleções e, entre elas, estava a do Brasil. Esse evento esportivo de importância global acontece a cada quatro anos, chegando em 2015 na sua sétima edição, com a participação de vinte e quatro seleções. A seleção brasileira nunca chegou a ser campeã mundial, no entanto, angariou sua melhor colocação na Copa do Mundo em 2007, conquistando o segundo lugar e, no ano de 2015, foi eliminada nas oitavas de final pela Seleção Australiana²⁶.

Os Jogos Pan-Americanos é um evento que abrange diversas modalidades esportivas e, desde 1959, é disputado por delegações de países pertencentes às Américas (do Norte, Central e do Sul) que também acontece a cada quatro anos. O Futebol de Mulheres teve sua primeira participação em 1999. Entretanto, a Seleção Brasileira competiu pela primeira vez no torneio apenas em 2003 e, nessa ocasião, já conquistou a medalha de ouro.

²⁶ *A Copa delas: História dos Mundiais Femininos de Futebol*. Disponível em: <http://docplayer.com.br/12946375-A-copa-delas-historia-dos-mundiais-femininos-de-futebol-torcedores-com.html>. Acesso em: 06/06/2016.

Nas edições de 2007 e 2015 dos Jogos Pan-Americanos, a Seleção Brasileira também conquistou a medalha de ouro e, apenas em 2011, permaneceu em segundo lugar com a medalha de prata²⁷.

No que concerne aos eventos brasileiros, destacamos em nossa coleta os Campeonatos Estaduais femininos, que são competições anuais realizadas em cada uma das unidades Federativas do Brasil. Os Campeonatos Estaduais configuram uma importância no cenário brasileiro, pois, além de promover e ampliar a participação das mulheres no futebol, uma das conquistas dos times vencedores de cada Estado é a possibilidade de vaga em outras competições nacionais, como a Copa do Brasil.

Nesse contexto, do futebol de mulheres no Brasil, verificamos através dos *sites* oficiais das federações brasileiras de futebol de campo, as agendas para os campeonatos estaduais, bem como as datas desses eventos para o ano de 2015. Entre as vinte e sete federações de futebol de campo, apenas cinco possuíam data para os campeonatos estaduais em 2015, são elas: Federação Paulista de Futebol (18/04/2015 a 20/09/2015); Federação de Futebol do Estado do Espírito Santo (23/08/2015 a 29/11/2015); Federação Bahiana de Futebol (04/10/2015 a 06/12/2015); Federação Paraense de Futebol (28/08/2015 a 04/10/2015) e Federação Pernambucana de Futebol (08/03/2015 a 05/05/2015). Em relação aos eventos internacionais que observamos em nossa coleta, a Copa do Mundo FIFA compreendeu o período entre seis de junho e cinco de julho, e os Jogos Pan-Americanos ocorreram entre os dias dez e vinte e seis de julho de 2015.

Alguns campeonatos estaduais acima citados não foram acompanhados, pois, o período realização dos mesmos não coincidiu com o período de coleta para esta pesquisa, entretanto, esse fato não prejudicou as nossas análises, uma vez que o período para coleta, conforme já citado, foi estrategicamente escolhido a fim de compreender os eventos internacionais, bem como o campeonato paulista, em que concentra os times brasileiros de maior representatividade. Além disso, partimos da premissa de que a cobertura midiática do *Globoesporte.com* seria maior com relação ao futebol de mulheres pelo fato da seleção brasileira participar do Mundial e dos Jogos Pan-Americanos.

Para coleta de dados, decidimos acompanhar as reportagens publicadas no *site* *Globoesporte.com* sobre as mulheres, e também aquelas publicadas sobre os homens, apenas a título de comparação, pois, os dados dos homens não serão tratados na pesquisa. Como apresentamos na problematização, historicamente, o futebol masculino se consolidou na

²⁷ Disponível em: <http://www.paso-odepa.org/juegos-panamericanos.html>. Acesso em: 06/06/2015

cultura brasileira como agente formador da identidade dos homens, e para as mulheres é uma prática que desencadeia estranhamento por parte da sociedade e pelos meios de comunicação ao longo do tempo. Dessa forma, procuramos verificar se essas representações se repetem e como elas são construídas em nosso objeto de análise. Assim, foi necessário acompanhar inicialmente o futebol de homens e de mulheres.

As informações foram compiladas e organizadas no computador em pastas por campeonatos, mês, dia, e os assuntos diversos seguiram o mesmo padrão. Os passos para a seleção das notícias se deram à medida que estas apareciam na página inicial do *site*. Entretanto, algumas matérias que apareciam em destaque eram atualizadas ao longo do dia, de acordo com os acontecimentos.

No primeiro mês, acessamos o *site* duas vezes ao dia – manhã e noite – observando sua estrutura, dinâmica, forma de atualização das notícias e frequência de informações a respeito do futebol de mulheres. A partir do segundo mês, passamos a acessar apenas uma vez ao dia, pois, além de as notícias a respeito do futebol para mulheres serem menos frequentes, era possível obter notícias sobre elas através do campo de “busca” disponível no *site*. Seguimos essa dinâmica de investigação no *site* nos dois meses subsequentes.

Após o encerramento da coleta de dados, foram contabilizadas, no total, 2.127 reportagens, sendo 1.966 relacionadas aos homens e 161 relacionadas às mulheres, em uma média de 20 a 40 reportagens coletadas por dia. Este resultado mostrou que o futebol para homens permanece mais valorizado pelo meio de comunicação, pelo menos, ao noticiar com mais frequência os homens na modalidade.

A partir do momento em que comparamos e verificamos que o futebol de homens é mais veiculado pelo *Globoesporte.com*, nos debruçaremos exclusivamente nas 161 reportagens coletadas acerca das mulheres no futebol.

3.3 Critérios de inclusão

A fim de organizar o material empírico e buscar responder os objetivos propostos nesta dissertação, estabelecemos três filtros para a inclusão das reportagens que foram mais relevantes e, portanto, selecionadas para análise. Num primeiro momento, delimitamos nosso olhar apenas para as reportagens que traziam os discursos acerca das mulheres no futebol (títulos e textos) e as imagens.

A partir da leitura dos títulos das reportagens selecionadas no primeiro momento, decidimos por incluir apenas aquelas que já apresentavam no título indícios de uma feminilidade ou beleza concedida às atletas pelo discurso, como por exemplo “Futebol Feminino”, “Mundial Feminino”, “Musa”. Inserimos também expressões que nos remetiam diretamente para o futebol de mulheres, como “Seleção Permanente” e, também incluímos aquelas reportagens que já traziam em seu título o nome das atletas.

E, por fim, o terceiro momento consistiu em retirar das análises, a partir da leitura do conteúdo das reportagens, aquelas que denominamos “reportagens informativas”, ou seja, traziam o texto e, em alguns momentos, imagens, mas, apenas descreveram algum jogo ou evento de mulheres. Dessa forma, excluímos cento e vinte e sete reportagens das mulheres que não atenderam aos critérios de inclusão, restando apenas 34 reportagens que foram analisadas. (APÊNDICE A)

A partir destas 34 reportagens, analisamos também os comentários. Ao final de cada reportagem há um espaço disponível por tempo limitado para o/a leitor/a deixar seu comentário, que pode ser respondido através de texto, ou receber um “curti” ou “não curti”²⁸.

Contabilizamos no total 612 comentários e/ou respostas distribuídos em 22 reportagens das 34 analisadas. Deste total, 581 postagens foram assinadas por homens e 31 por mulheres, sendo que o/a mesmo/a usuário/a poderia fazer o comentário mais de uma vez. Desconsideramos os comentários das reportagens excluídas das análises.

Esses dados, em que os homens são maioria nas postagens dos/as usuários/as, foi encontrado também nas análises de Carla Grespan e Silvana Goellner (2014), e colabora para visualizar como o esporte, neste caso o futebol, mesmo o praticado por mulheres, continua sendo um campo mais vivenciado, e discutido majoritariamente, entre os homens.

3.4 O tratamento dos dados

Neste item trataremos das maneiras pelas quais analisamos os discursos e as imagens presentes em algumas das reportagens que selecionamos. Trazemos a semiologia descrita por Gema Penn (2012), que utiliza autores como Sussure e Barthes, a fim de

²⁸ Estes termos advêm das redes sociais e querem dizer se a pessoa que leu o comentário gostou ou não do mesmo, sem precisar responder através das respostas. O “curti” é representado por um sinal de positivo, um desenho de uma mão com o polegar virado para cima, já o “não curti” é o mesmo desenho com o polegar virado para baixo.

compreender de que maneira os sistemas de signos²⁹ produzem sentidos, ou seja, produzem representações na cultura. Penn (2012, p. 321) cita Sassure (1915) para definir a semiologia como a “ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social”. Uma observação importante apontada pela autora para aqueles/as que utilizam a semiologia como referencial analítico é a de que:

Tanto na linguagem escrita como na falada, os signos aparecem sequencialmente. Nas imagens, contudo, os signos estão presentes simultaneamente. Suas relações sintagmáticas são espaciais e não temporais (IBIDEM, p. 322).

A autora nos fala que as imagens são ambíguas ou produzem vários sentidos. Dessa forma, está quase sempre acompanhada de uma legenda, pois, o texto tira a ambiguidade da imagem. Os sistemas semiológicos são compostos de uma mistura linguística de imagens e textos. “O ato de ler um texto ou uma imagem é, pois, um processo interpretativo. O sentido é gerado na interação do leitor com o material” (IBIDEM, p. 324).

Gemma Penn (2012) apresenta também os níveis de significação, os quais iremos utilizar com frequência para interpretar os textos, são eles: a denotação, a conotação, e o mito.

No nível da denotação, o/a leitor/a necessita apenas de conhecimentos linguísticos e antropológicos, ou seja, possui um vínculo direto com o significado da palavra no dicionário, sem sentidos derivados ou figurados. Já a conotação exige que o/a leitor/a possua outros conhecimentos culturais. Barthes (1964), citado por Penn (2012), define esses conhecimentos como léxicos, ou seja, eles são “uma porção do plano simbólico (da linguagem) que corresponde a um conjunto de práticas e técnicas”.

A conotação sugere uma série de fatores presentes em seu significado, para além do vínculo direto e imediato que mantém com as palavras e os objetos da realidade. Por este motivo que Penn (2012) chama atenção para a necessidade de um conhecimento cultural prévio no nível da conotação.

Na chamada segunda ordem de significação, a autora aponta o mito, que para ela “representa uma confusão imperdoável entre história e natureza” (GEMA PENN, 2012, p. 324). O mito é um processo pelo qual uma determinada cultura naturaliza suas normas e suas ideologias. Um exemplo das ideologias naturalizadas que poderíamos citar, seria o mito da beleza feminina, que constrói uma ideia de feminilidade cristalizada para as mulheres no

²⁹ Signos são um sistema compostos de significante e significado que, em uma relação recíproca, atribuem sentidos às palavras, às ideias.

âmbito social, produzindo uma representação naturalizada de mulheres graciosas, delicadas e frágeis.

Corroborando com Gema Penn (2012), percebemos que os discursos das reportagens criam visões de mundo atreladas às relações de poder-saber:

Não se trata de fazer a divisão binária entre o que se diz e o que não se diz; é preciso tentar determinar as diferentes maneiras de não dizer, como são distribuídos os que podem e os que não podem falar, que tipo de discurso é autorizado ou que forma de descrição é exigida a uns e a outros (MICHEL FOUCAULT, 2005b *apud* SHIRLEI REZENDE SALES, 2012, p. 124).

Michel Foucault na obra *A Ordem do Discurso* (1999a) nos fala que o discurso está longe de ser neutro. As sociedades se utilizam de mecanismos de controle e de exclusão dos diversos discursos nelas presentes e, mais do que isso, são controlados quem é autorizado a dizer e como dizer. Dessa forma, o discurso é conceituado pelo autor como uma rede de signos que se conectam entre si e estabelecem valores sociais a serem perpetuados. Nas palavras de Wagner Amodeo (2011, p. 3) “a crítica de Foucault está concentrada nos procedimentos que visam o controle do que é produzido, por quem é produzido, e de como se distribuem os discursos, como podem ser vistos no quadro sinótico”.

Nesse contexto, o discurso é objeto de desejo a ser buscado pelas instituições sociais, pois, uma vez detentores do discurso, é possível ter o poder de dominação da sociedade. Pensamos que ter em mente o discurso em uma perspectiva foucaultiana, nos permite compreender o dado com um olhar crítico, verificando os possíveis motivos pelos quais aquelas informações são veiculadas em detrimento de outras e por que aquela informação é reproduzida daquela maneira, em determinados contextos, ou seja, é preciso nos interrogar constantemente acerca das “condições de existência do discurso” (SHIRLEI REZENDE SALES, 2012, p. 125)

Outra observação importante que fazemos sobre as reportagens selecionadas foi a presença de especialistas e gestores do esporte que concederam entrevistas e opiniões para o *site*. Pierre Bourdieu (1997) em sua obra *Sobre a Televisão* pontua que a emissoras disputam diariamente quem cobre o fato primeiro, em primeira-mão, visto que as informações são praticamente noticiadas em tempo real na atualidade. Dessa forma, os *fast thinkers* ou rápidos especialistas (tradução nossa) levam para o público ideias “prontas”, aceitas por todos.

O autor argumenta ainda que os *fast thinkers* não colocam um “porém”, nem desconstroem uma ideia para depois reconstruí-la, a fim de que o pensamento do senso-

comum se modifique, pois, isso leva tempo, e o tempo tem significado econômico imediato para a TV:

Se a televisão privilegia certo número de *fast-thinkers* que propõem *fast-food* cultural, **alimento cultural pré-digerido, pré-pensado**, não é apenas porque eles têm uma caderneta de endereços, aliás sempre a **mesma**: há falantes obrigatórios que deixam de procurar quem teria realmente alguma coisa a dizer (...) (PIERRE BOURDIEU 1997, p. 41 - grifos nossos).

Percebemos que, assim como a televisão, a mídia *online* também produz esses rápidos especialistas, devido sua característica emergencial, e nessa dinâmica reproduzem discursos já constituídos e autorizados socialmente. O que vimos são pessoas dispostas a conceder entrevistas como treinadores/as, dirigentes, atletas, assistentes de arbitragem, entre outros/as, ou repórteres especializados, mas, sempre nos moldes convencionados.

Com relação aos comentários feitos pelos/as usuários/as do *site* a respeito do futebol de mulheres, percebemos, de maneira geral, divergências entre si e também com relação aos discursos e às imagens das reportagens. Enquanto alguns/as reproduzem um determinado mito naturalizado socialmente para as mulheres, outros/as buscam resistir às ideias prontas que são constantemente reiteradas no *site* e as desestabilizam com seus comentários.

Danúbia Andrade (2010) considera que as análises feitas da recepção de um conteúdo midiático, representa uma troca de paradigma, em que o foco é mais específico, ou seja, passa a ser sobre os sujeitos que veem televisão, leem jornal, ou acessam um conteúdo *online*.

A autora afirma ainda que as análises de recepção se voltam para o uso que os consumidores fazem de determinado conteúdo midiático, e consideram o receptor como uma parte importante no processo de construção de sentidos e significados. Assim, se faz importante a análise dos comentários feitos por aqueles/as que acessam o conteúdo do *Globoesporte.com*, evidenciando as maneiras pelas quais as notícias são subjetivadas pelo público leitor.

É importante destacar que as temáticas a serem apresentadas no capítulo a seguir emergiram a partir de algumas características das reportagens e comentários selecionados e tratados para a análise, tendo como referência seu caráter polêmico com relação às mulheres no futebol, bem como os comentários feitos pelos/as usuários/as do *site*. Ou seja, alguns discursos e imagens que nos chamaram especial atenção, foram importantes para a discussão dos dados, juntamente com a literatura.

4 WEBJORNALISMO ESPORTIVO: UM JOGO DE DISCURSOS E IMAGENS

A partir da exploração do material empírico, emergiram três temáticas para análise, a saber: **Feminilidades em jogo: imagens e discursos midiáticos no futebol de mulheres; Impedimentos de gênero: quando será a vez delas?;** e **“Desenvolvimento do futebol feminino”:** **agendas para as mulheres.** Esses temas foram importantes, pois, nos permitirão descrever as maneiras pelas quais o Globoesporte.com constrói a notícia sobre as mulheres no futebol, bem como possibilitará relacionar esses discursos e imagens com os comentários dos/as leitores/as.

É importante destacar também que, entre as trinta e quatro reportagens, o mesmo assunto se repetiu e, dessa forma, utilizamos todas para que o fenômeno fosse melhor compreendido. Contudo, apresentaremos nas análises aquelas que desencadearam maiores debates, tanto nos discursos e imagens quanto nos comentários: ora focando somente nos discursos, ora somente nos comentários, e outras vezes em ambos, pois, se complementam.

Optamos também por trabalhar com trechos das falas e dos discursos ao longo das análises, uma vez que seria inviável e desconfortável para a leitura reproduzirmos as reportagens na íntegra. No entanto, é possível encontrá-las devidamente referenciadas nos anexos desta dissertação.

Antes de partirmos para o primeiro tópico de análise, apresentaremos a **Interpelação**, que se materializa em alguns discursos das reportagens e nos comentários dos/as leitores/as. Não se caracteriza como uma temática, no entanto, atravessa todos os outros temas de análise que elencamos a partir do material empírico. Portanto, é um assunto que decidimos deixar à parte, pois, será necessária uma discussão mais específica, *a priori*, para posteriormente ser analisado juntamente com as temáticas em relação.

4.1 Algumas considerações sobre a Interpelação

As palavras têm o poder de ferir? (Sara Salih, 2015)

A partir da indagação sobre o “poder” que a linguagem exerce sobre os sujeitos, através de interpelações³⁰ referentes às identidades de gênero, iniciamos o tema intitulado **Algumas considerações sobre a Interpelação**, no qual discutiremos acerca do poder

³⁰ Utilizaremos o termo “interpelação” no sentido atribuído por Judith Butler, que nas palavras de Sara Salih (2015, p. 148) quer dizer “um enunciado performativo, isto é, um enunciado que constitui um sujeito no ato de nomeá-lo”.

exercido pelos discursos proferidos em algumas reportagens e entre os/as leitores/as, que se revelam em alguns momentos pejorativos, subjetivando aqueles que proferem as palavras injuriosas e aqueles que são insultados por elas. Daniel de Almeida (2015) aponta que agressões verbais passam a se inscrever no corpo e na memória dos sujeitos, moldando-os e modificando a relação interpessoal desses indivíduos.

Conforme discorre Judith Butler (2013), a ação da fala perpassa através do interlocutor, isto é, os sujeitos que proferem os discursos são produtores e também produtos, formados na/pela linguagem: “Na mesma medida em que os falantes são formados pela linguagem, eles também a formam” (SARA SALIH, 2015, p. 143).

Os/as usuários/as que comentaram as reportagens são agentes dos discursos, que ecoam de outras vozes no âmbito social, ou seja, os discursos atravessam os agentes da linguagem. As palavras de Sara Salih (2015, p. 143) elucidam essa ideia:

Se a linguagem é uma cadeia significante que se prolonga para trás e para além de quem enuncia, então seria um erro supor que quem enuncia é produtor isolado da fala. Butler rejeita a noção da autonomia soberana da fala, e, embora insista que os falantes nunca estão no pleno controle do que dizem, ela também argumenta que os falantes são, em alguma medida, responsáveis por seus enunciados, e em certos casos, deveriam ser processados por proferir palavras que ferem.

Soberania para dizer e responsabilidade sobre os discursos são ideias diferentes. Insultos e termos pejorativos presentes na linguagem são utilizados pelos sujeitos, entretanto, estes não são autores desses termos, utilizam-se deles para reiterar uma ideia, uma representação.

A título de exemplo, iniciaremos este debate com um comentário sobre reportagem R17 “Musa da TV Tamires comenta a encarada no túnel e saudade do filho” veiculada no dia 12 de junho de 2015, que será descrita com mais detalhes posteriormente: *“Nossa que exagero a mina n é isso tudo tmb. Perdi meu tempo entrando na matéria”*.

A fala acima pertence ao usuário Renan Dias, que expõe sua opinião a respeito da beleza da jogadora Tamires, anunciando que a atleta não lhe agrada fisicamente. A reportagem chamou a atenção para os atributos físicos da atleta de futebol através da palavra “musa” em seu discurso. No entanto, as representações geradas pela reportagem causaram uma reação negativa no usuário. Ou seja, os modos de endereçamento nem sempre “acertam” o alvo (ELIZABETH ELLSWORTH, 2001).

Judith Butler citada por Sara Salih (2015) corrobora com essa ideia ao afirmar que nem sempre a ação de nomear é efetiva ou “bem-sucedida”, pois, os contextos e as convenções podem gerar nos sujeitos múltiplas e imprevisíveis conclusões. Dessa forma, considerados atos performativos da linguagem, as palavras podem ou não se revelarem eficazes na definição que pretendem atingir, e os agentes da fala podem fazer uma “apropriação subversiva” da linguagem, isto é, subverter um determinado modo de endereçamento.

Renan Dias não é exatamente quem a notícia pensa que ele é: homem que se identifica com um modelo hegemônico de beleza feminina, mas, nem por isso sua sexualidade deveria ser polemizada. Entretanto, ao desagradar do físico da jogadora Tamires, uma suposta homossexualidade foi considerada pelo usuário Erasmorodrigues, que responde ao comentário de negação à beleza feminina através de uma afirmação insultuosa: “Gaaaaaaaaaaaaay”.

A repetição da vogal “a” na palavra *Gay* parece corresponder a uma espécie de fala vociferada do usuário, porém, na forma escrita. Ou seja, se os usuários estivessem argumentando pessoalmente, seria possível pensar que Erasmorodrigues insultaria Renan Dias em alta voz.

A colocação pejorativa acima destacada garante, portanto, o modo de endereçamento da reportagem, em que foi eficaz para a maioria dos leitores, bem como a performatividade na linguagem, uma vez que possui um nome no núcleo (*gay*) que define a nomeação, além de possuir um contexto histórico e social que transcende os interlocutores e demonstram eficazes no “sucesso” da interpelação. Nas palavras de Daniel de Almeida (2015, p. 87):

No caso da interpelação injuriosa de gênero, podemos compreender que a interpelação torna esse indivíduo, por exemplo, um sujeito-bicha, pelo menos para o locutor, pelo fato de estes enunciados materializarem a ideologia que *recruta e transforma* o sujeito naquilo que diz. Isso reforça a ideia de que toda interpelação e toda injúria são atos performativos pelos quais um lugar particular no mundo é atribuído àquele que dela é destinatário. (Grifos do autor)

Trocas de insultos, sobretudo no que concerne a xingamentos referentes à homossexualidade, se revelaram recorrentes nas postagens. Na medida em que um usuário apresenta uma opinião que não atendeu aos modos de endereçamento da reportagem, este foi repreendido por outros leitores, que se comportam como agentes de um discurso assentado na matriz heterossexual: “E Marcos Andreto, não gostou? Vc gosta de quem do Kaká???? Sei

não.... kkkkkkk” (Paulo Horta); “É só pra quem gosta de mulher amigo. Fica quieto na sua ou sai logo do armário” (Fábio Nascimento).

Tomáz Tadeu da Silva (2014) aponta que, no interior de uma cultura, as identidades, entre elas as identidades sexuais, são construídas em uma relação de poder que, por consequência, são hierarquizadas dentro de uma norma social. Percebemos nos comentários que a identidade homossexual, além de ser gerada pelos próprios usuários nos comentários, é simultaneamente rechaçada por eles, e essa relação *sine qua non* entre heterossexualidade e homossexualidade objetiva uma coerência da identidade heterossexual.

Judith Butler (2013) discorre acerca da “melancolia³¹ militar”, um caso similar ao que observamos acima nos comentários. De acordo com a autora, a fim de que a heterossexualidade seja a identidade soberana e incontestável no âmbito militar, os sujeitos produzem e proíbem a homossexualidade numa relação dialética em que, sem a identidade desviante, não seria possível a manutenção da heteronormatividade. Sobretudo no futebol, percebemos também essa relação dialética, em que os usuários “necessitam” da homossexualidade para manter os contornos e práticas corporais em um esquema heterossexual. Esse produto se consolida e se torna viável através da interpelação.

Dessa forma, os leitores procuram solapar qualquer suspeita de que sentem atração por outros homens, (re)afirmando constantemente sua identidade sexual. Assim, verificamos também manifestações de exaltação dessa masculinidade hegemônica através das postagens: “Até a formiga eu pego... Imagina ela... gataa” (Thiago Abreu); “Eita bicho bruto! Esse não usa Boticário³² não kkk. Esse gosta mesmo do negócio. Eh nós” (Mário Araújo).

O usuário Thiago Abreu se refere à jogadora Formiga que, ao contrário de Tamires, citada na reportagem que iniciou essa discussão, não é considerada “musa” pela

³¹ Em *Problemas de Gênero* (2012), Judith Butler dedica um capítulo para discorrer, baseada na psicanálise, acerca das maneiras pelas quais assumimos determinadas identidades de gênero. Para a autora, o tabu da homossexualidade nas fases iniciais da infância precede o tabu do incesto, no qual a criança se identifica com um de seus progenitores e logo é censurada. Nesse sentido, a proibição de um desejo homossexual causa um sentimento melancólico que é incorporado pelos sujeitos e mantido ao longo da vida. “O sujeito heterossexual melancólico irá ‘carregar’ na superfície do corpo seu desejo proibido pelo mesmo sexo, de modo que a ‘ultrafeminilidade’ e a ‘ultramasculinidade’ físicas denotam o desejo renegado do sujeito por um objeto do mesmo sexo” (SARA SALIH, 2015, p. 83).

³² A campanha publicitária da empresa “O Boticário” para o Dia dos Namorados do ano de 2015 mostra a troca de presentes entre sujeitos heterossexuais e homossexuais. A campanha recebeu muitas críticas por parte das instituições mais conservadoras, que ameaçaram boicotar a marca, e denunciaram ao Conar (Conselho Nacional de Autorregulação Publicitária) alegando que a peça era um “desrespeito à sociedade e à família”. O órgão abriu um processo para verificar o caso. No entanto, em outubro de 2015, o vídeo recebeu um prêmio intitulado *Grand Effie* (prêmio máximo) no evento *Effie Awards Brasil 2015*. Disponível em: <http://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2015/10/propaganda-da-boticario-com-casais-gaysvence-premio-publicitario.html>. Acesso em 17/03/2016.

mídia ou pelos usuários. No entanto, o leitor não vê a beleza física como um impedimento para ter relações amorosas ou sexuais com as mulheres. A afirmação da masculinidade e a manutenção da identidade heterossexual do usuário se sobrepõe até mesmo à atração ou preferência por determinado traço corporal. O usuário Mário Araújo, ao responder “*Eita bicho bruto! Esse não usa boticário não*”, referindo-se ao comentário de Thiago de Abreu, ratifica e exalta a necessidade de evidenciar a heterossexualidade hegemônica no meio futebolístico.

A construção das identidades de gênero no campo esportivo acontece nos discursos que se assentam em uma lógica binária dos sexos e dos gêneros. As práticas corporais e esportivas são regidas pelas interpelações, injuriosas ou não, que constituem os sujeitos no ato da nomeação.

Além disso, concordamos com Judith Butler (2012) quando pensamos que o espaço do futebol é regido por dois pilares de sustentação: a heterossexualidade compulsória e o falocentrismo. Enquanto a heterossexualidade compulsória, ou heteronormatividade, atua de forma imperativa nos corpos, desejos sexuais e identidades de gênero, o falocentrismo constitui e garante a hierarquia dos gêneros, na qual às mulheres é reservada condição inferior aos homens.

Nesse sentido, pedimos licença para transformar a frase de Simone de Beauvoir (1980): “Não se nasce homem, torna-se homem”, pensando que a construção da masculinidade hegemônica no âmbito social é, assim como a feminilidade, uma construção linguística performativa que ecoa também no campo esportivo, sendo o futebol seu principal representante, onde as identidades heteronormativas se instalam e se afirmam.

Para finalizar, compreendemos a interpelação como a ação de nomear, que pode possuir uma conotação pejorativa ou injuriosa, e através desse ato performativo, é possível inserir o sujeito nomeado em uma situação socialmente inferiorizada. Ou seja, é colocada uma “posição de sujeito” através da interpelação, e esse ato pode fazer referência à diversas características, sociais ou físicas, consideradas culturalmente inferiores.

4.2 Feminilidades em jogo: imagens e discursos (midiáticos) no futebol de mulheres

No primeiro tópico de análise, trazemos para o debate as **Feminilidades em jogo: imagens e discursos (midiáticos) no futebol de mulheres**. Decidimos inserir o termo “midiáticos” entre parênteses no título, pois, analisaremos não apenas as reportagens, mas também os comentários. Dessa forma, esses discursos que convergiam com a temática

“feminilidades” poderão advir por parte *site* ou dos/as leitores/as. Esse tema totalizou 6 reportagens e 246 comentários, no entanto, selecionamos algumas reportagens (5) e comentários (7) para debater essa temática.

Palavras e imagens, e suas interações nos discursos midiáticos sobre homens e mulheres jogadores e jogadoras de futebol, reforçam as masculinidades e feminilidades hegemônicas. Mais especificamente para as mulheres, esses discursos acabam por nos dizer o que se espera visibilizar enquanto corpos femininos, ou seja, corpos atléticos e ao mesmo tempo delicados e belos, atributos importantes para as mulheres num campo masculino como o futebol.

Juliana Souza e Jorge Kinjnik (2007) apontam que as representações subjetivadas pelos grupos sociais acerca de determinado fato ou acontecimento são naturalizadas pela mídia e, embora elas nem sempre sejam verdadeiras, são as mais difundidas. Portanto, buscamos desmistificar os processos de naturalização dos mitos, inscritos nas imagens e nos discursos midiáticos. Dessa forma, é possível identificar valores culturais implícitos no interior das reportagens, analisando criticamente suas maneiras de representar e veicular imagens e textos acerca das mulheres no futebol.

Iniciaremos as análises com a reportagem de número R6, intitulada “Coleção de musas: álbum do mundial feminino começa a ser vendido”, veiculada no dia 20 de maio de 2015, que informa o início das vendas no Brasil do álbum de figurinhas da Copa do Mundo FIFA de futebol feminino ocorrida no Canadá.

É importante destacar esse fato, pois, pela primeira vez na história das Copas do Mundo FIFA de futebol feminino, o álbum de figurinhas, que teve sua primeira versão em 2011, foi disponibilizado para compra fora do país sede dos jogos, circulando para outros países ao redor do mundo, inclusive no Brasil³³.

O livro ilustrativo traz figurinhas de todas jogadoras e comissão técnica das seleções participantes do Mundial do Canadá, de 2015; traz também tabelas a serem preenchidas com o placar dos jogos, figurinhas dos estádios e curiosidades acerca dos locais de realização dos jogos. Segue o discurso da reportagem:

Que tal colecionar musas? Isso é possível ao menos no álbum de figurinhas da Copa do Mundo feminina de futebol, que ocorre de 6 de junho a 5 de julho, no Canadá. A publicação já está à venda por R\$5,90. Entre as jogadoras estão Alex Morgan e Hope Solo dos Estados Unidos, Tamires, do

³³ Disponível em: <http://collectibles.panini.com.br/editorial/fifa-womens-world-cup-canada-2015tm.html>. Acesso em: 25/02/2016.

Brasil e Jill Roord, da Holanda. (Grifos nossos) (R6 “Coleção de musas: álbum do mundial feminino começa a ser vendido”. Fonte: Globoesporte.com. Campeonato: Copa do Mundo FIFA)

Apesar de ser uma importante iniciativa em prol da divulgação da Copa do Mundo FIFA de futebol de mulheres, das jogadoras e suas equipes, percebemos que o discurso produzido pela reportagem estimula o leitor a ver as jogadoras como objetos inspiradores, como se as atletas estivessem à venda para serem admiradas e desejadas.

Afinal, uma coleção é algo que se admira na estante, como um troféu. A qualidade de musa conferida às atletas pela reportagem não é compatível com o que elas desenvolvem no esporte, no treinamento árduo, objetivando vestir a camisa de seu país e disputar um dos títulos mais importantes do futebol. Os atributos elogiáveis seriam aqueles em que reconhecessem a competência para o jogo.

Na obra *O mito da beleza*, Naomi Wolf (1992) discorre as maneiras pelas quais as imagens difundidas de beleza feminina dificultam a ascensão das mulheres em vários âmbitos sociais. Esses discursos e imagens servem como armas políticas para dificultar a emancipação dessas mulheres, aprisionando-as em padrões de beleza e feminilidade convencionais.

Para Naomi Wolf (1992), o estereótipo de “beldade” atribuído às mulheres em uma cultura masculina, no caso o futebol brasileiro, serve para manter o *status quo* desta cultura, ou seja, para que esta cultura possa continuar sendo masculina. Além da ideia de que as atletas estão “à venda”, a reportagem corrobora para que o futebol, como um espaço de interação masculina, não se modifique com a inserção delas no campo, para que as mulheres sejam apenas uma espécie de enfeite a ser admirado.

Jorge Knijnik e Esdras Vasconcelos (2002) observam que, quando se trata do futebol de mulheres na mídia, os atributos físicos são recorrentemente lembrados e evidenciados, muitas vezes, em detrimento dos lances da partida ou das qualidades que deveriam ser apreciáveis em um jogo de futebol, ao contrário do que acontece quando o futebol é praticado por homens em que “toda a imprensa, torcida, dirigentes e comentaristas, querem sempre que os melhores atletas, independentemente de seu ‘sex appeal’, estejam em campo” (p. 8).

Nesse contexto de eterna vigilância sobre as características corporais das mulheres, vale destacar também que figurinhas que representam o álbum da Copa do Mundo FIFA selecionadas pela reportagem, aparecem atletas de pele e olhos claros, cabelos lisos, nariz e boca finos, que bem representam uma visão Eurocêntrica, interpretando o mundo segundo os valores do ocidente europeu, de acordo com a montagem feita para a reportagem:



Figura 6: Montagem das figurinhas. R6 “Coleção de musas: álbum do Mundial feminino começa a ser vendido”
Fonte: Globoesporte.com.

A partir desse modelo de corpo e beleza, a reportagem nega de maneira subliminar a categoria “mulheres”, concebida no plural, em que a diversidade deve ser representada nas diferentes raças, etnias, modos de ser, que reverberam em especial em um evento de proporções mundiais, como é o caso da Copa do Mundo FIFA de futebol feminino.

Nas palavras de Sara Salih (2015, p. 133): “De qualquer maneira, falar em termos de ‘normas racializantes’ significa, na verdade, sugerir que a raça, tal como o gênero, o sexo e a sexualidade, não é natural, mas construída”, ou seja, o discurso e a imagem são montados no sentido de ocultar corpos que desestabilizam a cristalização de raça, etnia e modos de ser mulher na pluralidade.

Dessa maneira, Michel Foucault (1999a) nos fala que os discursos são, ao mesmo tempo, selecionados e redistribuídos, visando amenizar os acontecimentos aleatórios. No caso da reportagem, a utilização de imagens e textos, possibilitou o controle sobre os corpos femininos que escapam à norma, invisibilizando a diversidade presente no álbum de figurinhas da Copa do Mundo:

Em uma sociedade como a nossa, conhecemos, é certo, os procedimentos de *exclusão*. (...) Sabe-se bem que não se tem o direito de dizer tudo, que não se

pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa (MICHEL FOUCAULT, 1999a, p. 9).

Longe de ser neutro, o discurso é concebido como uma rede que se liga a outros discursos, e produz “verdades” socialmente aceitas e perpetuadas nas relações de poder. O autor ainda considera que as instâncias sociais validam essas “verdades” através de estratégias de manutenção da ordem, conforme Wagner Amodeo (2010, p. 4) se refere com relação à obra de Foucault:

A estrutura social de manutenção desses valores dispõe de rituais específicos de validação e disseminação dos discursos que torna um pronunciamento aceito oficialmente. Seja pela qualificação de autores, seja pelas solenidades que envolvem os discursos.

Podemos dizer que as questões corporais e culturais presentes na reportagem parecem impor lugares diferenciados às mulheres atletas nos discursos e nas imagens midiáticas, na medida em que visibilizam apenas aquelas com características “comercializáveis”, ou seja, esteticamente e socialmente aceitáveis para a divulgação da reportagem.

Georges Vigarello (2006) comenta que a história da beleza é inventada e remanejada de acordo com a cultura e o contexto histórico da cada época, sem escapar dos modelos de gênero e de identidades que são mais ou menos privilegiados nos discursos e nos artefatos culturais.

No caso do Brasil, para a reportagem foi selecionada a figurinha da jogadora (Tamires) que corresponde ao padrão Eurocêntrico de beleza. No final, a reportagem apenas cita o nome de todas as jogadoras da Seleção Brasileira que podem ser encontradas no álbum, mas, deixa obscura suas imagens, conforme o trecho a seguir: “*A seleção brasileira é representada no álbum por Andréia, Bruna, Mônica, Poliana, Rilany, Tamires, Andressa, Andressinha, Fabiana, Formiga, Maurine, Raquel, Thaisa, Cristiane, Darlene, Debinha e Marta*” (R6 “Coleção de musas: álbum do mundial feminino começa a ser vendido”. Fonte: Globoesporte.com).

Nesse contexto, na reportagem R32 “O futebol feminino é esquecido no Brasil. Atletas do Fla querem mais”, veiculada no dia 17 de julho de 2015, traz a difícil trajetória no esporte de duas jogadoras pardas ou negras, atletas da Marinha do Brasil, que representariam o Clube de Regatas do Flamengo em campeonatos nacionais:

*Nesta quinta-feira, em evento realizado no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (Cefan), no bairro da Penha, Zona Norte do Rio, foi oficializada a **parceria entre o Rubro-Negro e a Marinha do Brasil** para a disputa dos Campeonatos Carioca e Brasileiro feminino deste ano. As atletas das Forças Armadas vestirão a camisa e representarão o clube nas competições. (Grifos da Reportagem) (R32 “O futebol feminino é esquecido no Brasil. Atletas do Fla querem mais”. Fonte: Globoesporte.com. Assuntos diversos)*

O discurso dessa reportagem foi diferenciado das demais que traziam mulheres brancas e de olhos claros, pois, em nenhum momento o texto se referiu à beleza física das jogadoras, conforme segue o trecho que descreve as atletas a seguir:

Tânia Maranhão, como é chamada, em virtude do seu estado natal, é a nova jogadora do Flamengo – ela é zagueira (...)tem 40 anos. Cerca de 30 deles foram dedicados ao futebol. Nessas três décadas, passou por vários perrengues. Ouviu poucas e boas. Não se abalou. Absorveu as críticas e cresceu. Conquistou duas medalhas olímpicas (...) Andréia dos Santos tem 38 anos. Cerca de 20 deles foram dedicados ao futebol. O começo foi mais fácil que o da colega Tânia. Ainda assim, muito difícil. A meia Maycon, como é chamada, (...) por ter deixado os estudos de lado para focar-se integralmente no futebol, teme que seu futuro, após aposentadoria dos gramados, seja o mesmo que o de muitas colegas de profissão: esquecidas e com empregos que nada condizem com o esporte. (R32 “O futebol feminino é esquecido no Brasil. Atletas do Fla querem mais”. Fonte: Globoesporte.com. Assuntos diversos).

Sem desconsiderar as dificuldades de profissionalização enfrentadas cotidianamente pelas mulheres no futebol relatadas acima, tema que será discutido mais à frente nas análises, devemos pensar que o discurso se articula de acordo com interesses. Dessa forma, a visibilidade conferida às trajetórias das atletas no futebol, bem como a divulgação da parceria entre a Marinha do Brasil e o Clube de Regatas do Flamengo, pareceu mais interessante do que mostrar os corpos das atletas.

As três imagens utilizadas na reportagem corroboram com a característica descritiva e “publicitária” do texto, bem como não foram exaltadas nenhuma característica dos corpos das jogadoras, conforme segue uma delas a título de exemplo:



Figura 7: R32 “O futebol feminino é esquecido no Brasil. Atletas do Fla querem mais”
Fonte: Globoesporte.com.

Conforme aponta Guacira Lopes Louro (2001), apesar das fronteiras de sexo, sexualidade e gênero serem constantemente borradas devido às novas configurações sociais dos sujeitos, os discursos institucionais, inclusive dos meios de comunicação, ainda procuram manter uma ordem, uma classificação. A mídia procura frequentemente sustentar essa ordem, ressaltando constantemente modelos de feminilidade das jogadoras de futebol, mesmo que estes representem a minoria delas.

Ao longo do tempo, de acordo com Guacira Lopes Louro (2004), a determinação dos lugares sociais e as posições dos corpos em uma cultura foram determinadas, classificadas e hierarquizadas a partir das referências e padrões sociais, dos valores e ideais. Ou seja, os corpos são determinados pela/na cultura e podem valer mais ou valer menos, de acordo com a valorização das suas características físicas:

A cor da pele ou dos cabelos; o formato dos olhos, do nariz ou da boca; a presença de vagina ou pênis; o tamanho das mãos, a redondeza das ancas e dos seios são, sempre, significados culturalmente e é assim que se tornam (ou não) *marcas* de raça, de gênero, de etnia, até mesmo de classe e de nacionalidade (IBIDEM, p. 75).

Nos comentários, os leitores destacaram negativamente a aparência das jogadoras, como podemos acompanhar através da fala do usuário Édigo Luiz: “*Esse time de Pepê e Nenê tá osso, só mulher feia kkkkkkk*”.

Os corpos das mulheres atletas são mais ou menos valorizados pelos usuários de acordo com seus atributos físicos. Quando correspondem a um padrão de beleza, seus atributos são evidenciados e sensualizados, mas, quando não atendem, as mulheres são rechaçadas e sua sexualidade é colocada à prova.

Dessa forma, para serem reconhecidas no futebol, as mulheres devem corresponder *a priori* a altos padrões de corpo e beleza para se inserirem no campo, correndo o risco de serem valorizadas apenas pelos traços corporais e não pelas habilidades técnicas, essenciais para o jogo de futebol.

Mas, a quem a reportagem almeja atingir com a exibição de corpos que atendem a um padrão cristalizado? De que maneira um modelo de ser feminina veiculado pela reportagem subjetiva os sujeitos? Buscando respostas para essas questões, utilizamos Elizabeth Ellsworth (2001), que discorre sobre os modos de endereçamento nos processos de produção fílmica. A autora nos fala que os filmes, assim como os comerciais de televisão, livros, entre outros, são imaginados para um determinado público, visando fazer sentido para um grupo de sujeitos. Dessa forma, para que a película possa despertar sentimentos, como alegria, emoção, medo, deve estar devidamente endereçada ao público alvo.

Seguindo essa linha de raciocínio, as reportagens veiculadas pelo Globoesporte.com também imaginam seu público alvo e, para esses sujeitos, as informações e as imagens são embaladas. A alteridade no futebol brasileiro ocorre a partir de um olhar cristalizado, onde se volta quase que exclusivamente para os homens que detém características de masculinidade convencional. É possível pensar que, através das “musas” no futebol, o Globoesporte.com busca atrair/dialogar com seu público alvo.

Em alguns momentos o endereçamento, que objetivou atender a determinado público, no caso da reportagem (R6) acerca das “musas” no Álbum de figurinhas da Copa do Mundo foi eficaz, e pudemos perceber que os comentários dos leitores interpelaram de maneira corroborar com o discurso de beleza das jogadoras disseminado pela reportagem: “*As 2 americanas são gatas*” (Wesley Silva); “*As quatro mulheres são lindas*” (Tiago Brites); “*Alexandra Morgan é a mais top!!!*” (Jean Guia).

Os atributos físicos das atletas se tornam mais evidentes para o público do que o lançamento do álbum, na medida em que, de maneira geral, não percebemos um interesse por parte dos leitores em adquirir o produto. Além disso, a beleza física se encontra diretamente relacionada à presença ou não de uma feminilidade e à sexualidade convencional, como está presente nas falas dos usuários Júlio César e Júnior Souza: “*A Alex Morgan é bonita mas já tomou tantos esteróides que tá virando homem (...) Bonita mesmo aí é a holandesa que é bem feminina!*” (Júlio César); “*Essa Tamires se n fosse o cabelo grande, diria q era o IRMÃO gêmeo de Adriane Galisteu*” (Júnior Souza).

A sociedade e a mídia consideram a feminilidade das atletas como condição *sine qua non* para serem valorizadas, fixando na cultura o modelo de mulher feminina no futebol.

Percebemos também uma fala pejorativa por parte do usuário Júnior Souza que se refere à jogadora Tamires como um sujeito masculino.

Nesse contexto, Sara Salih (2015) aponta que, para além da imposição de uma beleza física para as mulheres no esporte, a feminilidade, bem como a sexualidade no campo social como um todo, não é uma escolha delas, mas, uma citação forçada da norma. Sobretudo no futebol, formador da identidade masculina na cultura brasileira, essa imposição parece prevalecer ainda mais.

Ao longo de nossas análises, comentários duvidosos, a respeito da feminilidade atrelada à uma sexualidade das atletas, eram constantemente reificados. Seja quando as mesmas não correspondiam a um padrão de beleza feminina convencionada na cultura ou pelo simples fato de praticarem uma modalidade que o artigo é seguramente definido como masculino: o futebol: *“Na maioria das seleções as jogadoras tem porte de homem que isso...”* (Alan Gomes); *“Essas daí devem gostar pouco da fruta que os homens gostam kkkkkkkkkk”* (Bruno Oliveira).

Viviane Teixeira Silveira e Alexandre Vaz (2013) apontam que a constante vigilância da sexualidade das mulheres no esporte objetiva um controle da heteronormatividade neste campo para que não haja rompimentos com a matriz heterossexual que, por sua vez, insere as categorias sexo-gênero-sexualidade em uma ordem, proporcionando no esporte uma visualização destes fatores, claramente definidos e delineados.

Através da construção de imagens de uma feminilidade convencional de jogadoras pelo *site*, é possível vigiar o corpo das mulheres, bem como invisibilizar aquelas que fogem à norma. Concordamos com Guacira Lopes Louro (2004) quando afirma que são realizados investimentos continuados e repetidos para garantir a coerência, a solidez e a permanência da norma a partir de múltiplas instâncias sociais e, entre elas, a mídia exerce forte influência.

No esporte de alto rendimento, o corpo é o local onde são construídas as identidades de gênero, se manifestando também como território de expressão de feminilidades e masculinidades. Dessa forma, o poder encontra sua materialidade através do corpo das atletas, de discursos sobre os contornos corporais mais aceitos para elas, bem como os rituais de embelezamento feminino para se atingir um padrão convencional de feminilidade.

Encontramos esses rituais na reportagem R17, intitulada *“‘Musa da TV’ Tamires comenta a encarada no túnel e saudade do filho”*, veiculada no dia 12 de junho de 2015. A jogadora da Seleção Brasileira Tamires, já lembrada por sua boa aparência em reportagens anteriores, fala sobre ter chamado atenção pela sua beleza física durante a transmissão oficial

feita pela FIFA do jogo de estreia do Brasil na Copa do Mundo de futebol de mulheres, que culminou com a vitória da seleção brasileira. Já no início do texto, a reportagem reitera que a jogadora chama a atenção pelos atributos físicos:

Ela não anda, ela desfila... bom, ao menos para a Fifa é assim. Tamires chamou a atenção da transmissão oficial pela TV da partida da seleção brasileira na vitoriosa estreia diante da Coreia do Sul (...) A todo momento, as câmeras a focavam buscando muitas vezes um belo close. O fato deixou a lateral feliz e gerou uma “confissão”: ela não deixa sua maquiagem de lado e gosta sim de um retoque final antes de entrar no gramado. (Grifos nossos) (R17 “‘Musa da TV’ Tamires comenta a encarada no túnel e saudade do filho”. Fonte: Globoesporte.com. Campeonato: Copa do Mundo FIFA)

Além de mencionar a letra de uma música – “*ela não anda, ela desfila*” - que faz uma metáfora onde a mulher de tão bela parece estar constantemente numa passarela, a reportagem se refere aos cuidados com a aparência, através do uso de maquiagens por parte de Tamires antes dos jogos.

A atleta também considera esse cuidado com a aparência importante durante a prática esportiva e faz um discurso diplomático sobre ter chamado a atenção pela sua beleza: “*Eu sempre gostei de antes dos jogos passar uma maquiagem. Me sinto lisonjeada e feliz pela Fifa ter me filmado e gostado da minha beleza. (Risos) Agradeço muito*”.

Dessa forma, tanto a atleta quanto o Globoesporte.com destacam um fator que é recorrente nos discursos midiáticos: a relação das mulheres atletas com os cuidados de si para a exaltação de uma feminilidade convencional no esporte. Para Denise de Sant'Anna (1995, p. 121), “a insistente preocupação com o embelezamento feminino faz parte de uma história que contém tanto de supérfluo quanto de indispensável”.

É indispensável, na medida em que o embelezamento do corpo feminino tornou-se um processo infinito, complexo e dotado de linguagem própria ao longo dos anos e, para além de combater a “feitura”, a busca pela beleza permite às mulheres um encontro com si mesmas. Uma suposta renúncia aos rituais de beleza, como: cosméticos, maquiagens, cirurgias, regimes, entre outros, significa uma renúncia a si própria. Dessa forma, a beleza parece algo inerente ao corpo feminino, se afirmando em todos os momentos da vida cotidiana, inclusive nas práticas esportivas.

O apelo estético feito pelo Globoesporte.com está relacionado à capacidade de uma mulher bonita atrair a atenção e admiração do sexo oposto, e também essa é uma maneira de manter o corpo nos padrões de feminilidade. Como exemplo, trazemos a montagem de

fotografias selecionada pela reportagem sobre Tamires, reiterando, através de imagens, os padrões já trazidos pelo discurso:



Figura 8: R17 “Musa da TV Tamires comenta encarada no túnel e saudade do filho”
Fonte: Globoesporte.com

Nesse contexto, outra reportagem que corrobora com esse apelo estético foi veiculada no dia 21 de maio de 2015, R9 “Questão cultural: Ana Paula defende o estético no futebol feminino”, em que Ana Paula Oliveira concede uma entrevista ao Globoesporte.com defendendo a ideia de uma valorização do futebol de mulheres baseada na “questão cultural”, na qual a estética e a beleza física são mais relevantes do que os treinamentos e a *performance*.

Ana Paula da Silva Oliveira é jornalista e técnica em administração, e começou sua carreira como assistente de arbitragem no futebol profissional masculino em 2001. Compôs o primeiro trio de arbitragem feminino a comandar uma partida masculina do Campeonato Brasileiro Série A, em 2003, ao lado de Sílvia Regina e, em 2005, foi a primeira assistente a atuar em uma partida da Copa Libertadores da América masculina³⁴.

O que nos chama atenção na trajetória de Ana Paula Oliveira e que concedeu a ela destaque nos meios de comunicação, além do fato de chamar a atenção por sua beleza física,

³⁴ Disponível em: <http://www.anapauloliveira.com.br/biografia>. Acesso em: 09/06/2016.

foi a partir de 2007 quando anulou dois gols legítimos do Botafogo contra o Figueirense pela Copa do Brasil de futebol masculino. Em consequência desse erro, foi afastada da condição de assistente de arbitragem e deixou o quadro de arbitragem da FIFA³⁵.

Nesse mesmo ano posou nua para uma revista masculina, o que lhe gerou diversos julgamentos por parte da imprensa e da sociedade. Em 2010, comunicou sua aposentadoria no esporte e atuou como comentarista num programa esportivo de um canal de televisão local, e participou de um *Reality Show* da TV Bandeirantes. Em 2014, à convite da CBF, Ana Paula Oliveira passou a atuar como integrante da Escola Nacional de Arbitragem de Futebol e, em 2016, passou a fazer parte do Comitê de Reformas do Futebol, no Grupo de Trabalho do Futebol Feminino³⁶.

Como já apontado, e baseado em seu histórico de constantes aparições e polêmicas nos meios de comunicação, devido a seu corpo e sua aparência física, a ex-árbitra destaca a valorização dos atributos físicos como essenciais para o desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil, conforme segue o início da reportagem:

Uma imagem feminina em meio ao futebol era algo não muito comum no começo dos anos 2000. Foi quando Ana Paula Oliveira apareceu em frente às câmeras em um jogo do campeonato Paulista entre Corinthians e São Paulo. A estética foi valorizada e ela foi até mesmo eleita musa dos gramados. Mas a feminilidade é algo tão importante para a popularização da modalidade no Brasil? A agora integrante da escola nacional de árbitros acha que sim. Ela coloca que as atletas precisam entender a questão cultural do país, onde este aspecto é forte. (R9 “Questão cultural: Ana Paula defende o estético no futebol feminino”. Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)

Ao que parece, Ana Paula Oliveira é referência para a reportagem quando se trata da valorização da estética e de uma feminilidade hegemônica, e ela mesma reitera que esses atributos devem ser valorizados no Brasil para que tenhamos desenvolvimento da modalidade:

O problema nosso é que a gente não tem essa amplitude de olhar, de analisar como um todo. Eu digo que é uma questão muito cultural e que no nosso caso as meninas precisam ter essa amplitude de olhar e entender que dentro da nossa cultura temos esse apelo estético. (Grifos nossos) (R9 “Questão cultural: Ana Paula defende o estético no futebol feminino”. Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)

³⁵ Disponível em: <http://torcedores.com/noticias/2014/09/por-onde-anda-a-bandeirinha-ana-paula-de-oliveira/1>. Acesso em: 09/06/2015.

³⁶ Disponível em: <http://www.cbf.com.br/noticias/comite-de-reformas/ana-paula-oliveira-para-que-elas-cheguem-ao-gol>. Acesso em: 09/06/2016.

Experiências de estudos e pesquisas já questionaram se a valorização da beleza física é realmente importante para o desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil e perceberam que este quesito não é determinante ou essencial para que a modalidade se consolide na sociedade brasileira. Pelo contrário, estas estratégias serviram para reforçar ainda mais as hierarquias de gênero no futebol, bem como foram meios de exclusão de jogadoras que não possuíam os atributos físicos desejáveis para a inserção no campo. Ou seja, serviu de empecilho para que as mulheres se destacassem e construíssem suas carreiras profissionais no futebol.

Silvana Goellner (2005) corrobora com fato de que a espetacularização dos corpos femininos nos discursos da mídia é recorrente e servem para trazer uma conotação erótica às mulheres atletas, desvincilhando do real objetivo em se praticar o esporte. Nas palavras da autora (p. 147):

Nesses e em outros lugares é possível identificar um processo educativo a produzir a espetacularização tanto de quem vê, quanto de quem é ou sente-se o próprio espetáculo, seja pela exibição de performances cada vez mais aprimoradas e pela construção de corpos comumente identificados como perfeitos, seja pela associação da sua prática com a aquisição de saúde e de beleza e a relação desta com a erotização dos corpos.

A autora traz como exemplo de sua fala uma reportagem publicada pela revista *Veja*, após a primeira participação da seleção brasileira feminina nos Jogos Olímpicos, no ano de 1996. Intitulada “Flores do Campo”, que reitera a importância da exaltação da beleza física e da erotização dos corpos das jogadoras. Reifica ainda uma hierarquia dos gêneros ao afirmar que, para os homens, a competência técnica já é suficiente para angariar patrocínios e visibilidade na mídia, já para as mulheres somente a competência não é suficiente, as jogadoras também deveriam investir na estética.

Um segundo exemplo foi citado por Jorge Kinijnik e Esdras Vasconcellos (2003) e também expõe essa situação já no ano de 2001. Em uma seletiva para o “Paulistana”³⁷, o objetivo era o “embelezamento” das atletas que deveriam atender a certas exigências estéticas como requisito para serem selecionadas, pois, os dirigentes prometiam para a sociedade e para a mídia um campeonato bom tecnicamente e belo, que integrasse futebol, beleza e feminilidade.

Dessa forma, atletas de cabelos raspados, ou com a musculatura demasiadamente aparente, por exemplo, ficariam de fora. A preferência era por mulheres de cabelos compridos

³⁷ Campeonato paulista na versão das mulheres, organizado pela federação paulista de futebol.

e com traços corporais “femininos”. Também havia o componente etário, as atletas não poderiam ter mais de 23 anos para participarem.

Concordamos com Jorge Kinijnik e Esdras Vasconcelos (2003) quando apontam que essas “estratégias” de desenvolvimento do futebol de mulheres nada mais são do que tentativas por parte dos meios de comunicação, que visam audiência, em chamar a atenção do público masculino heterossexual sobre as mulheres bonitas fisicamente e jogadoras de futebol. Além, é claro, de manter uma vigilância sobre os corpos femininos que praticam esportes de confronto.

Ainda na reportagem R9 “Questão cultural: Ana Paula defende o estético no futebol feminino”, Ana Paula destaca em sua fala uma diferenciação no tratamento feito por ela durante os jogos de futebol masculinos e femininos:

Qual o grande diferencial? O trato. Você não pode tratar a mulher da mesma forma que você trata o homem. A mulher quando atua no masculino tem que saber que quando vai para o feminino deve ter uma sutileza de atuar. Então a forma com que ela vai expressar com a mulher não é a mesma com que vai se expressar com o homem. Com o homem, você tem que ser mais firme (...) Até para se fazer respeitar (...) E se você leva isso para um torneio mundial feminino você pode assustar. Você tem que dosar isso e ter essa linguagem para lidar com o feminino. (Grifos nossos) (R9 "Questão cultural: Ana Paula defende o estético no futebol feminino". Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)

Sara Salih (2015), ao descrever a obra de Judith Butler, discorre sobre o sexo, que é constituído de enunciados descritivos, os quais estão relacionados a um determinado gênero e uma determinada sexualidade. Ou seja, podemos refletir que a fala exposta anteriormente é performativa, e atribui características específicas para as atitudes das mulheres, baseadas nas diferenças sexuais dos corpos:

Na medida em que a nomeação da menina é transitiva, isto é, em que ela inicia o processo pelo qual é imposto um certo tornar-se menina, o termo ou, mais precisamente, o seu poder simbólico, determina a formação de uma feminilidade corporalmente encenada que nunca preenche plenamente a norma. Essa é, entretanto, uma menina que está obrigada a citar a norma para se qualificar e se manter como um sujeito viável (JUDITH BUTLER, 1993 apud SARA SALIH, 2015, p. 125).

Ana Paula acaba por reforçar ainda mais a manutenção da norma cristalizada para os sexos em seu discurso, em que atribui ao sexo feminino características específicas como graciosidade, sensibilidade e fragilidade. Corrobora também para a manutenção de um campo

generificado pelo fato de acreditar que as jogadoras se “assustam” com mais facilidade, ou seja, são mais sensíveis aos comandos da arbitragem e, assim, não são aptas a praticarem uma modalidade esportiva na qual a coragem e o confronto são essenciais.

Com relação à postura e ao tratamento para com os homens no futebol, Ana Paula afirma em seu discurso que “*com o homem, você tem que ser mais firme*”. Parece ser essencial a assistente de arbitragem se despir da própria feminilidade hegemônica nas partidas masculinas, evitando ao máximo transmitir a ideia de “mulher frágil” dentro de campo. Dessa forma, diz que é necessário utilizar posturas agressivas e viris, características masculinas, para se aproximar do universo dos homens no futebol.

Nesse momento, a hierarquia de gênero também se faz presente, pois, além de ocuparem uma posição inferior aos homens nesse campo, as mulheres causam um constante estranhamento com relação à sua competência técnica e, nesse emaranhado, elas acabam por serem discriminadas, ou utilizam-se de artifícios tidos como masculinos para buscarem reconhecimento e “*até para se fazer respeitar*”. (Ana Paula Oliveira - Grifos nossos)

Ora, não seria necessário simplesmente um respeito mútuo entre jogadores, equipe técnica e arbitragem para que o jogo acontecesse, independentemente se estes/as são homens ou mulheres? A construção dos gêneros fixados na cultura é concebida dentro dos discursos e, por esse motivo, a desvinculação dos atos performativos dos gêneros às práticas esportivas torna-se uma ideia difícil de ser colocada em prática. Nesse contexto, o gênero é:

A estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de substância, de uma espécie de ser natural (JUDITH BUTLER, 2012, p. 33).

É percebido que os estereótipos de gênero relativos às mulheres, cerceiam a prática do futebol; são constantemente lembrados e afirmados, servindo, sobretudo, como empecilho para a inserção e permanência delas no campo.

A reportagem número R5 “Futebol feminino: Marco Aurélio quer opiniões de Bernardinho e Zé Roberto”, veiculada no dia 5 de maio de 2015, traz a fala de Marco Aurélio Cunha (MAC), que assumiu a coordenação de assuntos do futebol feminino na CBF em 2015.

Médico ortopedista, MAC iniciou sua carreira no esporte na década de 1970. Atuou no departamento médico em diversos clubes masculinos e, em 2002, assumiu a direção do São Paulo Futebol Clube. Em 2008, embarcou na carreira política onde foi eleito vereador pelo município de São Paulo por dois mandatos. Em maio de 2015, renunciou ao cargo político. Antes desse cargo na CBF, MAC nunca havia atuado com o futebol de mulheres.

O diretor expõe interesse em amenizar o preconceito em relação ao futebol de mulheres no Brasil, entretanto, mais uma vez busca estratégias relativas à ideia de uma feminilidade normativa como requisitos para ascensão das mulheres na prática esportiva:

Vamos colocar o dedo na ferida. Há um preconceito de que o futebol é esporte para homem, que futebol não é para mulher. Isso havia no basquete e no vôlei. E olha aí como nosso vôlei está. Mulheres bonitas, atléticas, meninas jogando com seu estilo, sem a força do homem, mas com uma leveza e beleza das mulheres. Você tem que encaminhar o futebol nessa linha. (Grifos nossos) (R5 "Futebol feminino: Marco Aurélio quer opiniões de Bernardinho e Zé Roberto". Fonte: Globoesporte.com. "Assuntos Diversos").

Características femininas, como: delicadeza, sutileza e fragilidade, são reafirmadas como pertencentes e necessárias ao universo e ao corpo feminino no discurso acima. Dessa forma, as ações referentes aos gêneros legitimadas na cultura são recorrentemente citadas e recitadas, a fim de que se consolide a ordem binária dos gêneros. Através dos discursos veiculados publicamente pelo Globoesporte.com, percebemos essa citação forçada da norma, conforme aponta Judith Butler (2012, p. 200):

Embora existam corpos individuais que encenam essas significações estilizando-se em formas do gênero, essa ação é uma ação pública. Essas ações têm dimensões temporais e coletivas, e seu caráter público não deixa de ter consequências; na verdade, a performance é realizada com o objetivo estratégico de manter o gênero em sua estrutura binária - um objetivo que não pode ser atribuído a um sujeito, devendo, ao invés disso, ser compreendido como fundador e consolidador do sujeito.

O corpo se torna foco central dos discursos midiáticos, os quais se inscrevem também as categorias gênero-sexo-sexualidade. Nesse sentido, Michel Foucault (1984) nos fala que o corpo é o objeto de desejo do poder, isto é, o poder penetra no corpo através de enquadramentos materializados nas práticas esportivas. Nesse sentido, MAC afirma ser importante buscar opiniões de treinadores de Voleibol feminino (Bernardinho e Zé Roberto):

Eu quero ouvir o Bernardinho, quero conversar com ele. Quero conversar com José Roberto Guimarães (...) Esse universo precisa ser mais compreendido e certamente apostar nisso. Quando você começa a apostar desperta o sentimento nas crianças e adolescentes: "poxa, esse troço é pra mim. Eu também quero jogar futebol!" (R5 "Futebol feminino: Marco Aurélio quer opiniões de Bernardinho e Zé Roberto". Fonte: Globoesporte.com. "Assuntos Diversos")

Para além do desenvolvimento da modalidade, MAC busca enquadrar os corpos das jogadoras de futebol nos moldes de feminilidade que as jogadoras de voleibol permanecem. Todavia, desconsidera as características específicas de ambas as modalidades, bem como as diferentes construções histórico-culturais do futebol e voleibol no Brasil. A indicação e aceitação do voleibol para as mulheres na cultura brasileira que, diferentemente do futebol, é um esporte sem contato, mais praticado e estimulado à prática por elas desde o século XIX (SANDRA BELLAS ROMARIZ, SEBASTIÃO JOSUÉ VOTRE, LUDMILA MOURÃO, 2012)

Enquanto o voleibol serviu para valorizar o corpo feminino na década de 1940, o futebol esteve entre as modalidades proibidas de serem praticadas oficialmente pelas mulheres a partir da mesma década e, apesar de jogarem na clandestinidade, somente a partir da década de 1980, as mulheres puderam se organizar para praticar livremente o futebol em competições federadas.

Apontado por Roberto da Matta como “o primeiro professor de democracia e igualdade”, conforme já exposto anteriormente, o futebol pode ser considerado um dos construtores da identidade nacional, e tem especial motivação na formação do homem brasileiro. Ao contrário do voleibol, o futebol como esporte, se aproxima do homem na sociedade e é formador de sua identidade masculina.

Nessa perspectiva, devemos observar que, quando a mulher se aventura nesse campo, encontra um eterno enquadramento identitário de gênero que compulsoriamente cobra de seu corpo, e de suas atitudes, feminilidade. Portanto, é preciso pensar que os corpos viris das jogadoras podem ou não habitar desejos heterossexuais, ou seja, um determinado estereótipo de corpo, de gênero e de sexualidade fixado na cultura, não define as identidades, que podem ser subversivas à essa ordem.

Ao longo das análises, encontramos a maioria dos comentários voltados para a cobrança ou enaltecimento da beleza física e da sexualidade das mulheres que praticam futebol, conforme já exposto anteriormente. No entanto, encontramos alguns poucos comentários que simbolizam um movimento de resistência com relação aos estereótipos construídos sobre as mulheres nas reportagens.

Na reportagem R9 “Questão cultural: Ana Paula defende o apelo estético no futebol feminino”, podemos ver que Ana Paula Oliveira também recebeu críticas com relação ao seu posicionamento por duas usuárias:

Quem tem que “ampliar o olhar” é ela e entender que não podemos continuar com essa cultura de que mulher precisa ser esteticamente atraente para estar em qq lugar, ainda mais no campo esportivo. A cultura deve ser mudada e não reforçada! (Ju Saboia)

Isso mesmo! A mulher tem que se vestir para agradar os homens! Afinal isso faz parte da nossa cultura, não é? (SQN)³⁸ Baboseira, cada um usa o estilo que se sentir melhor, ninguém é obrigado a mudar para agradar os outros e muito menos para “se dar bem” na profissão. (Sáskya Gurgel)

As falas acima nos dizem que o processo de resistência permite que os conhecimentos, verdades e rótulos disciplinadores dos sujeitos sejam questionados, reinterpretados, desautorizados e até mesmo alterados (JOÃO MEIRE FILHO, 2007).

A noção de que a cultura deve ser “*mudada e não reforçada*” sugere uma libertação das mulheres atletas de qualquer paradigma estabelecido socialmente para a inserção no campo. Isso significa que as identidades esportivas devem ser (re)construídas de forma a desafiar e subverterem as estruturas de poder, e o esporte é um campo onde as resistências ao modelo de corpo tradicional para as mulheres são importantes, pois, circulam diferentes configurações de corpos femininos, e também diferentes feminilidades. Estes sujeitos, portanto, performatizam uma nova ideia de futebol protagonizado pelas mulheres no Brasil e, ainda que em minoria, visam romper com os paradigmas que aprisionam os corpos femininos.

Diego de Souza Mendes *et al.* (2013) apontam que as manifestações populares estiveram distantes dos meios de comunicação de massa e, durante muito tempo, foram controladas pelas pautas decididas verticalmente, sem a possibilidade de interação com o público, seguindo alguns critérios que podem ser mercadológicos, políticos e ideológicos. Atualmente, passamos por um momento em que as mídias se cruzam (*sites*, televisão, jornais impressos, redes sociais, entre outras) onde é possível o poder do produtor de mídia e de seu consumidor interagirem de maneira imprevisível.

Nesse novo cenário de relações sociais, no qual o debate público acerca do esporte passa a fazer parte da vida e do cotidiano da internet, os usuários encontram condições para expressar valores e opiniões e sobre a mulher no esporte, mais especificamente, no futebol.

³⁸ SQN ou “só que não” é uma gíria da internet que atribui uma conotação irônica à expressão.

4.3 Impedimentos de gênero: quando será a vez delas?

Neste item trataremos da temática **impedimentos de gênero**, pois, verificamos que o gênero, apesar de também atravessar os outros temas de nossa análise, está predominante nos discursos que reverberam quando as mulheres borram as fronteiras de gênero no futebol como, por exemplo, ao se destacarem no campo, tanto como atletas quanto em cargos de gestão. Esta temática emergiu de seis reportagens e oitenta e um comentários no total, no entanto, elencamos três reportagens e três comentários para apresentarmos aqui.

Iniciamos com a reportagem R18 que tem como título “Quinze gols em copas, cinco vezes melhor do mundo: prazer, Marta”, veiculada no dia 12 de junho de 2015, que discorre sobre o recorde de gols em copas do mundo atingido pela atleta Marta Vieira da Silva em um jogo contra a Coréia do Sul no Mundial de mulheres, em 2015, no Canadá. Quantitativamente, Marta se equiparou com o jogador Ronaldo “Fenômeno” considerado um ídolo nacional do futebol de homens, conforme segue o discurso da reportagem:

Um recorde: 15 gols em copas do mundo. E não estamos falando de Ronaldo, não. Estamos falando de uma jogadora já eleita cinco vezes melhor do mundo. Marta, a camisa 10 da seleção brasileira (...) Igualou o número do Fenômeno em mundiais e pode ainda bater Klose até o final da competição – o atacante alemão soma 16 gols. História é o sobrenome dela. (R18 “Quinze gols em copas, cinco vezes melhor do mundo: prazer, Marta”. Fonte: Globosporte.com. Campeonato: Copa do Mundo FIFA)

De fato, Marta fez história: se igualou ao maior artilheiro em Copas do Mundo no Brasil, Ronaldo, permanecendo com um total de 15 gols. Além disso, somando com outras competições com a seleção brasileira no ano de 2015, Marta ainda conquistou o lugar de maior artilheira de todos os tempos, entre as duas seleções nacionais: masculina e feminina.

No entanto, os comentários dos leitores, que totalizaram quarenta e oito somente sobre essa reportagem (quarenta e cinco assinados por homens e três assinados por mulheres) parecem não aceitar/reconhecer o fato de uma mulher ocupar um lugar de destaque no futebol, rechaçando a comparação feita pela reportagem entre Ronaldo e Marta e a ideia da atleta demonstrar uma competência técnica igual ou superior à dos homens: “*Marta não pode competir com homens*” (João Martins); “*(...) E aonde já se viu; querer bater o recorde de um jogador do sexo masculino? Uma imbecilidade querer comparar um recorde; com o recorde de um jogador que ela nunca jogou contra (...)*” (José Esteves).

As postagens destacadas foram todas assinadas por homens e contribuem para a configuração de um campo onde as diferenças entre homens e mulheres são bem demarcadas e hierarquizadas, reforçando o lugar do homem nesse campo.

Considerado também um dos espaços onde se afirma uma masculinidade hegemônica, o futebol representa um *locus* privilegiado para a soberania dos homens. Nesse sentido, o futebol seria uma concretização do espaço homosocial na cultura brasileira. Nas palavras de Eve Kosofsky Sedgwick (1985), citada por Miriam Adelman e Leandro Lechakoski (2011, p. 3) essa palavra seria:

Usada ocasionalmente na história e nas ciências sociais, na qual descreve os laços entre pessoas do mesmo sexo; é um neologismo, obviamente formado por analogia com “homossexual”, e também para se distinguir da palavra “homossexual”.

Homosocial se refere às práticas sociais e culturais masculinas, promovendo uma masculinidade assentada na matriz heterossexual. Pensamos que o futebol, nesse contexto, é concebido como um dos pilares de regência dessas maneiras de ser homem na sociedade brasileira, contribuindo para um preconceito ainda maior à inserção e prática das mulheres. Sobretudo quando elas conseguem se destacar, parece haver um esforço ainda maior em rechaçar e subestimar a conquista da mulher. Parece que a conquista de Marta desestabiliza a soberania do masculino no esporte.

Os comentários acima, que se resumem na impossibilidade de as mulheres serem igualmente competentes nesse campo, reforçam uma ordem assentada na ideia de que um determinado gênero é superior ao outro no futebol. Nesse sentido, destacamos outro comentário:

*Competições masculinas e femininas, “nadavê” a comparação. Marta entre as **mulheres** com certeza é mostra, mas comparar com gols de um **homem** em copas do mundo não absolutamente nenhuma coerência.* (Victor Bdb – Grifos nossos)

Considerando que os enunciados são atos performativos, ou seja, constituem os sujeitos no ato da nomeação, conforme discorre Sara Salih (2015) ao citar a obra de Judith Butler *Problemas de Gênero*, percebemos que a fala do leitor, ao promover uma diferenciação de mulheres e homens dentro do contexto do enunciado, marca as hierarquias que constituem as mulheres no espaço homosocial do futebol.

Essa fala generificada ocorre quando o leitor reitera um enunciado constantemente citado na sociedade, o qual concebe a mulher em posições de inferioridade aos homens no campo esportivo e, em especial, no futebol. Assim, a interpelação, ou seja, a nomeação dos sujeitos e dos gêneros, excede a fala daquele que profere o enunciado, na medida em que as falas generificadas dos leitores estão ancoradas nas convenções e contextos sociais anteriores à existência dos sujeitos. Os leitores são apenas agentes dos discursos.

Dessa forma, fica evidente o binarismo de gênero na fala dos leitores, que invisibiliza a diversidade e a percepção de pluralidades, “pois ao colocar os dois termos em oposição (masculino/feminino) constrói igualdade de cada lado da oposição, ocultando, assim, as múltiplas identificações existentes entre os lados opostos” (SILVANA GOELLNER, 2013, p. 26).

Esse binarismo cristaliza os corpos e as práticas corporais, bem como impõe uma ordem de gênero a elas. A partir do momento em que o conteúdo da reportagem evidencia a competência técnica de Marta, comparando-a com homens, os leitores logo se prestaram a manter a cristalização dos gêneros.

Outro exemplo de discurso subjetivado pela norma binária no futebol, foi demonstrado na fala de João Martins: “*Marta não pode competir com homens*”. Mas, por qual motivo Marta não pode competir com homens? Por que é mais frágil? Por que é mulher? Ou por que é capaz de desestabilizar uma ordem de gênero assentada na matriz binária, na qual aos homens são permitidas e incentivadas práticas viris e de explosão, e às mulheres, práticas mais calmas, leves e delicadas? O futebol, enquanto prática esportiva estaria fora desta ordem?

Para Judith Butler (2000) o corpo e o sexo estão inscritos em um processo discursivo na cultura, que se faz presente antes mesmo do nascimento dos sujeitos, estabelecendo ordens e normas naturalizadas para eles. Assim, “o ‘sexo’ é um ideal regulatório cuja materialização é imposta: esta materialização ocorre (ou deixa de ocorrer) através de certas práticas altamente reguladas” (p. 110).

Ainda para Butler, a constante afirmação e reiteração do sexo na cultura é necessária para a legitimação de tal, e esse fato auxilia na ideia de que o sexo nunca está completo, e que os corpos não se conformam com a materialidade que lhes é imposta:

Na verdade, são as instabilidades, as possibilidades de rematerialização, abertas por esse processo, que marcam um domínio no qual a força da lei regulatória pode se voltar contra ela mesma para gerar rearticulações que

colocam em questão a força hegemônica daquela mesma lei regulatória (IBIDEM, p. 111).

A possibilidade de desconstrução da ordem regulatória que rege os corpos e os movimentos, bem como as sexualidades, é pensada nos estudos pós-estruturalistas, visto que o sujeito está longe de ser coeso e estável, se reinventando ao longo da vida. Guacira Lopes Louro (2001) afirma que a ideia de desconstrução dos sujeitos, e dos binarismos que os constituem, está mais ligada à possibilidade de questionamento e análise dos fenômenos do que de destruição dos mesmos.

Por isso, abordar a desconstrução como um processo de análise dos fenômenos, pode se mostrar útil para desestabilizar os binarismos linguísticos ou conceituais, mesmo tratando de binarismos culturalmente seguros como homem/mulher, conforme percebemos nos comentários. Ainda para Louro (2001, p. 548), “a desconstrução das oposições binárias tornaria manifesta a interdependência e a fragmentação de cada um dos polos”.

Mulheres ocupando cargos, ou até mesmo pleiteando a gestão da entidade mais importante do futebol no mundo, também demonstram a possibilidade do rompimento de barreiras de gênero na modalidade. Analisaremos esse fenômeno em duas reportagens.

A primeira diz respeito à baixa representatividade numérica de mulheres como treinadoras das seleções participantes da Copa do Mundo FIFA de futebol feminino R21, intitulada “Futebol feminino terra de técnicos? Homens dominam cargos no Mundial” publicada em 17 de junho de 2015:

*O futebol é das mulheres, mas na beira do gramado a realidade não é bem essa. As seleções têm em sua maioria comandantes homens – são no total 17 entre as 24 equipes que disputam a competição. Sete técnicas tentam mudar essa realidade levando suas equipes adiante na disputa. Duas delas, estão entre as **favoritas ao título** – Estados Unidos com Jill Ellis e Alemanha com Silvia Neid. (Trecho da reportagem - Grifos nossos) (R21 “Futebol feminino terra de técnicos? Homens dominam cargos no Mundial”. Fonte: Globoesporte.com. Campeonato: Copa do Mundo FIFA)*

O excerto acima revela que as esferas administrativas do esporte, como a ocupação de cargos de gestão, administração e tomada de decisões, se constituem ainda em um campo dominado por homens. Sandra Bellas Romariz, Sebastião Josué Votre e Ludmila Mourão (2012) e Heidi Jancer Ferreira *et al.* (2013), pesquisadoras/es do tema no Brasil, concordam que, na sociedade brasileira, as modalidades esportivas, entre elas o futebol, antes vistas com cautela para a prática das mulheres, se tornou mais acessível para elas e, nos dias atuais, os questionamentos com relação à competência atlética das mulheres são mais

brandos. Realidade essa que deve ser vista com muito cuidado quando se trata de cargos de gestão esportiva.

Em Portugal, Maria José Carvalho, Carla Pinto e Paula Botelho Gomes (2013) verificaram que apenas 16% dos cargos nas federações olímpicas são ocupados por mulheres, em um universo de 824 membros que os compõem. Realidade que se assemelha com o Brasil.

Heidi Jancer Ferreira *et. al.* (2013) constataram que apenas 7% dos treinadores/as brasileiros/as em diversas modalidades são mulheres. Euza Maria de Paiva Gomes (2008) fez um levantamento mais abrangente, e verificou que o número de cargos efetivos ocupados por mulheres em órgãos diretivos da gestão esportiva brasileira, como o Ministério dos Esportes e o Comitê Olímpico Brasileiro (COB), representa apenas 7,7% do total. Isso significa que, em um universo de oitocentos e treze cargos, sessenta e três são representados por mulheres.

Para os(as) autores(as) ainda há uma desconfiança por parte da sociedade acerca da capacidade das mulheres em comandar órgão de gestão esportiva e equipes profissionais, e que elas conseguem permanecer no cargo, principalmente, após adquirirem uma credibilidade garantida através de resultados positivos. Além disso, quanto mais alto o cargo e as responsabilidades, mais difícil é a inserção das mulheres. (ALMEIDA, 2000 *apud* MARIA JOSÉ CARVALHO *et al.*, 2013).

Nesse contexto, outro excerto da reportagem mostra as conquistas da seleção feminina do Japão, que tem à frente da equipe um treinador homem:

*Se duas favoritas têm mulheres à frente, o Japão conta com a **experiência** de Norio Sasaki. **O treinador** levou o time asiático à conquista da Copa do Mundo de 2011. Mas o currículo não para por aí. Desde 2007 no cargo, ele ainda **assegurou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Londres 2012**. Para o técnico do Brasil, Vadão, está aí o ponto para que os homens sigam à frente das equipes femininas: **qualificação na função**. (Grifos nossos) (R21 “Futebol feminino terra de técnicos? Homens dominam cargos no Mundial”. Fonte: Globoesporte.com. Campeonato: Copa do Mundo FIFA)*

Precisamos analisar com cautela o texto acima, e é o ponto chave para desnaturalizarmos o discurso dessa reportagem que elencamos. No trecho que discorre que a seleção do Japão “**assegurou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Londres 2012**”, é importante informar o que não foi dito, ou seja, “a formação do saber requer que se leve em consideração, além das práticas discursivas, as práticas não discursivas; e também que se preste particular atenção ao funcionamento entrelaçado de práticas discursivas e não discursivas” (EDGARDO CASTRO, 2009, p. 323).

Na realidade, o não dito pela reportagem foi que o jogo no qual a seleção japonesa “assegurou” a medalha de prata foi contra a seleção dos Estados Unidos, comandada pela treinadora Jill Ellis, nos Jogos Olímpicos de Londres 2012. Nessa perspectiva, a seleção americana foi superior à seleção japonesa e conquistou a medalha de ouro.

No entanto, pensamos que o discurso valorizou o segundo lugar pelo fato de um homem ser o então treinador da equipe. Jill Ellis também foi citada na reportagem, mas, apenas como favorita ao título Mundial, sem o discurso de valorização da experiência e dos títulos conquistados pela treinadora.

Mais um exemplo em que Jill Ellis se destacou à frente da seleção americana, foi na Copa do Mundo FIFA, de 2015, em que a reportagem aponta as equipes como favoritas ao título. A seleção dos Estados Unidos foi campeã, vencendo mais uma vez a seleção japonesa com placar de 5 X 2³⁹.

Em Copas do Mundo feminina, enquanto a seleção japonesa se sagrou campeã no ano de 2011, conforme escrito na reportagem, a seleção norte-americana é tricampeã mundial. Ou seja, em títulos, a seleção comandada por uma mulher supera a seleção comandada pelo homem.

A mídia, como um importante veículo de pedagogias culturais, transmite informações que se prestam como verdadeiras e universais (SANDRA ANDRADE, 2003). Concordando com a autora, entendemos que é necessário ampliar o olhar e desconfiar das ideias prontas e naturalizadas do discurso midiático que estão à nossa frente. Nesse sentido, as estruturas linguísticas devem ser constantemente questionadas, pois, são capazes de ocultar informações, nos remetendo a uma determinada visão de mundo. No caso do discurso apresentado na reportagem sobre os técnicos homens atuando em times de mulheres, percebemos uma visão androcêntrica do futebol, na medida em que a reportagem valorizou apenas a “experiência” masculina.

O discurso é um elemento estratégico das relações de poder, dos interesses e, conforme aponta Flávia Biroli (2008, p. 121): “no tempo presente, em que somos envolvidos por um sem-número de dizeres (...) somos também *impelidos a dizer*: “tudo pode ser dito, tudo deve ser dito”, sinaliza a maquinaria do poder e do discurso”.

“Impelidos a dizer” o que quisermos, mas, de acordo com quais princípios? Michel Foucault (1999a) discorre na sua obra *A Ordem do Discurso* que existem diretrizes controladoras e organizadoras dos discursos nas sociedades, de maneira que os enunciados

³⁹ Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/jogo/05-07-2015/estados-unidos-feminino-japao-feminino/>. Acesso em: 04/03/2016.

são ditos e repetidos sob certas circunstâncias ou contextos. Esses procedimentos discursivos de ocultação e valorização, segundo o autor, causaria uma rarefação das possibilidades dos dizeres: “As possibilidades de dizer seriam indefinidas, desde que se diga aquilo que já havia dito” (FLÁVIA BIROLI, 2008, p. 123). Para Foucault, o poder que rege os discursos está espalhado sob a forma de uma rede. Ou seja, ele é um poder rizomático, das extremidades, em que os indivíduos são ao mesmo tempo receptores e emissores de discursos de poder.

No caso do discurso midiático, percebemos o poder como uma instância que estabelece novas formas de controle e de manutenção de uma hierarquia de gênero com relação às mulheres no futebol, sobretudo, em cargos de gestão. Portanto, apesar da reportagem questionar a ausência de mulheres como treinadoras na Copa do Mundo FIFA de futebol feminino, ela própria oculta as experiências delas à frente das seleções, valorizando apenas os homens no comando.

A segunda reportagem discorre sobre a possibilidade das mulheres ocuparem cargos de gestão, publicada no dia 15 de junho de 2015 e intitulada: R19 “A vez delas? Mulheres são cotadas para a FIFA, e personalidades opinam”. O discurso aponta o interesse de duas mulheres em ocuparem o cargo de presidência da Federação Internacional de Futebol (FIFA), que regulamenta as associações de futebol de campo, futsal e futebol de areia/futebol de praia.

A possibilidade dessas mulheres serem cotadas para a presidência ocorreu após escândalos de corrupção na entidade, que provocou a renúncia do então presidente Joseph Blatter, quatro dias após ser reeleito. Nesse contexto, novas eleições estavam sendo organizadas para que um/a novo/a gestor/a ocupasse o cargo, conforme é afirmado na parte inicial da reportagem:

*Tão logo Joseph Blatter anunciou que deixaria o cargo para a realização de novas eleições para a presidência da Fifa, alguns nomes começaram a ser especulados como possíveis candidatos. Na lista de cotados, apareceram duas mulheres: Isha Johansen, presidente da Federação de futebol de Serra Leoa, e Lydia Nsekera, que integra o comitê executivo da entidade e já esteve à frente da Federação de futebol do Burundi. **Mas será que o momento é o propício para que uma mulher tome conta da organização que comanda o futebol mundial?** (Grifos nossos) (R19 “A vez delas? Mulheres são cotadas para a FIFA, e personalidades opinam”. Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)*

Corroborado com o título da reportagem: “A vez delas?” Percebemos que o discurso deixa escapar uma dúvida com relação à capacidade de gestão das mulheres, num

contexto de fragilidade administrativa da FIFA após escândalos de corrupção. Ora, as mulheres cotadas para a presidência da FIFA estão sob investigação? Se envolveram no esquema de corrupção? Ou as dúvidas da reportagem seriam relacionadas ao fato de serem mulheres? E qual a relação entre gênero e capacidade administrativa no futebol?

Prosseguindo com a reportagem, foram recrutados pelo *site* alguns “especialistas” para opinarem a respeito do fato. Destacamos as falas dos/as brasileiros/as Marta Vieira da Silva (atleta de futebol) e Marco Aurélio Cunha (diretor de assuntos do futebol feminino da CBF).

Marta afirma que a escolha do/a presidente para o cargo não deve estar assentada em uma ordem de gênero, e que o candidato/a deve ser um ser humano honesto e íntegro. Para ela, a modalidade em si não é masculina ou feminina. Existem outros assuntos mais urgentes e que devem ser tratados com maior importância, conforme segue a fala da jogadora:

Eu acredito que o momento não é de imaginar que uma mulher vá entrar e tentar fazer melhor que um homem. Independentemente do sexo, de ser homem ou mulher, acredito que a pessoa que entrar para ser um presidente de uma entidade que movimenta o maior esporte mundialmente, tem que ser uma pessoa íntegra, uma pessoa que tenha dignidade de fazer com que a modalidade cresça realmente e dê continuidade a um trabalho produtivo e que enfim no final de tudo quem tem a ganhar é a modalidade. Essa é a torcida. Independentemente de ser homem ou mulher, eu acredito que tenha que ser uma pessoa que tenha capacidade e integridade de comandar a entidade tão importante no esporte. (R19 “A vez delas? Mulheres são cotadas para a FIFA, e personalidades opinam”. Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)

A possibilidade de subversão da ordem compulsória de gênero no campo esportivo é constantemente protagonizada por mulheres através das demonstrações de competência no futebol, algumas já apontadas neste capítulo. No entanto, devemos pensar que o futebol no Brasil é um campo culturalmente considerado de reduto masculino e, dessa forma, a dúvida com relação à capacidade administrativa de mulheres são reiteradas e insistidas constantemente nos discursos midiáticos, conforme poderemos visualizar em mais um excerto da mesma reportagem a seguir:

*Marco Aurélio Cunha, (...) coloca que não é o momento de uma mulher assumir a presidência. Para ele, **elas precisam de um pouco mais de vivência no esporte**. O dirigente acredita que uma divisão de comando dentro da Fifa entre futebol feminino e masculino poderia ajudar. (Marco Aurélio Cunha, Grifos nossos) (R19 “A vez delas? Mulheres são cotadas para a FIFA, e personalidades opinam”. Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)*

Na opinião de Marco Aurélio Cunha, a experiência é essencial para a ocupação de cargos no futebol. E essa “experiência” para ele parece ser exclusiva dos homens:

*Eu acho que toda mudança deve ser muito bem analisada. Mudanças por procedimentos éticos e mudanças radicais demais, são difíceis. **Eu acho que ainda não chegou a hora de ter uma presidente mulher na Fifa.** (...) é necessário dar o cargo a quem seja muito experiente em futebol (...) As mulheres seguramente não viveram o futebol ao longo desses anos todos embora possam conhecer, gostar e entender. Mas a vivência administrativa do futebol, esse processo todo, passou por muito pouca gente. **É preciso passar por mais pessoas que tenham vivido o futebol e aí sim é o masculino porque o feminino não existia.** (Grifos nossos) (R19 “A vez delas? Mulheres são cotadas para a FIFA, e personalidades opinam”. Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)*

Pautado mais uma vez nos problemas do gênero no futebol, percebemos que a fala do diretor serve para corroborar com a suposta falta de competência e credibilidade das mulheres em cargos de gestão no futebol, que reverberam no discurso da reportagem, pois, aponta que uma mulher não possui experiências ou vivências para assumir um cargo de gestão, e ainda sugere que o futebol de mulheres seja segregado do futebol de homens:

*Gostaria que houvesse talvez uma divisão entre o futebol feminino e masculino e uma presidente feminina do futebol feminino. Não no global. No global é um erro absurdo. (...) As coisas têm que ser planejadas. Eu gostaria sim que o presidente da Fifa pegasse e separasse o futebol feminino não da entidade, mas a um seguimento e **desse a uma mulher para fazer a gestão do futebol feminino com a sua sensibilidade e com o conhecimento do futebol feminino. Agora abraçar o masculino seria uma loucura.** (Grifos Nossos) (R19 “A vez delas? Mulheres são cotadas para a FIFA, e personalidades opinam”. Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)*

Ao sugerir que o futebol de mulheres seja uma espécie de apêndice nas instâncias administrativas da modalidade, o diretor parece dificultar a equidade de gênero no campo, bem como a ascensão das mulheres como gestoras, pautado nas hierarquias de gênero. Se as mulheres poderiam obter sucesso apenas no futebol feminino, conforme aponta o diretor, qual seria o empecilho para reger o futebol mundial? O “problema”, em nosso ponto de vista, não é a competência, mas, talvez a questão central seja a presença do feminino no futebol masculino.

A título de exemplo, se pensarmos em termos de vivência com o futebol de mulheres, Marco Aurélio Cunha seria incompetente na ocupação de seu atual cargo na CBF: o de direção de assuntos do futebol feminino. Em sua trajetória no esporte, MAC atuou somente

no futebol de homens e, antes de chegar ao cargo de diretor de assuntos do futebol feminino na CBF, era vereador em São Paulo.

Nesse sentido, Paulo Loureiro (2003) explica os modelos de discriminação no mercado de trabalho, que podemos trazer para o campo esportivo: “a economia da discriminação é definida como o tratamento desigual baseado em critério irrelevante para a atividade envolvida” (p. 126). A discriminação pode ocorrer quando um grupo de indivíduos capazes de realizar as mesmas funções profissionais são discriminados por fatores que podem ser socioculturais.

O autor cita dois tipos de discriminação que visualizamos no discurso de Marco Aurélio Cunha. A discriminação por estatística, que trabalha com o pressuposto de que as mulheres têm um rendimento menor que os homens e, por este motivo, eles assumem a liderança na maioria das vezes. MAC considera a suposta “falta” de vivência na modalidade pelas mulheres como uma barreira para assumirem o cargo que rege o futebol no mundo, conforme podemos observar no excerto a seguir: “As mulheres seguramente não viveram o futebol ao longo desses anos todos embora possam conhecer, gostar e entender” (R19 “A vez delas? Mulheres são cotadas para a FIFA, e personalidades opinam”. Fonte: Globoesporte.com.)

A discriminação pela falta de experiência gera o outro modelo apontado pelo autor: a discriminação por preferência, que diz respeito à preferência dos empregadores em contratar homens para os cargos de gestão. MAC deixa clara sua preferência em um representante homem na ocupação do cargo da FIFA.

O diretor ainda utiliza termos que evocam características ancoradas em um modelo de feminilidade hegemônica das mulheres, conforme destacamos em dois momentos do discurso:

*Ser uma coisa realmente por competência, alguém que tenha anos a fio no futebol, que conheça as competições. Tenha vivido isso ou como atleta ou como um gestor muito perto dos atletas. Mas não fazer isso por uma **coisa bonita, elegante** e que é diferente. Tudo que é diferente dá mal resultado. (...) desse a uma mulher para fazer a gestão do futebol feminino com a sua **sensibilidade** e com o conhecimento do futebol feminino. (Grifos nossos) (R19 "A vez delas? Mulheres são cotadas para a FIFA, e personalidades opinam". Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)*

Nesse sentido, as características legitimadas socialmente como pertencentes às mulheres são constantemente reificadas nos discursos. Esses investimentos vão ser empreendidos a fim de que se confirmem as nomeações das características dos sexos e dos

gêneros. Ou seja, a formação das identidades de gênero são uma “sequência repetida de atos” que se consolidam nos discursos (JUDITH BUTLER, 2012).

A fim perceber os espaços conferidos pela reportagem aos dois “especialistas” (Marta e MAC) recrutados a darem suas opiniões acerca das mulheres ocuparem o cargo de direção da FIFA, observamos que o espaço conferido a MAC na reportagem é bem maior daquele dado a Marta. São 289 palavras, mais que o dobro das palavras de Marta, que somaram 122 em um único parágrafo.

A mídia corrobora com MAC quando oferece mais espaço aos discursos que promovem uma hierarquia de gênero no futebol. Nesse sentido, é pertinente questionar: a quem ou o quê a mídia se nega a (re)conhecer? Há uma constante incerteza e receio da capacidade das mulheres em ocuparem cargos de gestão, bem como transcenderem recordes até então protagonizados por homens, além do quesito feminilidade estar constantemente atravessado quando o assunto é futebol de mulheres.

De maneira geral, a ideia impregnada nos discursos das reportagens é que o gênero seria uma novidade no meio futebolístico, e essa nova possibilidade de configuração causaria um problema. Apesar do preço a se pagar para afirmação nesse campo ainda ser alto, pois, os discursos midiáticos ainda repelem a presença delas no campo, essas mulheres buscam constantemente desestabilizar as amarras sociais de gênero no futebol, demonstrando competências para fazerem história no esporte.

Mas, quando será a vez delas? Essa questão é complexa e difícil de ser respondida, pois, ainda há um grande caminho a ser percorrido e discussões a serem feitas, tanto no âmbito acadêmico quanto nos âmbitos políticos e sociais, sobretudo, acerca do poder conferido aos grandes veículos de comunicação no que concerne veicular e empoderar homens e mulheres no futebol.

4.4 “Desenvolvimento do futebol feminino”: agendas para as mulheres

No último item de nossas análises, trazemos para o debate entrevistas, textos e comentários sobre o contexto do futebol de mulheres Brasil em relação à estrutura, investimento e o desenvolvimento da modalidade, bem como iniciativas veiculadas pelo Globoesporte.com advindas de poderes políticos e esportivos em promover a igualdade de gênero no contexto do futebol brasileiro.

É importante destacar que esse assunto foi o que convergiu um maior número de reportagens, vinte quatro, num universo de trinta e quatro analisadas. No que diz respeito aos comentários, totalizou trezentos e noventa e oito. Ou seja, além de ser o mais veiculado, as agendas para o futebol de mulheres também estão sendo amplamente discutidas pelos/as usuários/as do Globoesporte.com. Para a análise, utilizamos quatro reportagens e três comentários.

É pertinente destacar neste momento que, apesar das dificuldades, existem ações que visam unificar e promover o futebol de mulheres, não apenas no Brasil, mas também ao redor do mundo. A própria FIFA estabeleceu a modalidade como uma de suas prioridades, no ano de 2012, promovendo agendas para que o futebol praticado por meninas e mulheres fosse valorizado e desenvolvido.

Em suas “Diretrizes dos Programas da FIFA para o Desenvolvimento do Futebol Feminino”, no quadriênio 2012-2015, a entidade afirma que seus membros afiliados são fundamentais no desenvolvimento do futebol de mulheres e, por isso, oferece suporte aos parceiros (nações) a fim de fortalecer localmente a modalidade (OSMAR MOREIRA DE SOUZA JÚNIOR, 2013).

Em 2014, a FIFA lançou novas diretrizes para os programas de desenvolvimento do futebol de mulheres que engloba o quadriênio 2015-2018. O documento inicia dizendo: “Em linha com a nossa missão de ‘desenvolver o jogo, tocar o mundo, construir um futuro melhor’, a FIFA se esforça para promover a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres no mundo” (FIFA, 2014, p. 3⁴⁰).

Através de ações do quadriênio 2015-2018, a entidade visa duplicar os investimentos no fortalecimento do futebol de mulheres no mundo ao longo dos próximos quatro anos, modalidade que já conta com 29 milhões de praticantes ao redor do mundo.

As novas diretrizes foram reconfiguradas a partir do *feedback* de associações membros e confederações, assim como jogadoras/es, treinadoras/es, árbitras/os e funcionárias/os que participaram dos programas de 2011-2014. Dessa forma, as 209 entidades afiliadas à FIFA poderão solicitar participação nos programas de desenvolvimento, bem como poderão se beneficiar deles em prol da modalidade.

Apresentam também dez princípios fundamentais de desenvolvimento para o futebol de mulheres, definidos pela Força-Tarefa para o Futebol Feminino e aprovados pelo

⁴⁰ Disponível

em:http://www.fifa.com/mm/document/footballdevelopment/women/02/43/90/64/wfguidelineinhaltenweb_neutral.pdf. Acesso em 15/06/2016.

64º Congresso da FIFA, realizado em junho de 2014 no Brasil, são eles: oportunidades iguais de crescimento na modalidade; acessos iguais para meninas e mulheres em clubes, escolas e universidades; trabalhar no sentido de realizar competições profissionais; ampliar o *marketing* e a promoção do futebol de mulheres, construindo a marca própria da modalidade; criar um departamento exclusivo do futebol de mulheres: necessidade de especialistas em todas as áreas de tomadas de decisões; formar árbitras e jogadoras envolvidas com o futebol e com capacidade de tomadas de decisão e liderança; aumentar o número de treinadoras, oportunizando cursos de especialização; envolver as mulheres em todos os níveis administrativos de tomadas de decisão, incluindo o Comitê Executivo; desenvolver o futebol de mulheres através de estruturas adequadas e, por fim, combater a discriminação contra as mulheres no desporto e da sociedade.

Nessa esteira, a reportagem R7, do dia 20 de maio de 2015, traz como título “FIFA impulsiona força-tarefa em prol do futebol feminino no Brasil”, e cita mais uma iniciativa da entidade em desenvolver o futebol de mulheres através do legado⁴¹ da Copa do Mundo FIFA de futebol masculino ocorrida no ano de 2014.

Dessa forma, visa oportunizar às meninas que se interessam pelo futebol recursos e locais para se inserirem e praticarem a modalidade. Seria um investimento financeiro – 15 milhões de dólares, 15% do valor total do legado – nas equipes de femininas.

A reportagem apresenta também entrevistas com o vice-presidente do Kindermann, time campeão da Copa do Brasil no ano de 2015, e com a gerente sênior de desenvolvimento do futebol de mulheres da FIFA, a respeito da situação da modalidade no Brasil. Ambos corroboram com a necessidade de investimentos nos times de base, incentivando e oportunizando meninas a praticarem a modalidade.

Para o vice-presidente, uma das consequências da falta de jogadoras em times de base é escassez de atletas profissionais aptas a participarem das competições nacionais e, para a gerente sênior da FIFA, é importante que haja uma estratégia de desenvolvimento na formação das atletas. Segue os trechos das falas:

Já tivemos 50 atletas, mas a falta de base é gritante no Brasil. A gente tem agora o exemplo de uma seleção que tirou 25 atletas dos clubes (...) e baixou o nível do campeonato. Nós tivemos que contratar atletas em razão disso, mas não há atletas disponíveis. (Richard Kindermann Ferreira – Vice-

⁴¹ O legado de um evento de proporções globais como a Copa do Mundo FIFA ocorrida em 2014, seriam principalmente os investimentos financeiros aplicados no país sede, como: a construção e reforma de estádios, sistemas de transporte urbano, e também em projetos de desenvolvimento esportivo, como o caso do futebol de mulheres.

presidente do Kindermann) (R7" FIFA impulsiona força-tarefa em prol do futebol feminino no Brasil". Fonte: Globoesporte.com. "Assuntos Diversos")

Há uma necessidade de estrutura, mas uma estrutura que não seja somente na seleção principal. Desenvolver também a formação de atletas. (...) Há um grande potencial para isso. Com o fundo do legado da Copa há 15% que tem que ser investido no futebol feminino e com isso nós iremos discutir com a CBF como esse investimento pode ser feito. Mas certamente para ser como a Alemanha você tem que ter um plano de desenvolvimento de estrutura para mulheres e meninas. (Mayi Cruz – Gerente Sênior da FIFA para o desenvolvimento do futebol de mulheres) (R7" FIFA impulsiona força-tarefa em prol do futebol feminino no Brasil". Fonte: Globoesporte.com. "Assuntos Diversos")

Através das novas diretrizes 2015-2018⁴² lançadas pela FIFA, a entidade busca também desenvolver nas meninas mais jovens o interesse em praticar o futebol e, mais do que isso, oferecer recursos e incentivos para que os projetos de times de base se concretizem. Um exemplo, é campanha *Live your goals*, criada em 2011, que visa inspirar as meninas a viverem seus desejos e sonhos na prática do futebol.

É importante ressaltar que os programas oferecidos pela FIFA em prol do desenvolvimento da modalidade devem ser concretizados através dos afiliados locais de cada país, ou seja, dependemos ainda de iniciativas governamentais para que as diretrizes sejam aplicadas.

No Brasil, encontramos medidas tomadas a curto prazo pelos poderes políticos e esportivos (CBF). Algumas dessas iniciativas foram veiculadas pelo Globoesporte.com e também polemizadas pelos/as especialistas entrevistados bem como pelos usuários/as nos comentários.

A CBF, visando os eventos esportivos de relevância mundial, como a Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino, em 2015, e os Jogos Olímpicos, em 2016, criou a chamada Seleção Permanente em janeiro de 2015, e conta com 27 jogadoras que foram convocadas para treinarem exclusivamente para a Seleção Brasileira. Entre as atletas, algumas que representam times fora do país não foram liberadas por seus clubes para treinarem exclusivamente pela seleção, entre elas, está Marta, que atua em um time da Suécia⁴³.

A reportagem R2, intitulada "Criação de 'Seleção Permanente' divide opiniões no futebol feminino", do dia 04 de abril de 2015, reuniu opiniões do técnico da seleção brasileira,

⁴² Disponível em:

http://www.fifa.com/mm/document/footballdevelopment/women/02/43/90/64/wfguidelineinhaltenweb_neutral.pdf Acesso em: 16/06/2016

⁴³ Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/futebol-e-direitos-do-torcedor/futebol-feminino/2013-12-09-13-05-27/187-noticias-futebol-feminino/49705-brasil-tera-selecao-permanente-de-futebol-feminino-ate-as-olimpiadas>. Acesso em: 23/02/2016

Oswaldo Fumeiro Alvarez, o Vadão, e a técnica Emily Lima do clube São José. A técnica também já esteve à frente da Seleção Brasileira nas categorias sub-15 e sub-17.

A fala de Vadão defende o projeto criado (Seleção Permanente) como um importante recurso para disputar títulos de importância internacional:

Tudo que nós estamos fazendo e pedimos para a CBF é para o bem da modalidade. Para que a gente possa competir bem no Mundial e possa ir bem nas Olimpíadas. (...) Eu acho que a seleção (permanente) acabou fazendo um bem. Muitas seleções de outros países estão fazendo a permanente e os campeonatos passaram a ser iguais aos nossos. (...) E na verdade, iria desfigurar os campeonatos aqui no Brasil da mesma forma, como lá fora. O fato da gente hoje estar “lesando” os clubes no Brasil existe, mas de outra forma estaríamos fortalecendo a Seleção. (R2 "Criação de "Seleção Permanente" divide opiniões no futebol feminino". Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)

Por outro lado, o fato de prejudicar os times nacionais e, por consequência, os campeonatos, foi uma das principais críticas feita por Emily Lima com relação à criação da Seleção Permanente. Seu time, o São José, que já angariou importantes títulos internacionais⁴⁴, ficou desfalcado. O trecho da reportagem corrobora com a realidade vivida pelo clube e pela técnica: *“O time do Vale do Paraíba foi um dos times mais prejudicados do Brasil. Cinco jogadoras do time que ganhou o Mundial no Japão foram cedidas à equipe nacional”*. Emily diz ainda que *“esse é um detalhe que poderia ter tomado mais cuidado”*.

Ainda na mesma fala, a técnica diz que, caso a seleção não consiga os títulos internacionais, a Seleção Permanente tende a acabar, como podemos acompanhar na fala abaixo:

É positivo para a Seleção Brasileira? Se caso nós conseguíssemos ganhar Mundial e Olimpíadas, que é o ideal que aconteça, pode ser, mas caso não venham os títulos, fracassou tanto o projeto com a seleção permanente quanto o desenvolvimento do futebol feminino nesses dois anos que os clubes ficaram sem atletas de seleção. (R2 "Criação de "Seleção Permanente" divide opiniões no futebol feminino". Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)

Emily Lima ainda afirma que, para além do temor de um projeto fracassado, pode haver um retrocesso no futebol de mulheres no âmbito dos campeonatos nacionais e os

⁴⁴ O São José é considerado um dos principais times brasileiros, em 2014 foi campeão do mundial de clubes femininos no Japão, sendo a primeira equipe brasileira a vencer a competição, e campeão da Copa Libertadores da América de Futebol Feminino também no ano de 2014.

internacionais, como o Mundial de Clubes e a Copa Libertadores, pois, sem a presença das atletas “de seleção”, o nível técnico dos times ficaria menor, como foi o caso do São José.

Também discorda de Vadão, quando este último diz em entrevista que tinha entre 30 e 35 meninas competitivas para as Olimpíadas e o Mundial, pois, como os times de formação de atletas, bem como os campeonatos nacionais, sofrem com falta de investimentos e estruturas no Brasil, uma grande parcela de mulheres atletas não são capazes de obter qualidades táticas e técnicas para competições internacionais. A treinadora ainda reitera a necessidade de estrutura para que haja futebol de mulheres no Brasil, ela diz que: *“É muito difícil no Brasil você achar atleta pronta, porque não temos clubes estruturados para que isso aconteça”*.

O vice-presidente do Kindermann corrobora com Emily Lima quando diz na reportagem R7 “FIFA impulsiona força-tarefa em prol do futebol feminino no Brasil” já apresentada acima: *“A gente tem agora o exemplo de uma seleção que tirou 25 atletas dos clubes (Seleção Permanente) e baixou o nível do campeonato. Nós tivemos que contratar atletas em razão disso, mas não há atletas disponíveis”* (Richard Kindermann Ferreira).

De acordo com as falas, podemos pensar que, se por um lado a criação da seleção permanente possibilitou a disputa do Brasil em eventos importantes como a Copa do Mundo FIFA e os Jogos Olímpicos, por outro se configura como um projeto a curto prazo, pois, não resolve a questão do desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil, mas, busca apenas angariar títulos para a nação sem se preocupar de fato com a esportivização de meninas e mulheres. Ora, não seria preciso, *a priori*, investimentos em estrutura através de políticas públicas e de um trabalho continuado, a longo prazo?

Nesse contexto, a reportagem R25 “Marta **defende projeto**, alerta críticos e diz: ‘na hora de ajudar ninguém ajuda’” (grifos nossos) veiculada no dia 21 de junho de 2015, que ainda trata da eliminação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo, a jogadora Marta concede uma entrevista *“com olhos marejados”* e com preocupação a respeito do futuro do futebol de mulheres no Brasil devido a essa derrota.

A princípio, o título que sugere Marta como defensora do projeto da seleção permanente sinaliza uma contrariedade com relação à entrevista concedida pela atleta:

(...) nada na vida acontece por acaso. Necessita de um trabalho, de um processo para que as coisas possam acontecer (...) Mas nossa mania de brasileiro é de formar a seleção e falar assim: "dois, três meses para se formar, chegar e ganhar o título." (Grifos nossos) (R25 “Marta defende projeto, alerta críticos e diz: ‘na hora de ajudar ninguém ajuda’”. Fonte: Globoesporte.com. Campeonato: Copa do Mundo FIFA)

Além de defender um trabalho continuado, que envolve anos para ser estruturado, percebemos que a própria jogadora faz uma crítica à Seleção Permanente, criada cinco meses antes do Mundial, tempo insuficiente, segundo a atleta, para colher resultados positivos.

Dessa forma, o título formulado pela reportagem, ao qual diz que Marta “defende” o projeto, é contraditório à entrevista, isto é, a articulação do discurso é proposital para encobrir a opinião negativa de Marta com relação ao projeto da Seleção Permanente.

A derrota, ainda segundo a entrevista de Marta, é fruto de um trabalho incipiente e que deveria ter sido aprimorado a longo prazo para que as jogadoras tivessem maiores condições de “brigar” por títulos: *“Não existe aceitação em uma derrota ou desclassificação. E isso não é uma coisa normal hoje no dia a dia no mundo do futebol. Existe um trabalho de construção e de continuidade”*.

Nesse sentido, ainda na reportagem R25 “Marta defende projeto, alerta críticos e diz: ‘na hora de ajudar ninguém ajuda’”, tanto a atleta quanto a seleção feminina receberam comentários que criticaram a atuação no Mundial, conforme podemos acompanhar em duas postagens que representaram a maioria daqueles que criticaram:

Sem querer ser machista, mas o futebol feminino tem retorno nenhum de audiência, e quem realmente gosta de futebol, sabe que futebol feminino é extremamente limitado e que não empolga a ninguém! Tem canais que até tentam divulgar, mas aí quando as pessoas “tentam” assistir a Seleção Brasileira de futebol feminino elas sempre perdem. (Henrique Borsoi)

Não só a Marta mas quase toda seleção feminina amarela (...) Torço muito para que o futebol feminino cresça. MAS falta de apoio não é fator para se ganhar uma Copa! Alguém tem que avisar isso pra Marta! (Charles)

Os usuários, de maneira geral, utilizaram de adjetivos como “pipoqueira”, “amarela”⁴⁵ para se referir à Marta e ao time feminino. Ambos os termos remetem à ideia de medo e covardia, colocando estas jogadoras em uma posição de despreparo técnico e tático. Ou seja, os usuários acreditam que as atletas se acovardaram diante de um “combate” que poderia suscitar num confronto direto entre os times. Justificam ainda a falta de incentivos a uma suposta limitação do futebol de mulheres em atrair o público e audiência e por consequência, não atrai patrocinadores e imprensa.

⁴⁵ No “dicionário futebolístico” o termo “pipoqueira/o” quer dizer uma jogadora/o evita confrontos com a/o adversária/o para não se machucar. Enquanto “amarelar” significa jogar mal, por medo diante da/o adversária/o. Disponível em: <http://jangadabrasil.com.br/revista/junho91/al91006a.asp> acesso em: 22/03/2016.

Nesse contexto, é preciso ir à genealogia do preconceito para tentarmos compreender as manifestações negativas dos usuários a respeito do futebol de mulheres. Michel Foucault (1999b), em suas reflexões sobre a história da sexualidade, analisa os conceitos de normalidade e anormalidade que permeiam no contexto dos jogos de poder e desempenham processos de subjetivação que definem efeitos de verdades sobre os corpos.

A concepção de preconceito, verificada nos comentários acima, será norteadada pelas ideias do pensador, na medida em que a noção de verdade que permeia um sistema a partir da modernidade, implica a fixação de comportamentos, gestos e modos de ser considerados “normais” para o sexo feminino e para o sexo masculino.

O dispositivo da ordem é compulsório, e qualquer infração detectada pelo sistema é cerceado por mecanismos tácitos que cuja intenção é afastar qualquer conduta considerada anormal. Nesse sentido, podemos pensar que o preconceito relacionado ao futebol de mulheres, sem uma justificativa concreta, se manifesta como uma repulsa pelo fato de ser uma modalidade anormal no âmbito da cultura brasileira para mulheres.

Além de ser um dispositivo de manutenção da ordem, podemos pensar como o preconceito se estabelece na sociedade, conforme nos fala Judith Butler (2012) a respeito do gênero, sexo e da sexualidade, como categorias construídas e constituídas através de atos performativos, consolidados desde sempre na sociedade, como já discutido anteriormente.

Dessa forma, o preconceito em relação ao futebol de mulheres também é reiterado a todo momento através dos comentários, muitas vezes insultuosos, e através dos discursos das reportagens que, por vezes, excluem da pauta informações a respeito do futebol de mulheres, e em outros momentos publicam informações que reforçam as sub-representações das mulheres no futebol.

Corroborando com as informações que servem para reforçar o preconceito, a reportagem R1 “Futebol feminino uma hora dessas?” veiculada no dia 09 de abril de 2015, faz duras críticas à criação de mais uma estratégia para o desenvolvimento do futebol de mulheres. Seria uma Medida Provisória na qual os clubes masculinos deveriam investir no futebol de mulheres a fim de obter incentivos fiscais. Iremos descrever mais a frente esse incentivo, pois, o discurso oferece também outros fatores importantes que iremos refletir primeiramente.

Percebemos a princípio que a reportagem se utiliza de análises de cunho sexista presentes no senso-comum para discorrer acerca do futebol de mulheres no Brasil. Além de iniciar afirmando que “*o futebol feminino, por enquanto, é uma derrota do feminismo*”, pois,

não interessa às mulheres e nem às torcedoras, analisa superficialmente a modalidade, comparando-a com o futebol masculino:

Gostamos de Marta, gostamos de ver a seleção feminina nas competições olímpicas, cobramos sucesso delas, mas não estamos tão ligados numa versão feminina dos Estaduais e Nacionais. Talvez uma Libertadores da América despertasse hoje esse interesse. A verdade? Não conseguimos nem dar conta de aturar suas versões masculinas – Fred chegou a pedir o fim do Carioca outro dia. (R1 “Futebol feminino uma hora dessas?”. Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)

A aproximação da mídia com o futebol de mulheres é um fator apontado pelo *Atlas do futebol feminino no Brasil*, de Márcia Morel e José Geraldo Carmo Salles (2006). Os meios de comunicação, buscando publicidade, evidenciaram e continuam evidenciando ainda mais as diferenças da prática entre homens e mulheres, comparando a *performance* do futebol de mulheres e futebol de homens, como se fossem comparáveis. E, devido à falta de informação com relação ao futebol de mulheres (e à reportagens como a apresentada), os/as brasileiros e brasileiras se baseiam na modalidade masculina para compreender a modalidade feminina: um equívoco.

É importante destacar também a falta de informação por parte do discurso acima, que diz: “*talvez uma Libertadores da América despertasse interesse*”, indicando a competição como um investimento interessante a ser desenvolvido. Ora, a Copa Libertadores da América feminina, de acordo com *site*⁴⁶ da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), acontece desde 2009 e já contou com 6 edições até a data da reportagem acima, sendo a sétima edição ocorrida em novembro de 2015.

Os clubes brasileiros tiveram importante participação na competição, sendo campeões nos anos: 2009 (Santos); 2010 (Santos); 2011 (São José); 2013 (São José); 2014 (São José) e 2015 (Ferroviária). Podemos dizer que a falta de conhecimento sobre o futebol de mulheres presente no discurso da reportagem deixa em zona de sombra a competição, a modalidade e, sobretudo, a importância das mulheres para futebol brasileiro, que se destacaram em praticamente todas as edições do evento, corroborando também para a falta de informação presente nos comentários dos/as leitores/as do *site*.

Além disso, verificamos que o discurso da reportagem aponta que a mídia não se interessa pelo futebol de mulheres pelo fato de não angariar lucros para os veículos de

⁴⁶ Disponível em <http://www.conmebol.com/pt-br/copa-libertadores-femenina>. Acesso em: 11/04/2016.

comunicação e, sem dados estatísticos, pondera que as mulheres brasileiras assistem com mais frequência o UFC⁴⁷ do que o futebol de mulheres:

Começa pela questão da audiência: nunca vi o futebol feminino ter um retorno como o que podemos notar, por exemplo, nos torneios de curling, que se tornaram de curiosidade viral a aposta do Sportv. Não disponho de números, mas tenho a impressão de que há mais mulheres interessadas em ver o UFC do que um brasileiro feminino. (Grifos nossos) (R1 “Futebol feminino uma hora dessas?”. Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)

O texto da reportagem ainda complementa que:

Os clubes (que são administrados de forma amadora em sua maioria) já são obrigados a disputar torneios deficitários por determinação das federações, imagine-os agora sendo forçados a dispende dinheiro num torneio que não tem demanda significativa de público e de audiência que justifique uma boa verba de TV. (R1 “Futebol feminino uma hora dessas?”. Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)

Dessa forma, o discurso é delineado de (pré) julgamentos e preconceitos, além de uma sub-representação da modalidade, quando não insere no conteúdo da reportagem evidências sobre a real situação do futebol de mulheres no país e no mundo.

Vale lembrar, conforme é apontado por Sandra dos Santos Andrade (2003), que a mídia, atuando como uma importante pedagogia cultural, é um *lócus* onde o conhecimento e a informação são construídos e repassados para os sujeitos, edificando representações acerca de homens e mulheres no esporte. Portanto, se as informações tendem a ser enviesadas, como encontradas na reportagem, as opiniões do público leitor também podem ir ao encontro dessas informações transmitidas pelo *site*.

A reportagem atribui ainda o retorno financeiro como principal motivo para a prática do futebol, quando diz: “*imagine-os agora sendo forçados a dispende dinheiro num torneio que não tem demanda significativa de público e de audiência que justifique uma boa verba de TV*”.

Nesse sentido, é pertinente pensar: o futebol dos homens fora dos circuitos das elites é viável e sustentável? Se os clubes de elite masculinos não possuem verba (como foi informado pela reportagem) para se manterem, não seria melhor fechar as portas e acabar? E

⁴⁷ UFC ou *Ultimate Fighting Championship*, é uma organização americana de artes marciais mistas, também conhecida por MMA (*Mixed Martial Arts*). As lutas deste campeonato envolvem uma mistura de estilos, como o *Jiu Jitsu*, *Boxe*, *Wrestling*, *Muay Thai*, *Karate* e outras. No ano de 2013, aconteceu a primeira luta de mulheres no evento e teve como campeã a americana Ronda Rousey.

por fim, é viável fazer um futebol de mulheres profissional, da mesma forma que acontece com os homens?

Mais do que viável, percebemos que a profissionalização, bem como a criação de clubes de elite no futebol de mulheres é necessária, assim como acontece no futebol de homens, pois, dessa forma é possível desenvolver um empoderamento dessas atletas na modalidade, de modo que elas possam viver e se sustentarem exclusivamente através do esporte.

A reportagem R1, conforme foi apresentado acima, faz críticas acerca da Medida Provisória do futebol proposta pelo Governo Federal que, entre outras coisas, obriga os clubes masculinos com faturamento anual acima de R\$5,4 milhões a investir no futebol de mulheres e, em contrapartida, obter incentivos para parcelamento de dívidas.

De acordo com a reportagem, investir na modalidade das mulheres significaria prejudicar financeiramente os grandes times do Brasil, que já passam por problemas neste âmbito, conforme pudemos verificar através do discurso:

O que quero dizer é que não adianta rodar software novo numa máquina obsoleta. Se o futebol masculino no Brasil já é deficitário e perde público para os torneios europeus, é porque existe um problema estrutural. O prejuízo já é a realidade constante, e o resgate desse futebol masculino já é implorado há anos. (Grifos do autor) (R1 “Futebol feminino uma hora dessas?”. Fonte: Globoesporte.com. “Assuntos Diversos”)

Ratifica ainda o “absurdo” em investir no futebol de mulheres através da criação da MP no excerto: ***“obrigar os clubes a servir futebol feminino é tão utópico quanto um programa de colonização de Marte tocado por Aldo Rebelo”*** (Grifos do autor).

Percebemos que a tal “utopia”, citada na reportagem, pode sim ser uma estratégia de desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil, pois, seria permitido às jogadoras uma chance de profissionalização no futebol, institucionalizando a prática e visibilizando, através de importantes clubes brasileiros masculinos, as mulheres no futebol.

A implementação da Medida Provisória que busca, entre outras coisas, investir no futebol de mulheres, tornou-se lei em agosto de 2014, intitulada Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (PROFUT). A Seção X do Artigo 4º, exige que os clubes masculinos terão que apresentar um investimento mínimo na formação de atletas e no futebol de mulheres. No total, já são 111 clubes que aderiram ao PROFUT e, com isso, aumentou a participação destes times nos eventos nacionais.

Um exemplo dos benefícios trazidos pelo programa foi a inserção dos “clubes de camisa” no Campeonato Brasileiro 2016, são eles: América – MG, Corinthians – SP, Flamengo – RJ, Santos – SP e Vasco da Gama – RJ. De certa forma, o aumento da participação dos times de camisa dá maior visibilidade para a competição⁴⁸.

Percebemos, de maneira geral, que o Globoesporte.com exhibe estratégias e agendas que visam o desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil, mostrando diferentes opiniões a respeito destas iniciativas. No entanto, encontramos uma lacuna através dos comentários dos/as usuários/as, pois, ao exercer seu papel, de veicular informações corretas e claras sobre a modalidade, o *site*, por vezes, não corresponde às expectativas do público que cobram por mais incentivo da mídia através de mais visibilidade para o futebol de mulheres através das reportagens.

Dessa forma, notamos que o próprio Globoesporte.com não divulga efetivamente o futebol de mulheres, deixando de corresponder às expectativas do público que reivindicaram mais informações sobre os jogos, os resultados, bem como vídeos dos gols e até mesmo transmissão das partidas pela televisão.

Também se manifestaram no que concerne à programas de desenvolvimento a longo prazo do futebol de mulheres no Brasil, fazendo críticas ao governo e à CBF que, para eles, não apoiam as mulheres no futebol:

Acho que as Meninas devem ter apoio, projeto a Médio e longo prazo. Investir nas escolas que comece desde a base, lá atrás. A mídia em geral também deveria apoiar, só a Band mostra e os jogos da Seleção Feminina o resto só posta notas (...) (Júnior Araújo)

Corroborando com o trabalho de Diego Mendes *et. al.* (2013), encontramos um espaço onde a notícia não é mais unilateral, ou seja, os usuários/as encontraram uma forma para se manifestarem, protestarem, entre si ou com relação ao conteúdo da reportagem.

Outro aspecto importante a ser observado, consiste no fato de que não apenas as mulheres estão lutando para que as diferenças de gênero no futebol sejam amenizadas, pois, os comentários de resistência acima destacados foram assinados por homens, mostrando que a luta pela igualdade de gênero no futebol não é apenas das mulheres.

Os sujeitos que emergem dos comentários são caracterizados como aquele descrito por Judith Butler (2012) em sua obra *Problemas de Gênero*, quando aponta que a identidade é um constructo performativo na qual o sujeito é capaz de arquitetá-la de maneira a

⁴⁸ Disponível em: <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/de-blatter-a-infantini-novas-perspectivas-para-o-futebol-feminino/> Acesso em: 11/04/2016

burlar as leis e as normas existentes. Ou seja, além da possibilidade de subversão da norma no futebol por parte dos usuários, em que se constroem suas identidades esportivas como homens que admiram o futebol de mulheres, esses tomam para si essa causa, reivindicando ações mais efetivas para a modalidade das mulheres.

Nesse contexto, após o término da coleta de dados, já em fevereiro de 2016, uma importante iniciativa, a longo prazo, para o futebol brasileiro (masculino e feminino) por parte da CBF foi realizada, o chamado “Comitê de Reformas do Futebol Brasileiro” (CRFB), que tem como objetivos: “avaliar, discutir, propor e acompanhar uma agenda de melhorias nos âmbitos de ética e transparência, governança e gestão, sustentabilidade e modernização do futebol”⁴⁹.

Visando soluções para questões como “Reforma no Estatuto” e “Código de Ética”, e inspirado no modelo da FIFA, o CRFB conta com representantes de diversos setores ligados ao futebol, como: jogadores/as, técnicos/as, árbitros/as, pesquisadores/as entre outros/as. Estes especialistas se reúnem por áreas de atuação, quinzenalmente, em Grupos de Trabalho (GT), aos quais é proposto um tema a ser discutido e analisado estrategicamente visando soluções e melhorias.

Entre os Grupos de Trabalho criados está o de “Desenvolvimento do Futebol Feminino” (inspiração para o título deste item), coordenado pela ex-árbitra assistente Ana Paula Oliveira e a jogadora Formiga. O GT de futebol de mulheres foi subdividido em quatro subgrupos: Desenvolvimento, Competições, *Marketing* e Seleções, e a jornalista Lu Castro⁵⁰, que também compõe o GT de futebol de mulheres, comenta que:

Cada subgrupo, com integrantes participando em mais do que um deles, se reuniu para discutir os temas pautados na primeira grande reunião do GT geral e organizar as ações prioritárias, definidas como Onda 1. As ações da Onda 1, para implementação imediata, foram apresentadas ao Comitê e aprovadas.

A onda 1 (apesar de ser uma suposição, o nome escolhido nos pareceu uma referência às ondas feministas) consiste em atender as onze ações já aprovadas no Comitê, dentre as quais, Lu Castro destaca: Criação do Departamento de Futebol de Mulheres, Curso para Treinadoras, Campeonato Nacional com duas divisões (16 equipes em cada),

⁴⁹ Disponível em: <http://www.cbf.com.br/comitedereformas/> Acesso em 14/06/2016.

⁵⁰ Disponível em: <http://blogs.lance.com.br/futebolparameninas/2016/06/10/sugestoes-do-gt-de-futebol-feminino-sao-aprovadas-pelo-comite-de-reformas-da-cbf/> Acesso em 14/06/2016.

Competições das categorias Sub17 e Sub20, Manutenção da seleção Sub15 e Plano estratégico de *marketing*.

Além desses planos de ações prioritários, o grupo compreende a necessidade de criar um departamento exclusivo para o futebol de mulheres dentro da CBF, algo até o momento inédito na entidade e que, em nosso ponto de vista, pode promover uma autonomia e um empoderamento das mulheres no âmbito administrativo.

Dessa forma, nos parece que, a partir de iniciativas “arranjadas” e a curto prazo, como é o caso da Lei de incentivo fiscal (PROFUT) e a criação da Seleção Permanente para competições internacionais, veiculadas pelo Globoesporte.com e discutidas anteriormente, percebeu-se a necessidade de iniciativas de cunho permanente, que visassem um desenvolvimento efetivo para o futebol de mulheres, tanto em âmbito nacional e profissional quanto em âmbito local e amador.

Portanto, através de iniciativas em prol do desenvolvimento do futebol de mulheres, bem como alguns movimentos de aceitação por parte dos/as leitores/as já demonstrados nesta dissertação, podemos responder afirmativamente à pergunta de título da reportagem R1: “Sim! Futebol de Mulheres uma hora dessas!!”, demonstrando que a modalidade delas está, cada vez mais, se desenvolvendo e ganhando espaço na sociedade, sendo apreciada e vivenciada por mulheres e homens.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegando ao fim desta dissertação, de alguma maneira transformada pela experiência que essa escrita e as necessárias leituras me proporcionaram, faremos algumas considerações que estão distantes de serem finais, pois, a temática aqui desenvolvida ainda pode (e deve!) desencadear outras análises e discussões. Conforme verificamos através da revisão bibliográfica, as publicações no âmbito da Educação Física acerca das maneiras pelas quais o discurso midiático é articulado nas reportagens sobre o futebol de mulheres ainda é incipiente, portanto, pensamos ser importante mais trabalhos acerca do tema.

Dessa forma, para a construção desta pesquisa, foram necessárias leituras acerca do gênero e como este se estabelece nas relações sociais e no campo esportivo. Também fomos buscar a história das mulheres nas práticas corporais e esportivas no Brasil, e destas esportistas visibilizadas (ou não) pelos meios de comunicação ao longo do século XX. Procuramos também compreender como o futebol se configura na formação das identidades e como essa modalidade se torna “paixão nacional” exclusiva dos homens. Também utilizamos leituras sobre Poder, Discurso, entre outros, que atravessaram as reportagens analisadas.

Acerca do nosso objeto de análise, o Globoesporte.com, percebemos ser este um veículo de transmissão de informações e representações de grande abrangência nacional. Os usuários/as que mais acessam o *site* são homens tanto no âmbito geral das modalidades quanto especificamente no futebol.

Ao longo de nossa coleta, verificamos também que o futebol de homens é mais veiculado do que o futebol de mulheres pois, o número de reportagens veiculadas sobre atletas/dirigentes homens do futebol foi bem maior do que a veiculação de matérias sobre elas no mesmo cenário. Por isso, é possível perceber que as mulheres e seus feitos no futebol ainda permanecem nas zonas de sombras.

A construção dos processos discursivos (imagens e discursos) nas reportagens das mulheres futebolistas são distribuídos e destacados de maneira gerar representações para o público, longe de serem neutros ou ingênuos. Os discursos midiáticos e a maioria dos comentários são performativos, ou seja, são atos reiterados a todo momento na cultura, construindo uma espécie de “ser natural”, como se essas representações acerca das mulheres no futebol estivessem, desde sempre, ali.

Essa performatividade estabelece normas cristalizadas sobre corpo, sexualidade, feminilidade e identidade de gênero para as jogadoras de futebol presentes nas reportagens,

valorizando a beleza física das atletas quando estas atendem determinados traços corporais, isto é, corpos que atendem um modelo Eurocêntrico são mais valorizados e evidenciados.

Também reforçam subliminarmente a hierarquia de gênero, através da valorização dos títulos conquistados por times de mulheres comandados por técnicos homens, além de valorizar, através dos discursos das reportagens, as opiniões de “especialistas” que reforçam ainda mais o *status quo* no qual as mulheres ocupam lugares inferiores aos homens, tanto no que concerne às habilidades para o jogo quanto para a ocupação de cargos de gestão esportiva.

Verificamos que a temática “Desenvolvimento do futebol feminino”: agendas para as mulheres, foi a mais veiculada e discutida entre as reportagens analisadas nessa dissertação, totalizando vinte quatro, num universo de trinta e quatro e trezentos e noventa e oito comentários. Apesar de destacar em seu discurso as agendas e projetos a curto prazo que visam o desenvolvimento do futebol de mulheres no Brasil, percebemos que o próprio globoesporte.com traz as notícias delineadas de pré julgamentos e preconceitos e que muitas vezes não fazem jus às conquistas das atletas, invisibilizando e até mesmo enviesando informações acerca do futebol praticado por mulheres.

No que concerne à recepção das notícias pelo público, percebemos que a grande maioria reitera as normas de corpo, gênero, sexo e sexualidade cristalizadas para as mulheres atletas, no entanto, por parte de alguns comentários dos/as leitores/as também houve certo movimento de resistência à essa norma, uma vez que essa minoria buscou subverter às estruturas e aos padrões de corpo estabelecidos pelo *site*. Ou seja, em alguns momentos o Globoesporte.com “erra” o alvo, deixando de corresponder às expectativas dos/as leitores/as. Também observamos uma cobrança por parte do público leitor por mais informações acerca do futebol de mulheres.

Concluimos, portanto, que é preciso modificar as representações do senso-comum acerca da prática do futebol pelas mulheres para que a modalidade seja reconhecida definitivamente na cultura. Mas, como buscar a concretização dessa utopia visto que a grande mídia aqui estudada não se encarrega de fato com essa missão?

Percebemos que devemos desconstruir por outros caminhos, ou seja, “*a cultura deve ser mudada*” através dos movimentos de resistência que citamos neste trabalho, bem como através das redes sociais, como: *blogs* de notícias paralelos à grande mídia, Facebook, Instagram, entre outros, que se constituem na atualidade importantes ferramentas de disseminação de informações e através das quais usuários e usuárias possuem mais liberdade de comunicação e expressão.

Além disso, pesquisadoras e pesquisadores devem se mobilizar para além do ambiente acadêmico, buscando debater suas pesquisas e achados nas escolas, nas rádios e canais de TV paralelos à grande mídia, ou até mesmo nas conversas informais com amigos, pois, dessa forma, é possível sensibilizar as pessoas à nossa volta, mesmo que esse seja um trabalho de menor abrangência, mas, é também uma importante atitude de resistência às normas e de transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ADELMAN, M.; LECHAKOSKI, L. O homem cordial: modernização do Brasil e homossociabilidade. **Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais**. vol. 1 nº1, UFES, 2011.
- ALMEIDA, C. S. **“Boas de bola”**: um estudo sobre o ser jogadora de futebol no esporte clube radar durante a década de 1980. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.
- ALMEIDA, D. M. V. O poder da palavra e o insulto de gênero. **Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. Ilhéus, nº 8, p. 80-97, jun.2015.
- AMARAL, A.; NATAL, G.; VIANNA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. **Revista Sessões do imaginário: Cinema Cibercultura e Tecnologias da Imagem**. Famecos/PUCRS. Porto Alegre, 20 dezembro, 2008.
- AMODEO, W. Resenha Ordem do Discurso de Michel Foucault. **Selected Works**. São Paulo, 2011.
- ANDRADE, D. Etnografia da Mídia: um método pensamento para a análise de recepção. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. Nº12 v.3 p.193-199, setembro/dezembro, 2010.
- ANDRADE, S. Mídia impressa e educação de corpos femininos. In: LOURO, G. L.; NECKEL, J. F.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- AUGÉ, M. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1994.
- BAUER, M. W.; GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução: Pedrinho A. Guaresch. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BENTO, B. **O homem não tece a dor: queixas e perplexidades masculinas**. 2 ed. Natal: EDUFRN, 2015.
- BIROLI, F. História, discurso e poder em Michel Foucault. In: In: RAGO, M. VEIGA-NETO, A. (Orgs.) **Figuras de Foucault**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 19. Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Seguido de: a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos. Tradução: Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1997.

BRASIL, Deliberação número 9. **Conselho Nacional de Desporto**. Outubro de 1979.

BUTLER, J. **Excitable Speech: A Politics of the Performative**. Abingdon: Routledge, 2013.

_____. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Tradução Renato Aguiar. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

_____. **Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo**. In: LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Traduções: Tomaz Tadeu da Silva. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CAPRARO, A. M. Mario Filho e a “invenção” do jornalismo esportivo profissional. **Movimento**, Porto Alegre. v. 17, n. 02, p. 213-224, abr./jun. de 2011.

CARVALHO, M. J.; PINTO, C.; GOMES, P. B. Mulheres e desporto: a (sub)representação das mulheres na direção das federações olímpicas portuguesas **Pensar a Prática**, v. 16, nº 4. out./dez. 2013.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. Tradução Ingrid Müller. Revisão técnica Alfredo Veiga-Neto e Walter Omar Kohan. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

DA MATTA, R. **A bola corre mais que os homens: duas copas, trezes crônicas e três ensaios sobre futebol**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

DUARTE, A. Biopolítica e resistência: o legado de Michel Foucault. In: RAGO, M. VEIGA-NETO, A. (Orgs.) **Figuras de Foucault**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ELIAS, N. A Gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, N.; DUNNING, E. (Orgs.) **A busca da excitação**. Tradução: Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: DIFEL, 1985.

ELLSWORTH, E. Modos de Endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, T. T. (org.) **Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FARIAS, C. M. Os jogos femininos e a experiência liberal democrática no Brasil (1946-1964). **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH**. São Paulo. Julho, 2011.

FERREIRA, H. J. *et. al.* A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 103-124, jul/set de 2013.

FILHO, J. M. **Reinvenções da resistência juvenil: os estudos culturais e as micropolíticas do cotidiano**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1979**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. Edições Loyola: São Paulo, 1999a.

_____. **História da sexualidade I: A vontade de saber.** Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999b.

_____. **Microfísica do poder.** Organização e tradução: Roberto Machado. 4ª ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

GASTALDO, E. Publicidade, esporte e nacionalidade na Grã-Bretanha: representações sociais na publicidade dos Jogos Olímpicos de Sydney. In: GASTALDO, E. **Publicidade e sociedade: uma perspectiva antropológica.** Porto Alegre: Sulina, 2013.

GOELLNER, S. V. A contribuição dos estudos e gênero e feministas para o campo acadêmico-profissional da Educação Física. In: DORNELLES, P. G.; WENETZ, I.; SCHWENGBER, M. S. V. (Orgs.) **Educação física e gênero: desafios educacionais.** Injuí: Editora Injuí, 2013.

_____. Feminismos, mulheres e esportes: questões epistemológicas sobre o fazer historiográfico. **Movimento.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física, v. 13, n. 2; mai./ago. 2007.

_____. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte.** São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

_____. Mulher e esporte no Brasil: fragmento de uma história generificada. In: SIMÕES, A. C. KNIJNIK, J. D. (Orgs.). **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gênero, desempenho.** São Paulo: Aldeph, 2004.

GOELLNER, S. V.; SILVA, P.; BOTELHO, P. A sub-representação do futebol praticado por mulheres no jornalismo esportivo de Portugal: um estudo sobre a Algarve women's football cup. **Movimento,** Porto Alegre, v. 19, n. 03, p. 171-189, jul./set. 2013.

GOMES, E. M. P. **A participação das mulheres na gestão do esporte brasileiro: desafios e perspectivas.** Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

GOMES, E. *et al.* As representações da mídia sobre a gestão feminina no clube de regatas flamengo. **Podium: Sport, Leisure and Tourism Review,** São Paulo, v. 1, n. 1, p. 151-173, jan./jun. 2012.

GUARESCHI, P. Mídia e democracia: o quarto versus o quinto poder. **Revista Debates,** Porto Alegre, v.1, n.1, p. 6-25, jul./dez. 2007.

GRESPLAN, C. L.; GOELLNER, S. V. Fallon Fox: um corpo queer no octógono. **Movimento,** Porto Alegre, v. 20, n. 4, p. 1256-1284, out./dez. 2014.

HERZ, D. **A história secreta da Rede Globo: sim, eu sou o poder** Roberto Marinho. Editora Ortiz S/A. Porto Alegre: 1991.

HINE, C. **Etnografía Virtual.** Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad. Editorial UOC: Barcelona, 2004.

HOLLANDA, B. B. B. O cor-de-rosa: ascensão, hegemonia e queda do *Jornal dos Sports* entre 1930 e 1980. In: HOLLANDA, B. B. B.; MELO, V. A. (Orgs.) **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

JÚNIOR, O. M. S. **Futebol como projeto profissional de mulheres**: interpretações da busca pela legitimidade. Tese (Doutorado em Educação Física): Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2013.

JÚNIOR, O. M. S. *et. al.* **A bola rola mais que as mulheres**: a difícil busca de identidade no país do futebol (masculino). ACIEPE (Atividade Curricular de Integração Ensino, Pesquisa e Extensão). Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2009.

KNIJNIK, J. D.; VASCONCELOS, E. G. Mulheres na área no país do futebol: perigo de gol. In: SIMÕES, A. C. (Org.) **Mulher & Esporte**: mitos e verdades. Barueri: Manole, 2002.

LEAL, P. M. V. Um olhar histórico na formação e sedimentação da TV no Brasil. **Anais do VII Encontro Nacional de História da Mídia**: Fortaleza, 2009.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Editora 34: São Paulo, 1999.

LOUREIRO, P. R. A. Uma Resenha Teórica e Empírica sobre Economia da Discriminação. **Rev. Bras. Econ. Rio de Janeiro** 57(1):125-157 Jan./Mar., 2003.

LOURO, G. L. Conhecer, pesquisar, escrever... **Educação, Sociedade & Culturas**. Porto Alegre nº 25, p. 235-245. 2007.

_____. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. Teoria queer - uma política Pós-identitária para a educação. **Estudos feministas**. Ano 9 2º semestre. 2001.

MENDES, D. S. *et. al.* A campanha #foraricardoteixeira no twitter: interações sociais e debate público a respeito do esporte. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 35, nº 4, p. 929-946, out./dez. 2013.

MERCADO, L. P. L. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**. v. 13; n. 30; p.169-183; set./dez. 2012.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L. FELIPE, J. GOELLNER, S. **Corpo, Gênero e Sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Editora Vozes: Petrópolis, 2003.

MOREL, M.; SALLES, J. G. Futebol feminino. In: DACOSTA, L. (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEEF, 2006.

MOURA, E. J. L. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. Dissertação (Mestrado em Educação Física): Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas. São Paulo, 2003.

MOURÃO, L. **A representação social da mulher brasileira na atividade físico-desportiva: da segregação à democratização.** Tese (doutorado) Programa de Pós-Graduação em Educação Física - Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1998.

_____. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, Porto Alegre, ano VII número 13, 2000.

MOURÃO, L. MOREL M. As narrativas sobre o futebol feminino o discurso da mídia impressa em campo. **Rev. Bras. Ciênc. do Esp.**, Campinas, vol. 26, nº2, jan. 2005.

MUSSO, P. Ciberespaço, figura reticular da utopia tecnológica. In: MORAES, D. (Org.) **Sociedade midiaticizada.** Rio de Janeiro: Mauad, 2006

PENN, G. Análise Semiótica de imagens paradas. In: BAUER, M. W.; GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Tradução: Pedrinho A. Guaresch. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

POGREBINSCHI, T. Foucault, para além do poder Disciplinar e do biopoder. **Lua Nova** nº 63, 2004.

RENAULT, L. **Webtelejornalismo.** E-papers: Rio de Janeiro, 2014.

RIGO, L. C. *et al.* Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico. **Rev. Bras. de Ciênc. do Esp.**, Campinas, SP, v. 29, n. 3, p. 173 -188, maio 2008.

ROMARIZ, S. B.; VOTRE, S. J.; MOURÃO, L. Representações de gênero no voleibol brasileiro: a imagem do teto de vidro. **Movimento.** Porto Alegre, v. 18, n. 04, p. 219-237, out/dez de 2012.

SALES, S. R. Etnografia + netnografia + análise de discurso: articulações metodológicas para pesquisar em Educação. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO; M. A. (Orgs.) **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação.** Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer.** Tradução e notas: Guacira Lopes Louro – 1ª edição; 3ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANT`ANA, D. B. Cuidados de Si e embelezamento do corpo feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT`ANA, D. B. (org.) **Políticas do corpo.** São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade.** 20(2): 71-99. Jul/Dez. 1995.

SILVA, T. T. A produção da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** 15ª ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

SILVEIRA, V. T.; VAZ, A. O *dopping* e a construção de expectativas de feminilidade: comentários a respeito do caso Rebecca Gusmão. In: DORNELLES, P.; WENETZ, I.

SCHWENGBER, M. S. V. **Educação Física e Gênero: desafios educacionais**. Ijuí: Editora Ijuí, 2013.

SODRÉ, M. Etnicidade, campo comunicacional e mídia. In: **Sociedade midiaticizada** MORAES, D. (Org.), Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

SOUZA, G. C.; MOURÃO L. **Mulheres no Tatame: o judô feminino no Brasil**. Rio DE Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2011.

_____. Narrativas do judô feminino brasileiro: construção da historiografia de 1979 a 1992. 'Anais: Usos do Passado' — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.

SOUZA, J. S. S.; KNIJNIK, J. D. A mulher invisível: gênero e esporte em um dos maiores jornais diários do Brasil. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, n.1, p.35-48, jan./mar.2007.

TAVARES, M. L. R. S. **Mulheres em Manchete: a potência da geração de voleibol dos anos 1980**. Dissertação (Mestrado em Educação Física): Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2015.

VIGARELLO, G. **História da beleza**. Tradução: Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

WOLF, N. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Tradução: Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ANEXO I – “Futebol feminino uma hora dessas?” (R1 – 09/04/2015)

Quinta-feira, 09/04/2015 às 12:48 por Mávio dos Anjos

Futebol feminino a uma hora dessas?

O futebol feminino é, por enquanto, a grande derrota do feminismo. Não interessa às mulheres, não está entre as prioridades das torcedoras: fora do ambiente das que o praticam, parece ser apenas uma fixação utópica, perfeita no mundo das ideias mas imperceptível na realidade, e **que agora surge na MP do Futebol, que obriga os clubes a terem um investimento mínimo às equipes mulheres.**

Começa pela questão da audiência: nunca vi o futebol feminino ter um retorno como o que podemos notar, por exemplo, nos torneios de curling, que se tornaram de curiosidade viral a aposta do Sportv. Não disponho de números, mas tenho a impressão de que há mais mulheres interessadas em ver o UFC do que um Brasileiro feminino. No ano passado, a reboque da Copa do Mundo, houve um protesto pela valorização da modalidade em Copacabana. Juntou 12 pessoas.

Gostamos de Marta, gostamos de ver a seleção feminina nas competições olímpicas, cobramos sucesso delas, mas não estamos tão ligados numa versão feminina dos Estaduais e Nacionais. Talvez nem uma Libertadores da América despertasse hoje esse interesse. A verdade? Não conseguimos nem dar conta de aturar suas versões masculinas - Fred chegou a ponto de pedir o fim do Carioca outro dia.

Pense: os clubes (que são administrados de forma amadora em sua maioria) já são obrigados a disputar torneios deficitários por determinação das federações, imagine-os agora sendo forçados a dispendir dinheiro num torneio que não tem demanda significativa de público nem de audiência que justifique uma boa verba de TV.

SOBRE A PÁGINA

Facebook 17, Twitter 10, +1 0

publicidade

ZORRA

Calma, Andreia Rosa, não estou sendo machista

Para tudo há uma saída, sempre. Todos os que apostaram que os americanos jamais teriam uma liga masculina atraente estão começando a quebrar a cara. E lá o caminho se deu de forma inversa: o esporte ganhou proeminência através das mulheres, depois conquistou os homens. Mas vá ver o regime de administração das equipes esportivas de lá, baseado num modelo de iniciativa privada, de franquias, numa ótica de produto cuja qualidade inspira demanda e num investimento de publicidade que realmente cria o desejo de torcer e consumir o futebol.

O que quero dizer é que não adianta rodar software novo numa máquina obsoleta. Se o futebol masculino do Brasil já é deficitário e perde público para os torneios europeus, é porque existe um problema estrutural. O prejuízo já é a realidade constante, e o resgate desse futebol masculino já é implorado há anos.

Enquanto o futebol masculino não passar por uma reforma de pensamento que permita crescer tanto na parte técnica quanto administrativa e que defenda a rentabilidade dos torneios e o conforto dos torcedores, **obrigar os clubes a servir futebol feminino é tão utópico quanto um programa de colonização de Marte tocado por Aldo Rebelo.**

Digo isso sentindo-me constrangido: não é fácil estar do lado da maioria dos dirigentes de futebol, contrários a esta determinação da medida provisória. Mas não adianta: o futebol feminino só pode sonhar dar certo na esfera dos clubes masculinos se o futebol masculino estiver autossustentável, o que não é o presente. Exigiria melhora gradual, o que tomaria tempo, muito tempo.

Suspeito que seria mais interessante falar em futebol feminino se ele fosse independente desses

Suspeito que **seria mais interessante falar em futebol feminino se ele fosse independente desses clubes**, facilitando a criação de marcas novas do zero, incentivando a prática intercolegial e interuniversidades, quem sabe caminhando no fim para testar o modelo americano. Se for o caso de tirar o futebol das mãos da CBF, que seja estudado. O futebol feminino já é uma prática marginal mesmo, pouco importa as sanções que uma entidade que nada faz por ele imporia. Prefiro um imprevisto supernovo às gambiarras manjadas.

Parece-me necessária uma intervenção do governo na estrutura do futebol brasileiro, sobretudo para encerrar a farra e a liberalidade fiscal. É um setor importante, que emprega mais de 2 milhões de jogadores, sem falar em todos os outros empregos conexos, e gira bilhões de reais anualmente, muitos deles lavados e sonogados, outros tantos torrados em arenas que enfrentam agora o risco de sumir do mapa. Mas não é com Dilma dando um Ministério do Esporte para um novato como um carinho fisiológico ao PRB, nem criando novos prejuízos e fazendo caridade com chapéus alheios - **que estão mais que furados**.

23 5 0 COMENTE 0

SEJA O PRIMEIRO A COMENTAR

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os [termos de uso](#), [denuncie](#). Leia as [perguntas mais frequentes](#) para saber o que é impróprio ou ilegal.

Windows taskbar: 12:39, 10/04/2015, POR, PTR2

ANEXO II – “Criação de ‘Seleção Permanente’ divide opiniões no futebol feminino” (R2 – 09/04/2015)

Resultado da busca por: x Criação de "Seleção perm: x Tayane

globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/04/criacao-de-selecao-permanente-divide-opinioes-no-futebol-feminino.html

09/04/2015 09h58 - Atualizado em 09/04/2015 09h13

Criação de "Seleção permanente" divide opiniões no futebol feminino

Vadão, técnico do Brasil, defende projeto de olho nas Olimpíadas de 2016 e também na Copa do Mundo do Canadá; equipe sofreu goleada para a Alemanha em teste

Por GloboEsporte.com
São José dos Campos, SP

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST

publicidade

TUDO SOBRE

TV Vanguarda

Inter de Limeira encara São José dos Campos para encostar no líder da
há 1 hora

Zanon revela meta imposta ao time antes de vitória e mira segundo

De olho nas Olimpíadas de 2016, a CBF criou a "Seleção brasileira feminina permanente". Para isso, juntou uma equipe que vai se dedicar exclusivamente para a seleção e que vai disputar o torneio olímpico de futebol feminino no ano que vem, além do Mundial de 2015 no Canadá. Em amistoso para a Copa do Mundo, o **Brasil sofreu uma goleada por 4 a 0 para a Alemanha** nessa quarta-feira. No fim de semana, a equipe **venceu o São José-SP por 2 a 0 em amistoso** no interior de São Paulo.

Mesmo com Marta e Cristiane, Brasil não conseguiu criar jogadas de ataque contra alemãs (Foto: Alex Grimm/Getty Images)

- Tudo que nós estamos fazendo e pedimos para a CBF é para o bem da modalidade. Para que a gente possa competir bem no Mundial e e possa ir bem na Olimpíadas. Depois disso, dessas duas etapas, vai haver uma nova reciclagem para ver o que é mais interessante. (...) E eu acho que a seleção (permanente) acabou fazendo um bem. Muitas seleções de outros países estão fazendo a permanente e os campeonatos passaram a ser iguais aos nossos. (...) E na verdade, iria desfigurar os campeonatos aqui no Brasil da mesma forma, como lá fora. O fato da gente hoje estar "lesando" os clubes no Brasil existe, mas de outra forma estaríamos fortalecendo a seleção (...). Então eu acho que é um período, não vai ser contínuo - explicou o técnico da seleção brasileira feminina, Vadão.

Publicidade

Windows Taskbar: 10:42 09/04/2015

Resultado da busca por: x Criação de "Seleção perm: x Tayane

globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/04/criacao-de-selecao-permanente-divide-opinioes-no-futebol-feminino.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

MENU ge VALE DO PARAÍBA E REGIÃO BUSCAR

Mesmo com Marta e Cristiane, Brasil não conseguiu criar jogadas de ataque contra alemãs (Foto: Alex Grimm/Getty Images)

- Tudo que nós estamos fazendo e pedimos para a CBF é para o bem da modalidade. Para que a gente possa competir bem no Mundial e e possa ir bem na Olimpíadas. Depois disso, dessas duas etapas, vai haver uma nova reciclagem para ver o que é mais interessante. (...) E eu acho que a seleção (permanente) acabou fazendo um bem. Muitas seleções de outros países estão fazendo a permanente e os campeonatos passaram a ser iguais aos nossos. (...) E na verdade, iria desfigurar os campeonatos aqui no Brasil da mesma forma, como lá fora. O fato da gente hoje estar "lesando" os clubes no Brasil existe, mas de outra forma estaríamos fortalecendo a seleção (...). Então eu acho que é um período, não vai ser contínuo - explicou o técnico da seleção brasileira feminina, Vadão.

Publicidade

Futebol feminino +

Brasil +

Marta +

Olimpíadas Rio 2016 +

Publicidade

Windows Taskbar: 10:43 09/04/2015

Resultado da busca por F... x Criação de "Seleção perm... x Tayane

globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/04/criacao-de-selecao-permanente-divide-opiniones-no-futebol-feminino.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge VALE DO PARAÍBA E REGIÃO WYN COPA 04 BUSCAR

Saiba mais: www.sjc.sp.gov.br



Seleção fez amistoso com o São José-SP antes de embarcar para a Alemanha (Foto: Danilo Sardinha/GloboEsporte.com)

Emily Lima, técnica do São José, clube atual campeão Mundial e da Libertadores feminina, já teve passagens pelo comando da seleção brasileira e opinou sobre a criação da equipe permanente. O time do Paraíba foi um dos mais prejudicados no Brasil. Cinco jogadoras do time que ganhou o Mundial no Japão foram cedidas à equipe nacional. O time agora enfrenta uma nova realidade.



Windows Taskbar: 10:44 09/04/2015

Resultado da busca por F... x Criação de "Seleção perm... x Tayane

globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/04/criacao-de-selecao-permanente-divide-opiniones-no-futebol-feminino.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge VALE DO PARAÍBA E REGIÃO WYN COPA 04 BUSCAR

- Esse é um detalhe que a gente poderia ter tomado um pouco mais de cuidado. O professor Vadão falou em uma entrevista que tinha entre 30 e 35 meninas competitivas e eu discordo disso. É muito difícil no Brasil você achar atleta pronta, porque não temos clubes estruturados para que isso aconteça e então eles deveriam ter pensado um pouco mais nisso. O brilho das competições, eu acho que acabou um pouco. O público, a imprensa, todos querem ver atletas de seleção em campo. É positivo para a seleção brasileira? Se caso nós conseguíssemos ganhar Mundial e Olimpíadas, que é o ideal que aconteça, pode ser, mas caso não venham os títulos, fracassou tanto o projeto com a seleção permanente quanto o desenvolvimento do futebol feminino nesses dois anos que os clubes ficaram sem atletas de seleção - opinou.



A primeira competição disputada pela equipe permanente foi em março, quando representou o país na Copa Algarve, um tradicional torneio de futebol feminino realizado Portugal, terminando na sétima colocação. Nesta quarta-feira a seleção foi derrotada para a **Alemanha por 4 a 0**, na Europa. Em maio, a equipe enfrenta a Islândia, no último teste antes do Mundial. Na primeira fase da Copa do Mundo, o Brasil encara Costa Rica, Coreia do Sul e Espanha.

Windows Taskbar: 10:44 09/04/2015

Resultado da busca por f... x Criação de "Seleção perm... x Teyane

globoesporte.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/noticia/2015/04/criacao-de-selecao-permanente-divide-opinios-no-futebol-feminino.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge VALE DO PARAÍBA E REGIÃO VADÃO BUSCAR



Marta, estrela do futebol feminino, não integra a seleção permanente (Foto: Agência EFE)

Seleção foi derrotada para o momento por 1 a 0, na Europa. Em maio, a equipe enfrenta a Islândia, no último teste antes do Mundial. Na primeira fase da Copa do Mundo, o Brasil encara Costa Rica, Coreia do Sul e Espanha.

- Ainda não estamos preparados. Temos ainda um longo caminho ao Mundial. A **Marta** e a Bia se encontraram conosco na Alemanha, mas elas não têm condições de figurar na permanente aqui no Brasil. (...) Então a equipe estará bem melhor que está no momento em todos os sentidos. Essa é a intenção nossa para que a gente possa competir com outras seleções. A primeira fase, acho que o Brasil tem boas chances de passar e daí na segunda fase temos que mostrar que fomos bem preparados - ressaltou Vadão.

* colaborou Felipe Kyoshy

SAIBA MAIS

Confiante, Formiga comenta chances do Brasil na Copa do Mundo de 2015

Windows Taskbar: 10:45 09/04/2015

ANEXO III – “Futebol feminino: Marco Aurélio quer opiniões de Bernardinho e Zé Roberto” (R5 – 15/05/2015)

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFMS x Futebol feminino: Marco x Taryant

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardinho-e-ze-roberto.html

15/05/2015 07:00 - Atualizado em 15/05/2015 07:00

Futebol feminino: Marco Aurélio quer opiniões de Bernardinho e Zé Roberto

Novo diretor da modalidade toma posse na CBF, lembra que maior luta é acabar com o preconceito e diz que é preciso "colocar o dedo na ferida"

Por Cíntia Barlem
Rio de Janeiro

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST

Marco Aurélio Cunha assume como diretor do futebol feminino na CBF. (Foto: Cíntia Barlem)

São 35 anos dedicados ao futebol. Mas nem por isso Marco Aurélio Cunha se coloca como alguém incapaz de escutar e aprender mais. O ex-diretor do São Paulo chegou nesta quinta-feira para assumir o cargo de diretor do futebol feminino na CBF. O objetivo para quem tem tamanha experiência no mundo masculino do futebol é compreender um pouco mais o universo feminino, saber qual a razão de tanto preconceito em relação à prática pelas mulheres. Nesta empreitada, ele não descarta ajudas importantes. O vereador eleito por SP, que se despediu da posição esta semana, quer ouvir a experiência de técnicos como Bernardinho e José Roberto Guimarães, que tanto já conquistaram

Publicidade

magazineluiza.com

aproveite agora

Publicidade

MAIO ECONOMICO

Mais economia, impossível! Gol e Voyage com parcelas de R\$ 35 até o final do ano.

Clique e saiba mais.

Windows Taskbar: 20:14, 20/05/2015

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFMS x Futebol feminino: Marco x Taryant

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardinho-e-ze-roberto.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Marco Aurélio Cunha assume como diretor do futebol feminino na CBF. (Foto: Cíntia Barlem)

para assumir o cargo de diretor do futebol feminino na CBF. O objetivo para quem tem tamanha experiência no mundo masculino do futebol é compreender um pouco mais o universo feminino, saber qual a razão de tanto preconceito em relação à prática pelas mulheres. Nesta empreitada, ele não descarta ajudas importantes. O vereador eleito por SP, que se despediu da posição esta semana, quer ouvir a experiência de técnicos como Bernardinho e José Roberto Guimarães, que tanto já conquistaram em quadra justamente com times femininos.

- O que há ainda aqui é um preconceito muito grande. Vamos colocar o dedo na ferida. Há um preconceito que o futebol é esporte para homem, que futebol não é para mulher. Isso havia no basquete e no vôlei. E olha aí o nosso vôlei onde está. Mulheres bonitas, atléticas, meninas, jogando com seu estilo sem a força do homem, mas com uma leveza e beleza das mulheres. Você tem que caminhar o futebol nessa linha. Ouvir as pessoas. Eu quero ouvir o Bernardinho, quero conversar com ele. Quero conversar com o José Roberto Guimarães. Quero conversar com o Renê Simões, que já passou por aqui. Esse universo precisa ser mais compreendido e certamente apostar nisso. Quando você começa a apostar desperta o sentimento nas crianças e adolescentes: "Poxa, esse troço é para mim também. Eu também quero jogar futebol" - afirmou Marco Aurélio Cunha, em entrevista ao GloboEsporte.com.

Publicidade

Mais economia, impossível! Gol e Voyage com parcelas de R\$ 35 até o final do ano.

Clique e saiba mais.

CAMISA ADIDAS FLAMENGO 14/15 TORCEDOR

DE R\$ 129,90 POR R\$ 69,90

loja.globoesporte.com

Windows Taskbar: 20:15, 20/05/2015

Resultado da busca por f... Vice-presidente da FFMS Futebol feminino: Marco x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

Para acessar rapidamente, coloque os seus favoritos aqui na barra de favoritos. Importar favoritos agora...

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

O caminho é longo, mas o foco não é brigar com os grandes times para que deem espaço ao futebol feminino. Marco Aurélio pensa diferente em relação a países como Alemanha ou Suécia, que buscam fortalecer seus campeonatos nacionais. O diretor quer criar uma rede nos clubes sociais. Núcleos que possam estimular a formação de jogadoras. Mas ele alerta: os governos precisam "entrar na jogada". Segundo o o dirigente, a CBF é a "mãe gestora" do futebol, mas não pode atuar sozinha como "mãe formadora".

- O que os clubes querem é pegar pronto. Pegar atletas consagradas. Pegar "algumas Martas", usar por um período e depois acabou. O que nós temos que fazer é um investimento dentro dos clubes sociais não só os clubes de grande marca, mas clubes sociais comuns e dar um espaço para as meninas jogarem. Criar uma agenda que possa ter jogo de meninas e jogo de meninos. O futebol já é uma agenda cheia. Já não tem muito espaço para fazer jogos de futebol. Não tem mais campos abertos, livres nas grandes cidades. Então fica o que? Fica o clube social. Nele há que se começar a instituir e incentivar núcleos de formação de jogadoras de futebol. Esse é o caminho. Não há outro. O governo tem que entender também que não é só a CBF que tem que fazer isso. Ela é a mãe gestora do futebol, mas ela não é a mãe formadora do futebol. O futebol vem nas raízes, das crianças. Ele vem do crescimento. Quem tem que fazer isso são os clubes ou as entidades esportivas municipais, estaduais. Que incentivem isso nas escolas e tenham um alinhamento depois com os clubes profissionais.

Publicidade



Confira a íntegra da entrevista:

Windows Taskbar: Internet Explorer, Google Chrome, VLC, Firefox, LibreOffice, etc. System tray: POR 20:15, PTR2 20/05/2015

Resultado da busca por f... Vice-presidente da FFMS Futebol feminino: Marco x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

Para acessar rapidamente, coloque os seus favoritos aqui na barra de favoritos. Importar favoritos agora...

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Qual a missão de Marco Aurélio Cunha à frente do futebol feminino?

- Para mim é um aprendizado. Não vou dizer que eu saiba isso. Uma vez quando eu trabalhei em Santa Catarina me perguntaram o que eu conhecia do futebol catarinense para trabalhar lá. Pergunta difícil e até um pouco uma armadilha. Eu disse: "eu conheço muito pouco, mas o mais importante é eu levar o futebol de vocês para o Brasil". Então, não adianta nada eu conhecer uma coisa e ficar do jeito que está. Eu tenho que pegar isso e transportar para o Brasil todo. Isso foi em 99. Fizemos Figueirense, Avaí... Hoje, Santa Catarina está com quatro clubes na Série A. Não quer dizer que eu fiz tudo isso, mas eu ajudei.

- Primeiro é entender o que falta. Existe o futebol feminino. A seleção feminina é conhecida pela Marta e pelas grandes atletas. Mas o que vem depois delas? Essa é a grande missão. Nós temos agora uma agenda urgente que tem Mundial, Pan e Olimpíada. Claro que nós temos que focar nisso objetivamente, fazer o mais certo possível para evitar os erros. Já vem andando, já tem um trabalho feito anteriormente que eu respeito muito. É injusto classificar as pessoas aqui que estavam se debatendo aqui para fazer algo, substituí-las e dizer que fomos nós. Nós temos que respeitar isso. Mas talvez dar um pouco mais de peso. Eu tenho certeza que pelo que eu já fiz no futebol as pessoas vão começar a olhar. E era assim em Santa Catarina. Alguns falavam: "Marco foi para o Figueirense, mas o Figueirense está na Série C e ele saiu do Santos. Ele era do São Paulo. Mas se ele está lá é porque deve ser bom".

Windows Taskbar: Internet Explorer, Google Chrome, VLC, Firefox, LibreOffice, etc. System tray: POR 20:15, PTR2 20/05/2015

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFMS x Futebol feminino: Marco x Teyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

Para acessar rapidamente, coloque os seus favoritos aqui na barra de favoritos. Importar favoritos agora...

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR



Marco Aurélio acredita que novo patamar do futebol feminino estimulará Marta (Foto: Agência EFE)

As barreiras para transformar o futebol feminino

- Conheço a Marta, conheço as meninas. Vão falar: "Se esse cara encarou isso, alguma coisa vai acontecer. Ou se não eu vou naufragar junto". Eu nunca passei por isso (naufragar), mas pode acontecer. Vou me esforçar muito para que isso não aconteça e que melhore muito mais. Eu acho que é isso. Mostrar que se eu tive a coragem de fazer uma renúncia de uma câmara municipal de São Paulo com todas as coisas que há lá é porque eu estou afim. Então é contribuir como médico, contribuir como gestor, contribuir como esportista, como quem quer entender melhor essas meninas, como que elas pensam. Na minha casa tenho mulheres, já as entendo, mas entender ainda melhor.

- O que há ainda aqui é um preconceito muito grande. Vamos colocar o dedo na ferida. Há um preconceito que o futebol é esporte para homem, que futebol não é para mulher. Isso havia no basquete e no vôlei. E olha aí o nosso vôlei onde está... Mulheres bonitas, atléticas, meninas, jogando com seu estilo sem a força do homem, mas

Windows Taskbar: 20:15, 20/05/2015

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFMS x Futebol feminino: Marco x Teyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

Para acessar rapidamente, coloque os seus favoritos aqui na barra de favoritos. Importar favoritos agora...

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Marco Aurélio acredita que novo patamar do futebol feminino estimulará Marta (Foto: Agência EFE)

As barreiras para transformar o futebol feminino

- O que há ainda aqui é um preconceito muito grande. Vamos colocar o dedo na ferida. Há um preconceito que o futebol é esporte para homem, que futebol não é para mulher. Isso havia no basquete e no vôlei. E olha aí o nosso vôlei onde está. Mulheres bonitas, atléticas, meninas, jogando com seu estilo sem a força do homem, mas com uma leveza e beleza das mulheres. Você tem que caminhar o futebol nessa linha. Ouvir as pessoas. Eu quero ouvir o Bernardino, quero conversar com ele. Quero conversar com o José Roberto Guimarães. Quero conversar com o René Simões, que já passou por aqui. Esse universo precisa ser mais compreendido e certamente apostar nisso. Quando você começa a apostar você desperta o sentimento nas crianças e adolescentes: "Poxa, esse troço é para mim também. Eu também quero jogar futebol".

Aprimorar o futebol feminino de um "jeito japonês"

- Vou te dar um exemplo que eu vivi no Japão. Uma coisa que podia ser feita aqui. Morei dois anos no Japão como médico do esporte lá em dois clubes japoneses. Havia um jogo nas escolas que era composto por quatro meninas e dois meninos. Era um society. Sendo que os homens não podiam fazer gols. Eles não chutavam a gol pela força. Mas eles administravam a partida com seu drible, sua ginga. Eles ensinam as meninas a jogar futebol. Então havia um futebol misto coisa que eu nunca ouvi falar que alguém fizesse. Por que não a gente não criar algumas partidas lúdicas de apresentação? Para as pessoas quererem assistir e as pessoas entenderem

Windows Taskbar: 20:16, 20/05/2015

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFM... x Futebol feminino: Marco / x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc vídeos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

- Vou te dar um exemplo que eu vivi no Japão. Uma coisa que podia ser feita aqui. Morei dois anos no Japão como médico do esporte lá em dois clubes japoneses. Havia um jogo nas escolas que era composto por quatro meninas e dois meninos. Era um society. Sendo que os homens não podiam fazer gols. Eles não chutavam a gol pela força. Mas eles administravam a partida com seu drible, sua ginga. Eles ensinam as meninas a jogar futebol. Então havia um futebol misto coisa que eu nunca ouvi falar que alguém fizesse. Por que não a gente não criar algumas partidas lúdicas de apresentação? Para as pessoas quererem assistir e as pessoas entenderem que não é feio jogar futebol. Nos Estados Unidos, Japão têm isso. Veja: todos países desenvolvidos. Não são países de baixa renda. São países culturalmente muito desenvolvidos e que veem isso com muita naturalidade. Eu fui aos Estados Unidos no Los Angeles Galaxy. Poxa, só meninas jogando futebol. Um monte. Com os pais assistindo, mães. Ou seja, futebol não é só para homem. Essa é a primeira marca que temos que criar. E que nas escolas se difunda isso.

Por que os principais clubes não se interessam pelo futebol feminino?

- O que os clubes querem é pegar pronto. Pegar atletas consagradas. Pegar "algumas Martas", usar por um período depois acabou. O que nós temos que fazer é um investimento dentro dos clubes sociais não só os clubes de grande marca, mas clubes sociais comuns e dar um espaço para as meninas jogarem. Criar uma agenda que possa ter jogo de meninas e jogo de meninos. O futebol já é uma agenda cheia. Já não tem muito espaço para fazer jogos de futebol. Não tem mais campos abertos, livres nas grandes cidades. Então fica o que? Fica o clube social. No clube social começar a instituir e incentivar núcleos de formação de jogadoras de futebol. Esse é o

Windows Taskbar: 20:16 20/05/2015

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFM... x Futebol feminino: Marco / x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc vídeos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

- O que os clubes querem é pegar pronto. Pegar atletas consagradas. Pegar "algumas Martas", usar por um período depois acabou. O que nós temos que fazer é um investimento dentro dos clubes sociais não só os clubes de grande marca, mas clubes sociais comuns e dar um espaço para as meninas jogarem. Criar uma agenda que possa ter jogo de meninas e jogo de meninos. O futebol já é uma agenda cheia. Já não tem muito espaço para fazer jogos de futebol. Não tem mais campos abertos, livres nas grandes cidades. Então fica o que? Fica o clube social. No clube social começar a instituir e incentivar núcleos de formação de jogadoras de futebol. Esse é o caminho. Não há outro. O governo tem que entender também que não é só a CBF que tem que fazer isso. Ela é a mãe gestora do futebol, mas ela não é a mãe formadora do futebol. O futebol vem nas raízes, das crianças. Ele vem do crescimento. Quem tem que fazer isso são os clubes ou as entidades esportivas municipais, estaduais que incentivem isso nas escolas e tenham um alinhamento depois com os clubes profissionais -

Alimentar um sonho olímpico em jovens

- Pensa bem. Onde tem pouca gente, tem muita oportunidade. Então, essa é a grande sacada. Se você algumas vezes tem um menino que não tem espaço por ter muita gente melhor que ele ele não vai conseguir jogar... para as meninas o espaço está aberto. Imagina chegar para uma menina de 13 anos que tem habilidade esportiva, que joga futebol, vôlei, enfim, qualquer esporte que tenha bola e ela tenha aptidão. Falar assim: "Treina futebol que pode ser que você vá à Olimpíada. Alimentar um sonho. Está mais fácil, menos congestionado. Criar o sonho e dar a oportunidade. É isso que tem que ser feito. Mas isso o governo precisa ajudar, as escolas têm

Windows Taskbar: 20:16 20/05/2015

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFM... x Futebol feminino: Marco / x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Alimentar um sonho olímpico em jovens

- Pensa bem. Onde tem pouca gente, tem muita oportunidade. Então, essa é a grande sacada. Se você algumas vezes tem um menino que não tem espaço por ter muita gente melhor que ele e ele não vai conseguir jogar...para as meninas o espaço está aberto. Imagina chegar para uma menina de 13 anos que tem habilidade esportiva, que joga futebol, vôlei, enfim, qualquer esporte que tenha bola e ela tenha aptidão. Falar assim: "Treina futebol que pode ser que você vá à Olimpíada. Alimentar um sonho. Está mais fácil, menos congestionado. Criar o sonho e dar a oportunidade. É isso que tem que ser feito. Mas isso o governo precisa ajudar, as escolas têm que ajudar. Os clubes sociais não profissionais têm que ajudar. Ai você vai drenando, vai formando torneios. A CBF vai incentivar esses torneios. O legado FIFA vai incentivar esses torneios. Tem que ser nessa linha. Existem muitos núcleos isolados fazendo futebol feminino, mas nós com nós mesmos. Precisamos juntar esses núcleos. Criar uma fórmula em que as pessoas se encontrem.

O que há ainda aqui é

Como criar gerações vencedoras como a de Marta

- Os nossos novos Ronaldos. Já temos o Neymar. No masculino temos essa "nutrição". No feminino há que se achar chance para essas meninas. Treinem futebol. Mas há que se dar os elementos básicos. Uma bola e um professor.

Windows 7 taskbar with icons for Start, Internet Explorer, Google Chrome, and other applications. System tray shows date 20/05/2015 and time 20:17.

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFM... x Futebol feminino: Marco / x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

O que há ainda aqui é um preconceito muito grande

Unificar sistemas táticos da base ao profissional como a Alemanha

- Os nossos novos Ronaldos. Já temos o Neymar. No masculino temos essa "nutrição". No feminino há que se achar chance para essas meninas. Treinem futebol. Mas há que se dar os elementos básicos. Uma bola e um professor.

- Acho que antes de falar em tática. Acho que é bobagem falar em tática. As aptidões são tão diferentes. Você criar um sistema rígido. O brasileiro não tem isso. Vamos lá. A Alemanha nos ganhou de 7 a 1 com esse esquema então nós estamos muito atrás. Também não é verdade. Nós temos que respeitar culturas. As meninas têm que aprender a jogar, ter o entusiasmo, o fundamento técnico. São os fundamentos: chutar bem uma bola, ter visão periférica, virar um jogo, saber jogar com duas ou três. É como criança. No começo ela corre em bando. Ai todo mundo cai. Ai chuta a bola e corre todo mundo para ali. À medida que a idade vai aumentando ela vai conseguindo concatenar e coordenar. Em outro estágio, ela começa a jogar com cinco ou seis. Falar em tática é precoce para quem está aprendendo a jogar. A gente instrui a técnica, depois o comportamental. Ai sim vem o aprimoramento tático. Mas talvez isso seja na fase de 14, 15, 16 anos para as mulheres. Os meninos talvez até mais cedo. E jogar em várias posições também.

— Marco Aurélio

Windows 7 taskbar with icons for Start, Internet Explorer, Google Chrome, and other applications. System tray shows date 20/05/2015 and time 20:17.

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFMS x Futebol feminino: Marco / x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

Para acessar rapidamente, coloque os seus favoritos aqui na barra de favoritos. [Importar favoritos agora...](#)

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Bate-papo com Vadão, técnico da seleção feminina

- Não tive tempo. Cheguei hoje (quinta). Assisti um monólogo dele na TV Cultura (tom descontraído). Gosto muito do Vadão.

Criação de técnicas de futebol feminino no Brasil

- Agora, o que é bom é que amanhã a gente pegue uma dessas meninas e ela queira ser técnica. A gente precisa amanhã colocar uma mulher no meu lugar. Eu tenho que abrir esse caminho. Não vou ficar aqui para sempre. Então, no meu lugar, em breve, eu tenho que instruir alguém. Bem ao contrário do medo de perder espaço eu tenho que lutar para que eu perca espaço. Ai vem uma mulher competente para fazer a coisa com outro olhar que eu talvez não tenha por ser homem. Mas ela tem que estar instruída para isso. Então cabe a mim aprender primeiro e depois formar alguém.

Quais as chances do Brasil na Copa do Mundo?

- A gente sabe que há países muito fortes. A Alemanha que é a principal, Estados Unidos, França, Suécia, Noruega, China. É injusto prometer coisas, é injusto cobrar coisas. Nós vamos fazer o melhor possível. O Brasil está entre as cinco maiores fortes do futebol feminino mundial. Se você vai ser o quinto ou o primeiro é circunstancial. Depende do seu trabalho, depende do foco, do ambiente e das pessoas estarem todas convergindo. Acredito muito nisso. Ambiente

Windows Taskbar: 20:17 PTBZ 20/05/2015

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFMS x Futebol feminino: Marco / x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

Para acessar rapidamente, coloque os seus favoritos aqui na barra de favoritos. [Importar favoritos agora...](#)

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Quais as chances do Brasil na Copa do Mundo?

- A gente sabe que há países muito fortes. A Alemanha que é a principal, Estados Unidos, França, Suécia, Noruega, China. É injusto prometer coisas, é injusto cobrar coisas. Nós vamos fazer o melhor possível. O Brasil está entre as cinco maiores fortes do futebol feminino mundial. Se você vai ser o quinto ou o primeiro é circunstancial. Depende do seu trabalho, depende do foco, do ambiente e das pessoas estarem todas convergindo. Acredito muito nisso. Ambiente ganha muito. Ambiente ganha mais do que treino algumas vezes. O ambiente supera expectativas. A gente tem que ter um grande ambiente. Um ambiente protetor. Uma pessoa que cobre. A gente pode chegar lá. Por que não? Não somos piores. Apenas as circunstâncias têm que nos levar aos melhores resultados. Vou fazer de tudo para que isso aconteça. E eu tenho muita sorte. Muita sorte mesmo.



Windows Taskbar: 20:17 PTBZ 20/05/2015

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFMS x Futebol feminino: Marco / x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

muita sorte. Muita sorte mesmo.



Seleção feminina fez último teste na Copa Algarve antes do Mundial (Foto: Divulgação/CBF)

Windows taskbar: 20:18, 20/05/2015

Resultado da busca por f... x Vice-presidente da FFMS x Futebol feminino: Marco / x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Publicidade



Um pelotão com os melhores produtos para você sair na frente.

>> CONFIRA

loja globoesporte.com

Facebook Twitter Google+ Pinterest Link: http://glo.bo/1JMxYgK?utm_source=

SEJA O PRIMEIRO A COMENTAR

Windows taskbar: 20:18, 20/05/2015

The screenshot shows a web browser window with the address bar displaying the URL: `globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/futebol-feminino-marco-aurelio-quer-opinioes-de-bernardino-e-ze-roberto.html`. The page header includes the 'globo.com' logo, navigation links for 'g1', 'globoesporte', 'gshow', 'famosos & etc', and 'videos', and a search bar labeled 'BUSCAR'. Below the header are social media icons for Facebook, Twitter, Google+, and Pinterest. The main content area features a section titled '13 COMENTÁRIOS' with a disclaimer: 'Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os termos de uso, denuncie. Leia as perguntas mais frequentes para saber o que é impróprio ou ilegal.' A grey box below this text states 'Este conteúdo não recebe mais comentários.' There are two tabs for 'RECENTES' and 'POPULARES'. Two comments are visible: one by 'Murilo' (dated 'HÁ 7 MESES') stating 'Marco Aurelio Cunha, grande profissional, deveria ser o diretor da seleção masculina. Futebol feminino sempre será um lixo sem graça.' with 2 likes and 20 shares; and another by 'Mauricio Silva' (dated 'HÁ 7 MESES') stating 'Sem investimento jamais será possível o futebol feminino evoluir aqui no país. As jogadoras'. The Windows taskbar at the bottom shows the system tray with the time '17:13' and date '21/12/2015'.

ANEXO IV – “Coleção de musas: álbum do Mundial feminino começa a ser vendido” (R6 - 20/05/2015)

Quarta-feira, 20/05/2015 às 22:22 por BMFC

Coleção de musas: álbum do Mundial feminino começa a ser vendido

Que tal colecionar musas? Isso é possível ao menos no álbum de figurinhas da Copa do Mundo feminino de futebol, que ocorre de 6 de junho a 5 de julho, no Canadá. A publicação já está à venda por R\$ 5,90. Entre as jogadoras estão Alex Morgan e Hope Solo, dos Estados Unidos, Tamires, do Brasil, e Jill Roord, da Holanda.

A seleção brasileira é representada no álbum por Andréia, Bruna, Mônica, Poliana, Rilany, Tamires, Andressa, Andressinha, Fabiana, Formiga, Maurine, Raquel, Thaisa, Cristiane, Darlene, Debinha e Marta.

Publicidade

MAIS FALADOS

Barcelona

Inglês

HOPE SOLO
Seattle Reign FC (USA)
30-7-1981 → 1,75 M → USA

ALEX MORGAN
Portland Thorns FC (USA)
2-7-1989 → 1,70 M → USA

3882 93 0

65 COMENTE

65 COMENTÁRIOS

RECENTES POPULARES

**Leonardo Silva**

HÁ 10 MESES



Mano, a Djeni Becker do São Paulo só não ganha da Alex Morgan...procurem, Djeni Becker. linda demais

👍 2 💬 0 ·

**Adelfton Ferreira**

HÁ 10 MESES



Ta faltando a Érika aí!! Ela é muito Linda!

👍 2 💬 0 ·

**Julio Cesar**

HÁ 10 MESES



Se vc jogar o nome da holandesa no google vc percebe que ela ganha bem das outras. A Alex Morgan é bonita mas já tomou tantos esteróides que tá virando homem e a Hope Solo é mais ou menos. Bonita mesmo aí é a holandesa que é bem feminina!

👍 4 💬 0 ·

**Wesley Silva**

HÁ 10 MESES

as 2 americanas sao gatas

👍 0 💬 0 ·

**Tiago Brites**

HÁ 10 MESES

As quatro mulheres são lindas

👍 2 💬 2 •

**Jean Guia**

HÁ 10 MESES

Alexandra Morgan é a mais top!!!

👍 22 💬 6 •

**Disgrace News**

HÁ 10 MESES

Até pesquisei no google pra conferir.. com certeza é a mais top, mas essa menininha holandesa aí tbm é muito gata

👍 4 💬 0

**Jean Guia**

HÁ 10 MESES

Verdade!

👍 1 💬 0

**Junior Souza**

HÁ 10 MESES

Essa Tamires se n fosse o cabelo grande, diria q era o IRMÃO gêmeo de Adriane Galisteu.

👍 7 💬 0 •



ANEXO V – “FIFA impulsiona força-tarefa em prol do futebol feminino no Brasil” (R7 – 20/05/2015)

20/05/2015 09h06 - Atualizado em 20/05/2015 13h54

FIFA impulsiona força-tarefa em prol do futebol feminino no Brasil

Em seminário promovido pela CBF, dirigentes da entidade apontam falta de estrutura como maior problema. Técnica da seleção alemã cita exemplo do país na modalidade

Por Cíntia Barlem
Rio de Janeiro

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST

Publicidade
vivo
Fazer acontecer
#pegabem
Saiba mais

Publicidade
MAO
ECONOMICO
Mais economia, impossível:
Gol e Voyage com parcelas
de R\$ 35 até o final do ano.
Clique e saiba mais.

- A gente recebe dezenas de e-mails semanalmente. É muita menina pedindo para querer jogar, querendo uma oportunidade. Pais que ligam para nós: "Quanto tem que pagar para a minha filha jogar com vocês?".

E-mails, ligações, visitas. O relato acima vem do Kindermann, atual campeão da Copa do Brasil feminina. Mesmo com os títulos e estrutura, o clube vive a empreitada constante em busca do reconhecimento da modalidade no Brasil. A atual organização do time comporta 40 atletas. Mas a quantidade de meninas em busca de uma chance

Richard Kindermann Ferreira, vice-presidente do Kindermann. (Foto: Cíntia Barlem)

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

SELEÇÃO BRASILEIRA

Richard Kindermann Ferreira, vice-presidente do Kindermann. (Foto: Cíntia Barlem)

problema: a falta de categorias de base. Segundo ele, o desenvolvimento de novos talentos é precário.

- Já tivemos 50 atletas, mas a falta da base é gritante no Brasil. A gente tem agora o exemplo de uma seleção que tirou 25 atletas dos clubes (para a formação da seleção permanente) e baixou o nível do campeonato. Nós tivemos que contratar atletas em razão disso, mas não há atletas disponíveis. Então fizemos estrutura com jogadoras sub-20. E veio a convocação do sub-20 que também acabou levando as jogadoras - afirmou Richard Kindermann Ferreira, vice-presidente do clube, durante o seminário para o desenvolvimento do futebol feminino realizado esta semana na CBF.

Parte do legado da Copa do Mundo chega justamente com essa finalidade. Realizar o sonho de diversas meninas que não sabem a quem recorrer. O processo é lento e US\$ 15 milhões (R\$ 45 milhões) - valor destinado ao futebol feminino - é pouco para um país como o Brasil. Mas a

Publicidade
Gol e Voyage com parcelas
de R\$ 35 até o final do ano.
Clique e saiba mais.

Publicidade
Camisa Chile
Home 2014 s/nº
-DE R\$ 199,90-
POR R\$ 99,90
3X DE R\$ 33,30
loja.globoesporte.com

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Parte do legado da Copa do Mundo chega justamente com essa finalidade. Realizar o sonho de diversas meninas que não sabem a quem recorrer. O processo é lento e US\$ 15 milhões (R\$ 45 milhões) - valor destinado ao futebol feminino - é pouco para um país como o Brasil. Mas a cubana Mayi Cruz Blanco, gerente sênior de desenvolvimento do futebol feminino da FIFA, acredita ser um primeiro degrau. Ela aponta a falta de estrutura como a maior dificuldade. É preciso um planejamento e um direcionamento nos investimentos.

Publicidade



Gerente sênior da FIFA para desenvolvimento do futebol feminino, Mayi Blanco. (Foto: Cintia Barthem)

- Há uma necessidade de estrutura, mas uma estrutura que não seja somente na seleção principal. Desenvolver também a formação de atletas. Estávamos falando no seminário que nós queremos ver uma liga que seja referência no mundo. E há um grande potencial para isso. Com o fundo do legado da Copa há 15% que tem que ser investido no futebol feminino e com isso nós iremos discutir com a CBF como esse investimento pode ser feito. Mas certamente para ser como a Alemanha você tem que ter um plano de desenvolvimento de estrutura para mulheres e meninas. Quinze milhões (de dólares) não é muito para um país como o Brasil, mas se pensa nisso

Windows Taskbar: 15:21 20/05/2015

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Gerente sênior da FIFA para desenvolvimento do futebol feminino, Mayi Blanco. (Foto: Cintia Barthem)

- Há uma necessidade de estrutura, mas uma estrutura que não seja somente na seleção principal. Desenvolver também a formação de atletas. Estávamos falando no seminário que nós queremos ver uma liga que seja referência no mundo. E há um grande potencial para isso. Com o fundo do legado da Copa há 15% que tem que ser investido no futebol feminino e com isso nós iremos discutir com a CBF como esse investimento pode ser feito. Mas certamente para ser como a Alemanha você tem que ter um plano de desenvolvimento de estrutura para mulheres e meninas. Quinze milhões (de dólares) não é muito para um país como o Brasil, mas se pensa nisso como um primeiro passo - declarou.

Se o objetivo é chegar ao nível da Alemanha, o processo será longo e detalhado. A técnica da seleção nacional, Silvia Reid, explica que as associações regionais se mobilizam de forma conjunta na procura por talentos. Além disso, há a unificação até mesmo nos sistemas táticos na base. O resultado? Quando chega ao time principal, a atleta já está ambientada com o tipo de jogo da colega ao seu lado.



Windows Taskbar: 15:21 20/05/2015

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

- O segredo é: trabalho duro e boas estruturas. Nós temos na DFB (Federação Alemã de Futebol) e nas suas associações regionais um sistema muito bom de desenvolvimento de talentos. Além disso, nós trabalhamos junto com os clubes. Nós temos uma colaboração muito boa de acordo com padrões uniformes. As nossas equipes sub-15 até sub-20 jogam com o mesmo sistema tático. Isto ajuda integrar as jovens jogadoras no time principal - afirmou Sílvia Reid, técnica da seleção da Alemanha, em entrevista por e-mail ao GloboEsporte.com.

O talento brasileiro aguça a FIFA. A entidade quer que o país possua no feminino a mesma referência que possui no masculino. O foco no projeto é tão importante que organização colocou suas atenções voltadas ao Brasil. Um projeto dedicado ao nosso talento, um projeto para que outras Martas apareçam e deem espetáculo.

- Esse projeto vai ser somente para o Brasil. Vai trabalhar com a parte regional em mais níveis como primeira e segunda divisões. Assim, queremos que os times deem maior espetáculo e evoluam - disse Gregory Engelbrecht, diretor sênior para o desenvolvimento de programas nas Américas.

Publicidade

adidas CHUTEIRA

19:21 20/05/2015

ANEXO VI – “Questão cultural: Ana Paula defende apelo estético no futebol feminino” (R9 - 21/05/2015)

globoesporte.com x Questão cultural: Ana Pau x

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/questao-cultural-ana-paula-defende-apelo-estetico-no-futebol-feminino.html

21/05/2015 07h00 - Atualizado em 21/05/2015 07h00

Questão cultural: Ana Paula defende apelo estético no futebol feminino

Atualmente na Escola nacional de Árbitros, ex-auxiliar de arbitragem acredita que no Brasil esse fator é importante: "É muito particular de cada nação"

Por Cíntia Barlem
Rio de Janeiro

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST

Uma imagem feminina em meio ao futebol era algo até então não muito comum no começo dos anos 2000. Foi quando Ana Paula Oliveira apareceu em frente às câmeras em um jogo do Campeonato Paulista entre Corinthians em São Paulo. A estética foi valorizada e ela foi até mesmo eleita musa dos gramados. Mas a feminilidade é algo tão importante para a popularização da modalidade no Brasil? A agora integrante da Escola nacional de Árbitros acredita que sim. Ela coloca que as atletas precisam entender a questão cultural do país, onde esse aspecto é forte.

Publicidade

BRAHMA
O SABOR DE SER
MAIS
CLIQUE E DESCUBRA

Publicidade

MAIS ECONOMICO
Mais economia, impossível:
Gol e Voyage com parcelas
de R\$ 35 até o final do ano.
Clique e saiba mais.

Windows Taskbar: 15:55, 21/05/2015

globoesporte.com x Questão cultural: Ana Pau x

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/05/questao-cultural-ana-paula-defende-apelo-estetico-no-futebol-feminino.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Ana Paula Oliveira durante seminário da CBF. (Foto: Cíntia Barlem)

frente às câmeras em um jogo do Campeonato Paulista entre Corinthians em São Paulo. A estética foi valorizada e ela foi até mesmo eleita musa dos gramados. Mas a feminilidade é algo tão importante para a popularização da modalidade no Brasil? A agora integrante da Escola nacional de Árbitros acredita que sim. Ela coloca que as atletas precisam entender a questão cultural do país, onde esse aspecto é forte.

- O problema nosso é que a gente não tem essa amplitude de olhar, de analisar como um todo. Eu digo que é uma questão muito cultural e que no nosso caso as meninas precisam ter essa amplitude de olhar e entender que dentro da nossa cultura nós temos esse apelo estético. Talvez se preocupar por causa do nosso apelo cultural, do nosso olhar da nação brasileira. Mas se você for jogar em outro país talvez não haja esse apelo. Então isso é muito particular de cada nação, da história. Acredito que tenha muito a ver com isso. Mas de uma forma geral acredito que haja uma preocupação de conduzir a mudança de olhar. Acredito que as meninas precisam mais dessa mente aberta e entender a cultura da sua nação - afirmou Ana Paula Oliveira, que participou esta semana do seminário para o desenvolvimento do futebol feminino, na CBF.

Publicidade

MAIS ECONOMICO
Mais economia, impossível:
Gol e Voyage com parcelas
de R\$ 35 até o final do ano.
Clique e saiba mais.

Publicidade

Camisa Adidas Flamengo II 14/15
DE R\$ 199,90
POR R\$ 119,90
OU DE R\$ 30,98

loja.globoesporte.com

Windows Taskbar: 15:56, 21/05/2015

globoesporte.com x Questão cultural: Ana Paula Oliveira defende apelo estético no futebol feminino.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

O Brasil terá uma representante brasileira na arbitragem na Copa do Mundo no Canadá, que ocorre de 6 de junho a 5 de julho. Janette Arcanjo atuará como árbitra assistente. Experiente, Ana Paula Oliveira acredita que a auxiliar não encontrará dificuldade nos jogos, mas ressalta uma diferença. Como Janette também atua no futebol masculino, ela precisará ter um tratamento diferente. Com as mulheres, é preciso diminuir a intensidade e o tom, características comuns em meio ao futebol dos homens.

- Qual o grande diferencial? O trato. Você não pode tratar a mulher da mesma forma que você trata o homem. A mulher que atua no masculino tem que saber que quando ela vai para o feminino tem que ter a sutileza de atuar. Então a forma com que ela vai se expressar com a mulher não é a mesma com que vai se expressar com o homem. Com o homem, você tem que ser mais firme. Tem que ser um pouco mais durona. Até para se fazer respeitar. Falando da nossa cultura. E se você leva isso para um torneio mundial feminino você pode assustar. Você tem que saber dosar isso e ter essa linguagem para lidar com o feminino - disse ela.

Publicidade



Publicidade



Windows Taskbar: 15:56 21/05/2015

Facebook post interface showing two comments:

Ju Saboia
HÁ 10 MESES

Quem tem que "ampliar o olhar" é ela e entender que não podemos continuar com essa cultura de que a mulher precisa ser esteticamente atraente para estar em qq lugar, ainda mais no campo esportivo. A cultura deve ser mudada e não reforçada!

25 likes, 5 comments

Sáskya Gurgel
HÁ 10 MESES

Isso mesmo! A mulher tem que se vestir para agradar os homens! Afinal, isso faz parte da nossa cultura, não é? (SQN) Baboseira, cada um usa o estilo que se sentir melhor, ninguém é obrigado mudar para agradar os outros e muito menos para se "dar bem" na profissão.

9 likes, 2 comments

ANEXO VII – “Musa da TV’, Tamires comenta encarada no túnel e saudade do filho” (R17 12/06/2015)

Resultado da busca por f... x "Musa da TV", Tamires co... x São José goleia Centro C... x Paulista feminino: Ferr... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/musa-da-tv-tamires-comenta-encarada-no-tunel-e-saudade-do-filho.html

12/06/2015 11h55 - Atualizado em 12/06/2015 12h18

"Musa da TV", Tamires comenta encarada no túnel e saudade do filho

Lateral vira figura preferida da transmissão oficial da partida diante da Coreia do Sul. Atleti comenta ainda "guerra de gritos" com adversárias antes da entrada em campo

Por Cíntia Barlem
Direto de Montreal, Canadá

FACEBOOK TWITTER

Ela não anda, ela desfila... bom, ao menos para a Fifa é assim. Tamires chamou a atenção da transmissão oficial pela TV da partida da seleção brasileira na vitoriosa estreia diante da Coreia do Sul no Mundial de Futebol feminino no Canadá. A todo momento, as câmeras a focavam buscando muitas vezes um belo close. O fato deixou a lateral esquerda feliz e gerou uma "confissão": ela não deixa sua maquiagem de lado e gosta sim de um retoque final antes de entrar no gramado.

- Eu sempre gostei de antes dos jogos passar uma maquiagem. Me sinto lisonjeada e feliz pela Fifa ter

PUBLICIDADE

vivo 4G Vivo. Líder absoluta em 4G no Brasil. Assine já

TUDO SOBRE

Brasil

Gol de bicicleta faz atacante do Brasil relembrar pedaladas até há 9 horas

Caio Ribeiro, sobre Del Nero: "Está preocupado em não ser preso" há 10 horas

Windows Taskbar: 20:33 PTB2 21/07/2015

Resultado da busca por f... x "Musa da TV", Tamires co... x São José goleia Centro C... x Paulista feminino: Ferr... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/musa-da-tv-tamires-comenta-encarada-no-tunel-e-saudade-do-filho.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Ela não anda, ela desfila... bom, ao menos para a Fifa é assim. Tamires chamou a atenção da transmissão oficial pela TV da partida da seleção brasileira na vitoriosa estreia diante da Coreia do Sul no Mundial de Futebol feminino no Canadá. A todo momento, as câmeras a focavam buscando muitas vezes um belo close. O fato deixou a lateral esquerda feliz e gerou uma "confissão": ela não deixa sua maquiagem de lado e gosta sim de um retoque final antes de entrar no gramado.

- Eu sempre gostei de antes dos jogos passar uma maquiagem. Me sinto lisonjeada e feliz pela Fifa ter me filmado e ter gostado da minha beleza (risos). Agradeço muito.

Mas um rostinho bonito não serve somente para ser focado pelas câmeras. Serve para "assustar" as adversárias. Tamires conta que é comum durante o emparelhamento dos times no túnel dar aquela olhada feminina para deixar a tensão do lado rival.

Tamires virou atração da transmissão do jogo com a Coreia (Foto: Cíntia Barlem)

TUDO SOBRE

Brasil

Gol de bicicleta faz atacante do Brasil relembrar pedaladas até há 9 horas

Caio Ribeiro, sobre Del Nero: "Está preocupado em não ser preso" há 10 horas

Galvão Bueno reclama de ausência da CBF no comitê da Fifa: há 22 horas

Com bicicleta de Luciano, Brasil empata com Panamá e segue invicto há 23 horas

Windows Taskbar: 20:34 PTB2 21/07/2015

Resultado da busca por f... x "Musa da TV", Tamires co... x São José goleia Centra... x Paulista feminino: Ferrin... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/musa-da-tv-tamires-comenta-encarada-no-tunel-e-saudade-do-filho.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

- A gente olha para elas assim daquele jeito mulher. Olha de cima a baixo para fazer aquele reconhecimento. Quando começa aquela música da Fifa a gente grita e fica aquela disputa para ver quem grita mais alto para passar aquela energia positiva.

Se dentro do gramado a batalha precisa até mesmo de troca de olhares, fora dele, Tamires não esquece seu outro papel: mãe de Bernardo, cinco anos. A distância é grande, e ela tenta driblar a saudade falando com o herdeiro sempre que possível.

- É a primeira vez que eu fico tanto tempo longe dele. Mas está bem com meu marido e todo dia falo com ele. Então ver que está bem me tranquiliza para eu fazer um bom trabalho. Porque não é fácil para um filho ficar longe da mãe assim como a mãe ficar longe do filho - diz ela, que tem o suporte do marido César, também jogador de futebol.

Apesar de sempre controlada ao falar de Bernardo, ela não resistiu ao lembrar de quando ele descobriu que ela estava no álbum do Mundial feminino:

- Ele tem o álbum sim. Precisa ver que coisa mais linda quando ele achou minha figurinha.

Tamires retorna aos treinos com a seleção brasileira nesta sexta-feira. O próximo jogo é diante da Espanha, sábado, às 17h (de Brasília). O GloboEsporte.com acompanha em tempo real.

Blatter ignora ausência de Del Nero no Comitê Executivo: "Problema ontem"

Mundial Feminino 2015

PUBLICIDADE

você + 5 amigos curtindo o festival na maior mordomia

Participe agora

SHOPPING

Windows 7 taskbar icons: Internet Explorer, Google Chrome, Firefox, etc.

System tray: POR 20:34 PTB2 21/07/2015

Resultado da busca por f... x "Musa da TV", Tamires co... x São José goleia Centra... x Paulista feminino: Ferrin... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/musa-da-tv-tamires-comenta-encarada-no-tunel-e-saudade-do-filho.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR



Simulador de Caminhada
A PARTIR DE R\$188,91

Busque por produtos buscar

PUBLICIDADE

Leve tudo 15% OFF

A partir de R\$59,42

COMPRE AGORA

Windows 7 taskbar icons: Internet Explorer, Google Chrome, Firefox, etc.

System tray: POR 20:35 PTB2 21/07/2015

Resultado da busca por f... x "Musa da TV", Tamires co... x São José goleia Centro O... x Paulista feminino: Ferrin... x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/musa-da-tv-tamires-comenta-encarada-no-tunel-e-saudade-do-filho.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

R\$59,42 COMPRA AGORA

Tamires ficou lisonjeada com "toco" no jogo (Foto: Cintia Barlem)

Windows Taskbar: 20:35 21/07/2015



Renan Dias

HÁ 9 MESES

Nossa que exagero a mina n é tudo isso tmb. Perdi meu tempo entrando na matéria

👍 78 💬 145 · [f](#) [t](#) [g+](#)



Erasmorodrigues

HÁ 9 MESES

Gaaaaaaaaaaaay

👍 9 💬 5



Paulo Horta

HÁ 9 MESES

e marcos andreto, nao gostou ? vc gosta de quem do kaka??? sei nao...kkkkkkk

👍 12 💬 0 · [f](#) [t](#) [g+](#)



Fábio Nascimento

HÁ 9 MESES

É só pra quem gosta de mulher amigo. Fica quieto na sua ou sai logo do armário.

👍 43 💬 0 · [f](#) [t](#) [g+](#)

**Alan Gomes**

HÁ 9 MESES

A maioria das seleções as jogadoras tem porte de homen que isso....

👍 0 💬 7 ·

**Thiago Abreu**

HÁ 9 MESES

até a formiga eu pego ... imagina ela ...gataa

👍 121 💬 9 ·



VER MAIS 3 COMENTÁRIOS

**Marcelo**

HÁ 9 MESES

Quem gosta de formiga é tamanduá.

👍 4 💬 0

**Mario Araujo**

HÁ 9 MESES

Eita bicho bruto! Esse não usa o boticário não kkk. Esse gosta mesmo do negócio. Eh nós.

👍 2 💬 0

ANEXO VIII – “Quinze gols em Copas, cinco vezes melhor do mundo: prazer, Marta” (R18 12/06/2015)

Resultado da busca por f... x Quinze gols em Copas, ci... x "Último ato" de Blatter: M... x Vice-presidente da FFM... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/quinze-gols-em-copas-cinco-vezes-melhor-do-mundo-prazer-marta.html

12/06/2015 07h00 - Atualizado em 12/06/2015 07h18

Quinze gols em Copas, cinco vezes melhor do mundo: prazer, Marta

Em entrevista exclusiva ao GloboEsporte.com, camisa 10 da seleção comenta recorde atingido e possibilidade de passar Klöse como maior artilheira em Mundiais

Por Cintia Barlem
Direto de Montreal, Canadá

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST

PUBLICIDADE

vivo 4G>>>
Vivo. Líder absoluta em 4G no Brasil.
Assine já

TUDO SOBRE

Brasil

Gol de bicicleta faz atacante do Brasil lembrar pedaladas até há 9 horas

Calo Ribeiro, sobre Del Nero: "Está preocupado em não ser preso" há 10 horas

globo

Windows Taskbar: 20:51 PTB2 21/07/2015

Resultado da busca por f... x Quinze gols em Copas, ci... x "Último ato" de Blatter: M... x Vice-presidente da FFM... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/quinze-gols-em-copas-cinco-vezes-melhor-do-mundo-prazer-marta.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Um recorde: 15 gols em Copa do Mundo. Não estamos falando de Ronaldo, não. Estamos falando de uma jogadora já eleita cinco vezes melhor do mundo. **Marta**, a camisa 10 da seleção brasileira. Na última terça-feira, em cobrança de pênalti na vitória por 2 a 0 diante da Coreia do Sul, ela chegou à marca em sua carreira. Igualou o número do Fenômeno em Mundiais e pode ainda bater Klöse até o final da competição - o atacante alemão soma 16 gols. História é o sobrenome dela.

Marta comenta os 15 gols em Copas (Foto: Cintia Barlem)

- É sempre uma alegria muito grande poder estar fazendo história. A gente sabe que não é fácil chegar a uma marca dessas até porque a gente tem concorrentes de alto nível. Então eu prefiro não me focar muito nisso até porque a gente tem outras partidas e a gente vai estar sempre buscando meu progresso com a equipe toda para que a gente possa buscar os objetivos. Faltia um pouquinho, mas foi legal ter feito gol, foi legal ter ganho a primeira partida. No final de tudo, eu espero que a gente possa comemorar muito mais com esse time - disse Marta, em entrevista exclusiva ao GloboEsporte.com.

O espírito de capitã do time já foi assimilado. Na

há 22 horas

Com bicicleta de Luciano, Brasil empata com Panamá e segue invicto ontem

Blatter ignora ausência de Del Nero no Comitê Executivo: "Problema" ontem

Mundial Feminino 2015 +

Marta +

PUBLICIDADE

LEONARDO.com.br Timberland Trail Dust 2 28% OFF FRETE GRÁTIS

Windows Taskbar: 20:52 PTB2 21/07/2015

Resultado da busca por f... x Quinze gols em Copas, ci... x "Último ato" de Blatten: M... x Vice-presidente da FFMS... x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/quinze-gols-em-copas-cinco-vezes-melhor-do-mundo-prazer-marta.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Bariem)

O espírito de capitã do time já foi assimilado. Na estreia, Vadão precisava de uma jogadora que atuasse com velocidade pelas pontas. Marta logo se ofereceu mesmo sabendo que teria dificuldade no local pelo pouco tempo de treinamento. Aceitou o desafio, foi marcada quase sempre por três adversárias, mas não desistiu. O objetivo sim é dar exemplo ao grupo, cheio de atletas mais jovens e que se espelham em figuras como ela.

- O professor (Vadão) optou por jogar nessa formação e nós atletas temos que estar disponíveis para qualquer situação. Então, estou tentando me adaptar o mais rápido possível, tentando fazer com que eu possa estar sempre em busca do melhor para equipe como capitão e como uma das mais experientes do grupo. A gente busca sempre passar tranquilidade para as mais novas. Estar sempre mostrando que todas são importantes, que todas fazem parte do mesmo sonho e que tem que dividir a responsabilidade juntas. Essa é uma das coisas que tento constantemente. A gente vive em uma democracia então todas têm direito de colocar os seus pensamentos, falar, enfim. Não é por ser a mais velha ou a mais experiente - no caso eu, Formiga e Cristiane - que a gente tem a voz maior no grupo. A gente sabe que influencia muito as meninas mais novas, mas que essa influência seja para o bem da equipe e para o crescimento das atletas - declarou.

Todo o esforço tem um objetivo maior. Mesmo sendo multicampeã individualmente, Marta quer levar o nome do Brasil adiante. Ela acredita que a oportunidade está batendo à porta. O Mundial é seu sonho.

de: R\$ 319,90 por: R\$ 229,90 11x R\$ 20,90 COMPRE AGORA

SHOPPING Simulador de Caminhada A PARTIR DE R\$188,91

Busque por produtos buscar

Windows Taskbar: 20:52 21/07/2015

Resultado da busca por f... x Quinze gols em Copas, ci... x "Último ato" de Blatten: M... x Vice-presidente da FFMS... x Tatyane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/quinze-gols-em-copas-cinco-vezes-melhor-do-mundo-prazer-marta.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

- Meu sonho é conquistar uma Copa do Mundo com a seleção feminina e dar seguimento com as meninas e assegurar a medalha de ouro nas Olimpíadas.

SHIM Seoyeon 4

PUBLICIDADE

Multibarra Oxer - Ajuste com Dupla De R\$ 69,99 Por R\$ 62,99 Em até 2x R\$ 31,59 Aproveite!

CENTAURO.com.br

Windows Taskbar: 20:52 21/07/2015

Resultado da busca por f... x Quinze gols em Copas, ci... x "Ultimo ato" de Blatten: M... x Vice-presidente da FFMS... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/quinze-gols-em-copas-cinco-vezes-melhor-do-mundo-prazer-marta.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Confira o restante da entrevista:

O que esperar do Brasil na Copa do Mundo:

- Como eu sempre falo. É uma oportunidade para tentarmos fazer diferente, escrever a história de uma forma diferente. Eu estou muito contente de poder ter essa oportunidade de escrever mais um capítulo no futebol feminino, na minha carreira. Os nossos objetivos são muito grandes nessa competição. Espero que a gente possa ir até o final e quem sabe dessa vez possa terminar com um final feliz.

Ser tietada por fãs até mesmo americanos:

- É uma honra muito grande. Eu acredito que não é por acaso. A gente já tem uma história dentro do futebol feminino. Como eu sempre falo: a gente sempre procura fazer o nosso melhor dentro de campo, mas também fora temos que dar bons exemplos. Eu acredito que isso seja fruto de um trabalho que a gente já vem fazendo há muito anos. Eu fico contente em poder perceber isso das pessoas. E óbvio que é uma motivação maior para que a gente possa entrar em campo e desempenhar nosso melhor.

Recado para a torcida brasileira:

- Eu quero pedir que continuem apoiando, continuem ligados na copa do mundo de futebol

Windows Taskbar: 20:53 PTB2 21/07/2015

Resultado da busca por f... x Quinze gols em Copas, ci... x "Ultimo ato" de Blatten: M... x Vice-presidente da FFMS... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/quinze-gols-em-copas-cinco-vezes-melhor-do-mundo-prazer-marta.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

Recado para a torcida brasileira:

- Eu quero pedir que continuem apoiando, continuem ligados na copa do mundo de futebol feminino. Sábado tem mais um jogo, mais uma batalha. A torcida de vocês e o apoio de vocês é muito importante para que a gente possa sentir essa energia positiva e dar seguimento ao nosso sonho e objetivo maior que é sermos campeãs.

PUBLICIDADE

CENTAUR0.com.br

Bota Nord Outdoor Citrino

63% OFF FRETE GRÁTIS*

de: R\$ 229,99
por: R\$ 84,90
3x R\$ 28,30

nord

COMPRE AGORA

COMPRE NO SITE TROQUE NA LOJA

Windows Taskbar: 20:53 PTB2 21/07/2015

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

48 COMENTÁRIOS RECENTES POPULARES

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os [termos de uso](#), denuncie. Leia as [perguntas mais frequentes](#) para saber o que é impróprio ou ilegal.

Este conteúdo não recebe mais comentários.

Igor Silva
Desculpa tv globinho, mas a BAND sempre apoiou o futebol feminino ..., agora vcs nao fizeram nada, cade vc galvaooooo apolia elas ai.
63 👍 5 🗨️

Andre Abrantes
Marta você joga muito, tenho certeza que fará ainda muitos gols, você enche nosso povo de orgulho, se meu time pudesse te contratar seria ótimo você tem muito mais técnica que todos os marmenjos que jogam atualmente na serie A do Brasileiro. Além de linda e gata é a Craque, a deusa do futebol feminino que Deus te abençoe.
58 👍 6 🗨️ - 4 RESPOSTAS

Nicolas Oliveira

Windows 20:54 21/07/2015



João Martins

HÁ 9 MESES

Marta não pode competir com homens.

43 👍 15 🗨️ • [f](#) [t](#) [g+](#)



José Esteves

HÁ 9 MESES

Que palhaçada; O futebol feminino nunca foi unanimidade. E aonde já se viu; querer bater o recorde de um jogador do sexo masculino? Por acaso Marta jogou alguma vez no time masculino? Uma imbecilidade querer comparar recorde; com o recorde de um jogador, com a qual ela nunca jogou. contra. Ta rolando mundial feminino e a globo não está nem aí para transmissão; por isso pega essas matérias sem qualquer sentido e joga na rede....

4 👍 9 🗨️ • [f](#) [t](#) [g+](#)



Victor Bdb

HÁ 9 MESES

Competições masculinas e femininas, "nadavê" a comparação. A Marta entre as mulheres com certeza é mostra, mas comparar com gols de um homem em copas do mundo não tem absolutamente nenhuma coerência.

29 👍 1 🗨️ • [f](#) [t](#) [g+](#)

ANEXO IX - A vez delas? Mulheres são cotadas para Fifa, e personalidades opinam (R19 – 15/06/2015)

A vez delas? Mulheres são cotadas para a Fifa, e personalidades opinam

Marta, cinco vezes melhor do mundo, acredita que avaliação não deve estar ligada ao gênero. Isha Johansen e Lydia Nsekera são os nomes ventilados para cargo de Blatter

Por Cíntia Barlem
Direto de Montreal, Canadá

Tão logo Joseph Blatter anunciou que deixaria o cargo para a realização de novas eleições para a presidência da Fifa, alguns nomes começaram a ser especulados como possíveis candidatos. Na lista de cotados, apareceram duas mulheres: Isha Johansen, presidente da Federação de futebol de Serra Leoa, e Lydia Nsekera, que integra o comitê executivo da entidade e já esteve à frente da Federação de futebol do Burundi. Mas será que o momento é o propício para que uma mulher tome conta da organização que comanda o futebol mundial? Marta, cinco vezes melhor do mundo e capitã da seleção brasileira feminina, acredita que não é correto pensar que colocando alguém do

Momento Futebol
Aproveite ofertas com até 40% de desconto
Clique aqui

Momento Futebol
Aproveite ofertas com até 40% de desconto
Clique aqui

Tão logo Joseph Blatter anunciou que deixaria o cargo para a realização de novas eleições para a presidência da Fifa, alguns nomes começaram a ser especulados como possíveis candidatos. Na lista de cotados, apareceram duas mulheres: Isha Johansen, presidente da Federação de futebol de Serra Leoa, e Lydia Nsekera, que integra o comitê executivo da entidade e já esteve à frente da Federação de futebol do Burundi. Mas será que o momento é o propício para que uma mulher tome conta da organização que comanda o futebol mundial? Marta, cinco vezes melhor do mundo e capitã da seleção brasileira feminina, acredita que não é correto pensar que colocando alguém do sexo oposto os problemas serão extintos e tudo voltará aos trilhos. Para ela, independentemente do gênero, há que se ter alguém íntegro no poder.

Isha Johansen, especulada à presidência da Fifa (Foto: Reprodução / Twitter)

- Eu acredito que o momento não é de imaginar que uma mulher vá entrar e tentar fazer melhor que um homem. Independentemente do sexo, de ser homem ou mulher, acredito que a pessoa que entrar para ser um presidente de uma entidade que movimenta o maior esporte mundialmente, tem que ser uma pessoa íntegra, uma pessoa que

Toda a emoção do estádio em sua casa!
magazineleuza.com

SHOPPING
Oregon Scientific
A PARTIR DE 5 x R\$27,98

globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2015/06/vez-delas-mulheres-sao-cotadas-para-fifa-e-personalidades-opinam.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FUTEBOL INTERNACIONAL BUSCAR

- Eu acredito que o momento não é de imaginar que uma mulher vá entrar e tentar fazer melhor que um homem. Independentemente do sexo, de ser homem ou mulher, acredito que a pessoa que entrar para ser um presidente de uma entidade que movimenta o maior esporte mundialmente, tem que ser uma pessoa íntegra, uma pessoa que tenha dignidade de fazer com que a modalidade cresça realmente e dê continuidade a um trabalho produtivo e que enfim no final de tudo quem tem a ganhar é a modalidade. Essa é a torcida. Independentemente de ser homem ou mulher, eu acredito que tenha que ser uma pessoa que tenha capacidade e integridade de comandar a entidade tão importante no esporte - afirmou Marta.

Nair Ackermann, presidente do conselho feminino da Associação Uruguaia de futebol, citou outras duas mulheres que fazem parte do comitê executivo da Fifa - Moya Dodd e Sonia Ben Amie - e lembrou que a organização está sim dando maior valor à participação feminina. O exemplo é o fortalecimento do futebol da modalidade. Ela comenta que também está sendo organizado o primeiro Mundial de Clubes feminino. Experiência não seria o problema para o cargo.

 - Estão dando passos muito importantes à integração das mulheres no no Executivo da Fifa. Hoje são três: Lydia Nsekera, Moya Dodd e Sonia Ben Amie. E viu-se um avanço muito interessante em todo o futebol como a criação dos 10 princípios

Penalty Matis Society
A PARTIR DE
2 X R\$35,20

Busque por produtos buscar

PUBLICIDADE

sete vidas
15 DIAS GRÁTIS
EXPERIMENTE

Windows Taskbar: 09:51 15/06/2015

globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2015/06/vez-delas-mulheres-sao-cotadas-para-fifa-e-personalidades-opinam.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FUTEBOL INTERNACIONAL BUSCAR

 - Estão dando passos muito importantes à integração das mulheres no no Executivo da Fifa. Hoje são três: Lydia Nsekera, Moya Dodd e Sonia Ben Amie. E viu-se um avanço muito interessante em todo o futebol como a criação dos 10 princípios do futebol feminino. Também as comissões permanentes integradas por mulheres para os Mundiais sub-17 e sub-20 e principal. Trabalha-se para conseguir maior desenvolvimento do futebol feminino e ações que o fortaleçam. Hoje se está trabalhando para o primeiro Mundial de Clubes feminino e isso daria uma parcela de igualdade no futebol como um todo. Estes passos não são acompanhados nas Confederações, pois observamos a Conmebol e sinto que se pode construir algo mais com mulheres e homens muito valiosos que estão na América.

Lydia Nsekera também teve nome especulado para presidência da Fifa (Foto: Getty Images)

que viverão uma paixão quase proibida.

Marco Aurélio Cunha, hoje diretor de futebol feminino da CBF, coloca que não é o momento de uma mulher assumir a presidência. Para ele, elas precisam de um pouco mais de vivência no esporte. O dirigente acredita uma divisão de comando dentro da Fifa entre futebol feminino e masculino poderia ajudar.

Windows Taskbar: 09:51 15/06/2015

globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2015/06/vez-delas-mulheres-sao-cotadas-para-fifa-e-personalidades-opinam.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FUTEBOL INTERNACIONAL BUSCAR

- Eu acho que toda mudança deve ser muito bem analisada. Mudanças por procedimentos éticos e mudanças radicais demais, são difíceis. Eu acho que ainda não chegou a hora de ter uma presidente mulher na Fifa. Nós estamos saindo de uma transição de presidentes longevos, que ficaram muito tempo, mas realmente é necessário dar o cargo a quem seja muito experiente em futebol. Eu ainda não acho que as mulheres para uma liga internacional do tamanho da Fifa acho precipitado. Gostaria que houvesse talvez divisão entre o futebol feminino e masculino e uma presidente feminina do futebol feminino. Não no global. No global é um erro absurdo.

Marco Aurélio ressaltou ainda que o momento não é para experimentos ou simplesmente pelo modismo de ter uma mulher no cargo.

- A Fifa é uma entidade maior que a ONU. As mulheres seguramente não viveram o futebol ao longo desses anos todos embora possam conhecer, gostar e entender. Mas a vivência administrativa do futebol, esse processo todo, passou por muito pouca gente. É preciso passar por mais pessoas que tenham vivido o futebol e aí sim é o masculino porque o feminino não existia. É uma questão de não fazer experimentos e não ser modismo. Ser uma coisa realmente por competência, alguém que tenha anos a fio no futebol, que conheça as competições. Tenha vivido isso ou como atleta ou como um gestor muito perto dos atletas. Mas não fazer isso por uma coisa bonita, elegante e que é diferente. Tudo que é diferente dá mal resultado. As coisas têm que ser planejadas. Eu gostaria sim que o presidente da Fifa pegasse e separasse o futebol feminino não da entidade, mas a um seguimento e desse a uma mulher para fazer a gestão do futebol feminino com a sua sensibilidade e com o conhecimento do futebol feminino. Agora

Windows Taskbar: 09:51 15/06/2015

globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2015/06/vez-delas-mulheres-sao-cotadas-para-fifa-e-personalidades-opinam.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FUTEBOL INTERNACIONAL BUSCAR

administrativa do futebol, esse processo todo, passou por muito pouca gente. É preciso passar por mais pessoas que tenham vivido o futebol e aí sim é o masculino porque o feminino não existia. É uma questão de não fazer experimentos e não ser modismo. Ser uma coisa realmente por competência, alguém que tenha anos a fio no futebol, que conheça as competições. Tenha vivido isso ou como atleta ou como um gestor muito perto dos atletas. Mas não fazer isso por uma coisa bonita, elegante e que é diferente. Tudo que é diferente dá mal resultado. As coisas têm que ser planejadas. Eu gostaria sim que o presidente da Fifa pegasse e separasse o futebol feminino não da entidade, mas a um seguimento e desse a uma mulher para fazer a gestão do futebol feminino com a sua sensibilidade e com o conhecimento do futebol feminino. Agora abraçar o masculino seria uma loucura.

 Blatter anunciou a saída do cargo para a realização de um novo pleito depois de ser reeleito no dia 29 de maio. A decisão foi tomada em razão das diversas denúncias envolvendo o nome da Fifa e alguns dos seus dirigentes. Algumas das acusações terminaram em prisões feitas em 27 de maio, em Zurique, feitas pelas autoridades suíças e também pelo FBI. Concorrente na última disputa contra Blatter, o príncipe da Jordânia, Ali bin al-Hussein, já confirmou que concorrerá novamente - caso haja mesmo nova eleição.

Blatter anunciou ue convocará novas eleições (Foto: Reuters)

Windows Taskbar: 09:51 15/06/2015

globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2015/06/vez-delas-mulheres-sao-cotadas-para-fifa-e-personalidades-opinam.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

MENU ge FUTEBOL INTERNACIONAL BUSCAR

Confira o perfil das mulheres cotadas ao cargo de presidente da Fifa:

Isha Johansen - presidente da Federação de futebol de Serra Leoa. Juntou-se à Fifa em 2013 e teve papel importante em seu país na luta contra o Ebola. Em declaração ao canal CNN, quando perguntada se ela gostaria de ser presidente da Fifa, ela respondeu: "Por que não?".

Lydia Nsekera - Também em 2013, Lydia tornou-se a primeira mulher eleita para o comitê executivo da Fifa. Ela tem sido membro do Comitê Olímpico Internacional desde 2009. Entre 2004 e 2013, foi presidente da Federação de Futebol do Burundi.

FACEBOOK TWITTER GOOGLE+ PINTEREST Link: http://glo.bo/1G772o8?utm_source=f

7 COMENTÁRIOS RECENTES POPULARES

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os **termos de uso**, denuncie. Leia as **perguntas mais frequentes** para saber o que é impróprio ou ilegal.

Windows taskbar: 09:52 15/06/2015

ANEXO X – “Futebol feminino, terra de técnicos? Homens dominam cargos no Mundial” (R21 – 17/06/2015)

Resultado da busca por f... x Futebol feminino, terra de... x São Paulo empata com S... x Gabi Zanotti pede apoio... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/mundial-feminino/noticia/2015/06/futebol-feminino-terra-de-tecnicos-homens-dominam-cargos-no-mundial.html

17/06/2015 12h00 - Atualizado em 17/06/2015 12h13

Futebol feminino, terra de técnicos? Homens dominam cargos no Mundial

Entre as 24 equipes, apenas sete têm mulheres à frente dos times. Amelia Valverde, da Costa Rica, e Vanessa Arauz, do Equador, são as mais novas

Por Cíntia Bariem
Direto de Moncton, Canadá

FACEBOOK TWITTER

PUBLICIDADE

você + 5 amigos curtindo o festival na maior mordomia

Participe agora

TUDO SOBRE

Mundial Feminino 2015

BLOG: Revista americana faz 25 capas para comemorar tri do Mundial
em 13/07/2015

Confira a relação das partidas com transmissão de TV no fim de semana
em 03/07/2015

17/06/2015 12h00 - Atualizado em 17/06/2015 12h13

Resultado da busca por f... x Futebol feminino, terra de... x São Paulo empata com S... x Gabi Zanotti pede apoio... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/mundial-feminino/noticia/2015/06/futebol-feminino-terra-de-tecnicos-homens-dominam-cargos-no-mundial.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

MENU ge MUNDIAL FEMININO BUSCAR

realidade levando suas equipes adiante na disputa. Duas delas, estão entre as favoritas ao título - Estados Unidos com Jill Ellis e Alemanha com Silvia Neid. Mas há estreadas que também apostam no comando feminino. É o caso da Costa Rica. E um caso ainda mais especial. Amelia Valverde tem somente 28 anos. Assumiu o cargo em janeiro deste ano.

- Desde o momento que fui uma opção para assumir o grupo foi uma honra para mim, representar o meu país e ter essa oportunidade diante dos cinco anos que tenho de trabalho na Federação. É um privilégio e me considero uma pessoa vencedora por isso. Na verdade, o fato é que sete mulheres estão aqui. Estar à frente dessas seleções é um grande passo. Assim se abrem os caminhos e que sigam se abrindo. O mais importante aqui é o esporte feminino crescer independentemente do comando que tenha. Que as mulheres sigam mais e mais entrando no futebol e não somente na área técnica. Também na área administrativa, na área de assistente, preparação física, no jornalismo, entre outros espaços do esporte. É uma porta. Em meu país, têm sido dias muito bons para o esporte feminino. E repito: sou uma pessoa orgulhosa do cargo e gosto de levar minha bandeira no peito - afirmou Amelia.

BLOG: Revista americana faz 25 capas para comemorar tri do Mundial
em 13/07/2015

Confira a relação das partidas com transmissão de TV no fim de semana
em 03/07/2015

Ingressos se esgotam em um dia para amistoso da seleção feminina dos EUA
em 03/07/2015

Com pênaltis polêmicos e gol contra, Japão bate Inglaterra e volta à
em 01/07/2015

Veja a lista de partidas que terão transmissão de TV no meio de semana
em 29/06/2015

17/06/2015 12h00 - Atualizado em 17/06/2015 12h13

Resultado da busca por f... x Futebol feminino, terra de... x São Paulo empata com Si... x Gabi Zanotti pede apoio... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/mundial-feminino/noticia/2015/06/futebol-feminino-terra-de-tecnicos-homens-dominam-cargos-no-mundial.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge MUNDIAL FEMININO BUSCAR

Se duas das favoritas têm mulheres à frente, o Japão conta com a experiência de Norio Sasaki. O treinador levou o time asiático à conquista da Copa do Mundo de 2011. Mas o currículo não para por aí. Desde 2007 no cargo, ele ainda assegurou a medalha de prata nos Jogos Olímpicos de Londres em 2012. Para o técnico do Brasil, Vadão, está aí o ponto para que os homens sigam à frente das equipes femininas: qualificação na função. Ele apoia a causa, mas ressalta que sem formação é impossível se obter sucesso. Garante que o exemplo de Amélia é importante para estimular o surgimento dessas novas profissionais.

- Nós estamos acostumados que os homens são maioria entre os treinadores principalmente no Brasil. Nós temos pouquíssimas mulheres trabalhando. No campeonato lá que eu me lembre eu que tem a Emily, que esteve com a gente na seleção, a Francana tinha também. Mas é muito pouco. Você uma treinadora da Costa Rica tão jovem. Porque Alemanha, Estados Unidos, o pessoal já tem uma tradição maior. Mas eu achei muito bom, muito bonito. Espero que ela seja exemplo para outras mulheres no próprio Brasil para que a gente possa atender todos esses pedidos que no Brasil as mulheres precisam trabalhar no futebol feminino. Mas antes de mais nada nós precisamos ter mulheres qualificadas para isso. Eu acredito que uma treinadora jovem como ela pode motivar e trazer outras ex-atletas que fatalmente poderão servir clubes e seleção brasileira - disse Vadão, ainda referindo-se a Amélia Valverde, técnica da Costa Rica.

Gasolina Original Aditivada Ipiranga
O combustível COMPLETO como o posto IPIRANGA.
Clique e saiba mais
Ipiranga

SHOPPING
Camisa Internacional
A PARTIR DE 5 x R\$29,98

Windows 8.1 | 20:19 | 21/07/2015

Resultado da busca por f... x Futebol feminino, terra de... x São Paulo empata com Si... x Gabi Zanotti pede apoio... x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/mundial-feminino/noticia/2015/06/futebol-feminino-terra-de-tecnicos-homens-dominam-cargos-no-mundial.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge MUNDIAL FEMININO BUSCAR



Silvia Neid, técnica da Alemanha (Foto: CHRISTOF STACHE / AFP)

No quesito juventude, quem vence é Vanessa Arauz, treinadora do Equador. Aos 26 anos, ela comanda o time em sua primeira Copa do Mundo. Formada no Instituto Tecnológico do Futebol, ela assumiu o cargo em 10 de março de 2014 e levou o grupo ao terceiro lugar na última Copa América. A Suécia não fica atrás no "poder feminino". Levou para seu time a campeã Pia Sundhage, que conquistou nada menos do que duas medalhas de ouro olímpicas com os Estados Unidos em 2008 e 2012.

Busque por produtos buscar

Leve tudo
CENTRARO.com.br
15% OFF
A partir de R\$59,42
COMPRA AGORA

Windows 8.1 | 20:19 | 21/07/2015

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

MENU ge MUNDIAL FEMININO BUSCAR

A Suíça é mais uma europeia a valorizar uma mulher no comando. Martina Voss-Tecklenburg assumiu em 2012, tendo assegurado a UEFA Cup para mulheres em 2009. A Costa do Marfim não fica atrás. Clémentine Touré, 38 anos, começou na função em 2010.

PUBLICIDADE

CENTAUR0.com.br Bota Nord Outdoor Topázio

64% OFF FRETE GRÁTIS*

de: R\$ 279,99
por: R\$ 99,99
4x R\$25,00

COMPRE AGORA

COMPRE NO SITE TROQUE NA LOJA

FACEBOOK TWITTER GOOGLE+ PINTEREST Link

Windows Taskbar: 20:19 21/07/2015

ANEXO XI - “Marta defende projeto, alerta críticos e diz: “Na hora de ajudar ninguém ajuda”” (R25 – 22/06/2015)

globoesporte.com x Marta defende projeto, alerta críticos e diz: “Na hora de ajudar ninguém ajuda”

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/marta-defende-projeto-alerta-criticos-e-diz-na-hora-de-ajudar-ninguem-ajuda.html

22/06/2015 07h00 - Atualizado em 22/06/2015 07h00

Marta defende projeto, alerta críticos e diz: “Na hora de ajudar ninguém ajuda”

Camisa 10 da seleção brasileira comenta que eliminação nas oitavas da Copa do Mundo não pode fazer com que trabalho volte à estaca zero no futebol feminino

Por Cíntia Barlem
Direto de Moncton, Canadá

FACEBOOK TWITTER



Olhos marejados. Foi assim que **Marta** concedeu entrevista ao GloboEsporte.com logo depois da eliminação do Brasil da Copa do Mundo feminina ainda no estádio de Moncton. Mesmo com a voz embargada e interrupções para tomar fôlego e não chorar, ela foi enfática ao projetar o futuro da seleção feminina permanente.

- O que a gente espera é que essa derrota não abale o que a gente vem trabalhando porque foi o que sempre aconteceu todas as vezes. Chegar em um Mundial, não conquistar o título e o trabalho voltar à estaca zero. A gente espera que isso não

PUBLICIDADE

VOCÊ ESTÁ PREPARADO PARA AS OPORTUNIDADES?

LISTERINE COOL MINT

Assista a história completa.

CLIQUE AQUI

TUDO SOBRE

Brasil

Luciana assume responsabilidade por gol: “Foi triste de ver aquela”
há 5 minutos

BLOG: Acomodação verde e amarela
há 25 minutos

Windows Taskbar: 11:38 22/06/2015

globoesporte.com x Marta defende projeto, alerta críticos e diz: “Na hora de ajudar ninguém ajuda”

globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2015/06/marta-defende-projeto-alerta-criticos-e-diz-na-hora-de-ajudar-ninguem-ajuda.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos

ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR



Marta diz que não se pode voltar à estaca zero (Foto: Getty Images)

eliminação do Brasil da Copa do Mundo feminina ainda no estádio de Moncton. Mesmo com a voz embargada e interrupções para tomar fôlego e não chorar, ela foi enfática ao projetar o futuro da seleção feminina permanente.

- O que a gente espera é que essa derrota não abale o que a gente vem trabalhando porque foi o que sempre aconteceu todas as vezes. Chegar em um Mundial, não conquistar o título e o trabalho voltar à estaca zero. A gente espera que isso não aconteça, porque nada na vida acontece por acaso. Necessita de um trabalho, de um processo para que as coisas possam acontecer. Temos exemplos aí de outras seleções que vêm trabalhando há muitos anos para chegar em uma competição como essa e chegar para conquistar, brigar por títulos.

Mas nossa mania de brasileiro é de formar a seleção e falar assim: “Dois, três meses para se formar, chegar e ganhar o título”. Não existe aceitação em uma derrota ou desclassificação. E isso não é uma coisa normal hoje no dia a dia no mundo do futebol. Existe um trabalho de construção e de continuidade. Não falo por mim, pela Formiga ou pela própria Cris. Eu falo pelas outras meninas (Marta se emociona neste momento).

Brasil

Luciana assume responsabilidade por gol: “Foi triste de ver aquela”
há 5 minutos

BLOG: Acomodação verde e amarela
há 25 minutos

Thiago Silva é único brasileiro em seleção da 1ª fase da Copa América
há 39 minutos

“Um dos grandes exemplos do futebol brasileiro”, diz Vado
há 1 hora

Zúñiga minimiza desentendimento com Neymar: “Fica no campo”
há 1 hora

Windows Taskbar: 11:39 22/06/2015

globoesporte.com x Marta defende projeto, alerta críticos e diz na hora de ajudar ninguém ajuda.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc vídeos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

A camisa 10 da seleção colocou que se o mesmo projeto tivesse sido feito na safra de grandes atletas em 2004, o Brasil poderia estar bem mais evoluído atualmente. Para marta, não há mistério. As equipes colhem resultados se o trabalho é contínuo. Ela ressalta que é preciso investimento para isso.

- Se a gente tivesse aproveitado alguns momentos que tivemos de extrema competitividade começando em 2004 e depois seguimos com a seleção muito forte talvez tivéssemos hoje uma seleção muito mais preparada. Não quer dizer que não estávamos preparadas. Até porque no meu ponto de vista fomos muito superiores a elas no jogo. Mas é aquela história. Você trabalha, você tem resultado. Se você investe naquilo, tem resultado. Se não investe acaba sendo merecedor do trabalho de outras equipes que vêm trabalhando há muito tempo - afirmou.

SAIBA MAIS

Marco Aurélio Cunha garante continuidade da seleção permanente

Técnico da Austrália, sobre festa após classificação: "Não somos brasileiros"

Marta não estará nos Jogos Pan-Americanos, a partir do dia 10 de julho, no Canadá. Por não ser data Fifa, a jogadora precisa se apresentar ao seu clube, o Rosengard, da Suécia. Mas na mente ela ainda mantém um sonho: o ouro olímpico, em 2016. A capitã ressalta esse objetivo principalmente para dar apoio às companheiras com um grande triunfo. Como ela mesma ressalta, " tudo incerto no futebol feminino".

Mundial Feminino 2015 +

Marta +

PUBLICIDADE

Momento Futebol

Aproveite ofertas com até 40% de desconto

Clique aqui

PUBLICIDADE

SHOPPING

Windows Taskbar: 11:39 22/06/2015

globoesporte.com x Marta defende projeto, alerta críticos e diz na hora de ajudar ninguém ajuda.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc vídeos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge SELEÇÃO BRASILEIRA BUSCAR

- O ouro é meu objetivo de outras atletas. De todos na verdade, mas principalmente da gente que não sabe se daqui alguns anos vai estar jogando ou vai estar em atividade. É tudo incerto no futebol feminino. A gente trabalha hoje para ver se consegue colher alguma coisa amanhã, mas não tem certeza da realidade do futuro. Então é continuar o trabalho. O orgulho é muito grande por parte de todos nós aqui, pois a gente sabe o que a gente passa. Sabemos o quanto é difícil jogar esse esporte.

Marta sabe que a derrota certamente abrirá caminho para as críticas dos que nunca ajudaram no desenvolvimento do futebol feminino. Mas ela ressalta que o momento é de estar perto dos amigos e familiares para superar a eliminação.

Agora, sem dúvida nenhuma, vão aparecer muitas pessoas querendo criticar. Mas na hora de ajudar ninguém ajuda. É tentar não se envolver tanto, pois quem critica são exatamente aqueles que não apoiam. Tentar pegar as energias positivas e conversar com as pessoas que estão sempre nos apoiando. Família, nossos amigos, as pessoas que gostam da modalidade e que estão incluídos nesse processo todo para que a gente possa crescer futuramente. A vida continua e o futebol não te dá tempo para ficar lamentando muito.

SHOPPING

Kronik Cruiser Chrome Street

A PARTIR DE 12 x R\$35,93

Busque por produtos buscar

PUBLICIDADE

Mas cuidado. Tudo tem seu preço.

Windows Taskbar: 11:39 22/06/2015

 **Gilberto Souza** HÁ 9 MESES 🚫

Postei dias atrás que a marta amarela nas decisões, confirmado.

👍 35 🗨️ 76 •   

 **Eder Leal** HÁ 9 MESES 🚫

E eu sempre disse isso.Fato!!!kkkkk

👍 3 🗨️ 7

 **Renan Alves** HÁ 9 MESES 🚫

Exato.. pra você vê o nível do futebol feminino e ela ganhou 5 bolas de ouro!

👍 3 🗨️ 1

 **Charles** HÁ 9 MESES 🚫

Não só a Marta mas quase toda a seleção amarela...e se a partida for pros pênaltos ai piora mais ainda!!Torço muito pra que o futebol feminino cresça.MAS falta de apoio não é fator pra se ganhar uma copa!Alguém precisa avisar isso pra Marta!

👍 2 🗨️ 1

 **Henrique Borsoi** HÁ 9 MESES 🚫

Sem querer ser machista, mas o futebol feminino tem retorno nenhum de audiência, e quem realmente gosta de futebol, sabe que futebol feminino é extremamente limitado e que não empolga a ninguém! Tem canais que até tentam divulgar, mas ai quando as pessoas "tentam" assistir a Seleção Brasileira de Futebol Feminino elas sempre perdem.

👍 9 🗨️ 8 •   

 **Junior Araujo** HÁ 9 MESES 🚫

Acho que as Meninas devem ter apoio,Projeto a Médio e longo prazo.Investir nas escolas que comece desde a base la traz.A Mídia em geral também devia apoiar,só a Band mostra e os jogos da Seleção Feminina.O resto só posta notas.Logicamente o Resultado na copa do Mundo nao foi oque se esperava.Muito a quem do potencial delas.Mas temos que acreditar!!!Abraco

👍 9 🗨️ 1 •   

ANEXO XII – ““O futebol feminino é esquecido no Brasil.” Atletas do fla querem mais” (R32 – 17/07/2015)

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge FLAMENGO BUSCAR oferecimento

17/07/2015 12h51 - Atualizado em 17/07/2015 19h56

"O futebol feminino é esquecido no Brasil". Atletas do Fla querem mais

Medalhistas olímpicas, Tânia Maranhão e Maycon, são as mais experientes da equipe da Marinha, que fecha parceria com Rubro-Negro para disputa do Carioca e Brasileiro

Por Jessica Mello
Rio de Janeiro

FACEBOOK TWITTER G+ PINTEREST

"Ei, mulher tem de ficar na cozinha, atrás do fogão." Tânia Maria Pereira Ribeiro tem 40 anos. Cerca de 30 deles foram dedicados ao futebol, do começo nos campinhos de bairro ao profissional. Nessas três décadas, passou por vários perrengues. Ouviu poucas e boas, como a frase que

PUBLICIDADE

PROMOÇÃO LISTERINE FALE MAIS SAIBA MAIS

TRES em mãos de mãos! CERTIFICADO DE AUTORIZAÇÃO CAIXA Nº 1-0065/2015

TUDO SOBRE Flamengo

Nem Guerrero nem Cristóvão: Fla blinda time, e Ayrton dá coletiva

18:28 PTB2 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR >

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

atrás do fogão." Tânia Maria Pereira Ribeiro tem 40 anos. Cerca de 30 deles foram dedicados ao futebol, do começo nos campinhos de bairro ao profissional. Nessas três décadas, passou por vários perrengues. Ouviu poucas e boas, como a frase que abre esta matéria. Não se abalou. Absorveu as críticas e cresceu. Conquistou duas medalhas olímpicas – duas pratas, em 2004 (Atenas) e 2008 (Pequim) – e dois ouros em Jogos Pan-Americanos – 2003 (Santo Domingo) e 2007 (Rio de Janeiro).

Tânia Maranhão, como é chamada, em virtude do seu estado natal, é a nova jogadora do Flamengo – ela é zagueira. Nesta quinta-feira, em evento realizado no Centro de Educação Física Almirante Adalberto Nunes (Cefan), no bairro da Penha, Zona Norte do Rio, foi oficializada a parceria entre o Rubro-Negro e a Marinha do Brasil para a disputa dos Campeonatos Carioca e Brasileiro feminino deste ano. As atletas das Forças Armadas vestirão a camisa e representarão o clube nas competições.

Maycon (esq.) e Tânia Maranhão posam com o treinador, o tenente Abbranches, parceria pelo futebol. (Jessica Mello/GloboEsporte.com)

TUDO SOBRE Flamengo

Nem Guerrero nem Cristóvão: Fla blinda time, e Ayrton dá coletiva há 13 minutos

BLOG: Cartola Olímpico muda em seis posições; Gustavo Scarpa e Vitinho há 55 minutos

Angelim vai receber homenagem do Flamengo na partida contra o há 2 horas

BLOG: Cruzeiro é o time que mais liderou no Início do Brasileiro nos pontos há 3 horas

Flamengo x Grêmio já alcança a marca de 32 mil ingressos vendidos

18:29 PTB2 17/07/2015

globoesporte.com x "o futebol feminino é esquecido" x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

Andréia dos Santos tem 38 anos. Cerca de 20 deles foram dedicados ao futebol. O começo foi mais fácil que o da colega Tânia. Ainda assim, muito difícil. Natural de Lages, em Santa Catarina, a meia Maycon, como é chamada, pouco consegue ver a família, que permanece no interior catarinense. E por ter deixado os estudos de lado para focar-se integralmente no futebol, teme que seu futuro, após aposentadoria dos gramados, seja o mesmo que o de muitas colegas de profissão: esquecidas e com empregos que nada condizem com o esporte.

“As jogadoras que deram início ao futebol feminino caíram no esquecimento. Esse tipo de jogadora que tinha de estar lá na CBF, representando o futebol feminino”.

— Maycon

— Hoje, as jogadoras que deram início ao futebol feminino caíram no esquecimento. Esse tipo de jogadora que tinha de estar lá na CBF, representando o futebol feminino. Mas hoje em dia está no esquecimento, tem de procurar um trabalho que foge totalmente à trajetória da sua carreira, no esporte. Tem de mudar totalmente. Tem umas que viraram motoristas de ônibus (**relembre a história de Elane, ex-capitã da Seleção, atualmente motorista do consócio BRT, no Rio**), outras estão vendendo lanche na praia... Você olha e pensa: "Puxa, daqui a um tempo eu posso estar assim." O futebol feminino é esquecido no Brasil.

ingressos vendidos há 3 horas

PUBLICIDADE

Cartão de Crédito BACARD Nº. 06/01/2015 e Nº. 06/04/2015

A promoção está ainda melhor!

clique e confira

SHOPPING

Simulador de Caminhada

Windows 8 Taskbar: File Explorer, Mail, Photos, Chrome, Firefox, Word, Outlook

System Tray: Network, Volume, Power, 18:30, POR, PTB2, 17/07/2015

globoesporte.com x "o futebol feminino é esquecido" x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

O sonho de ambas é poder continuar trabalhando com futebol quando não mais puderem ser jogadoras. Tânia, aliás, já ajuda jovens de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, onde mora. Ela explica que as meninas pedem para que a "tia" ajude a formar um time de futebol feminino na cidade. Mas quer mais: quer ser treinadora. Em agosto, fará um curso de técnica, pensando no futuro. Maycon, por sua vez, ainda não tem planos concretos, com exceção de um: quer ficar perto da família de vez, acompanhar o crescimento dos sobrinhos e cuidar da velhice da mãe.

— Já tive propostas de ter uma instituição com o meu nome, na minha cidade, em Santa Catarina. Acho que vai ser por esse caminho mesmo. Quero ficar perto da minha família, já que me ausentei por tantos anos. Quero poder curtir a velhice da minha mãe, ver o crescimento dos meus sobrinhos... Meu projeto em mente é estar lá, mas dentro do esporte — conta Maycon.

Internacional A PARTIR DE 5 x R\$29,98

Busque por produtos buscar

PUBLICIDADE

E ATÉ COM A SUA

Windows 8 Taskbar: File Explorer, Mail, Photos, Chrome, Firefox, Word, Outlook

System Tray: Network, Volume, Power, 18:30, POR, PTB2, 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

sobrinhas... Meu projeto em mente e estar lá, mas dentro do esporte – conta Maycon.



Tânia Maranhão está há cinco anos na Marinha e, agora, atuará pelo Flamengo (Foto: Jessica Mello / GloboEsporte.com)



Windows 7 taskbar: 18:30 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

– Tenho um projeto social em Belford Roxo. Eles me abraçaram lá, pois toda minha família é de São Luís. Trabalho com os garotos da base, com as garotas, que tanto me pediam: "Tia, monta um futebol feminino para a gente." Eu vou fazer um curso agora em agosto, tenho o sonho de ser treinadora de futebol, sim. Porque tudo o que vivemos, o que convivemos, não podemos deixar de lado, também temos de passar um pouco da nossa experiência. Acredito que isso ajuda bastante. O que vemos lá fora são ex-jogadoras como técnicas... Por que não no nosso país dar essa oportunidade para a mulher? A mulher conhece a mulher, e sabemos da sensibilidade das atletas – diz Tânia.

O sonho maior de ambas, no entanto, é poder ver o crescimento do futebol feminino no Brasil. Poder ver que há incentivo, que há apoio. Não ver nas novas jogadoras o mesmo sofrimento pela qual elas e tantas outras passaram. De não ter bons salários, ou quase nenhum salário, de ter de pagar suas próprias passagens para disputar competições, de ter um time em um mês, e no outro... Quem sabe?

– O futebol masculino é uma coisa, o feminino é completamente diferente. O masculino chega mais facilmente onde ele quer, o teto salarial é maior... O feminino, não. Está todos os dias lutando para conseguir se manter no trabalho. Não é nem aumentar salário, porque às vezes você sequer tem salário. Você joga por amor. E você tem de sempre dar mais do que você deu ontem. Já no masculino, o que eu estou dando está bom, meu salário está bom... Não prezamos muito o salário, porque nós não temos isso – fala Maycon.

Windows 7 taskbar: 18:30 17/07/2015

globoesporte.com x globo "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

“
Praticamente pagávamos para jogar (...) Dou muito valor ao futebol feminino e acredito que ele irá mudar no meu país”.

— Tânia Maranhão

Tânia disputou seu primeiro Mundial em 1991, o primeiro organizado para a categoria, apenas cinco anos depois da primeira partida da seleção brasileira feminina da história.

— Foi uma época muito difícil. Praticamente pagávamos para jogar. Era sacrificante. Amava o que fazia, tinha a paixão. Tirava do meu bolso mesmo. Pagava passagem de ida e volta. Por isso, dou muito valor ao futebol feminino e acredito que ele irá mudar no meu país. Fico muito triste ao ver as jogadoras que começaram, que foram as pioneiras, caindo no esquecimento.

Confira mais trechos da entrevista:

GloboEsporte.com: O que a parceria com o Flamengo ajuda para vocês e para o desenvolvimento do futebol feminino?

Tânia: (A parceria) claro que ajuda. Aqui, no Rio, vemos que o futebol (feminino) ainda está carente. Em São Paulo, por exemplo, é mais evoluído. Cabe a nós agora, junto com a Marinha e

Windows Taskbar: 18:31 17/07/2015

globoesporte.com x globo "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

GloboEsporte.com: O que a parceria com o Flamengo ajuda para vocês e para o desenvolvimento do futebol feminino?

Tânia: (A parceria) claro que ajuda. Aqui, no Rio, vemos que o futebol (feminino) ainda está carente. Em São Paulo, por exemplo, é mais evoluído. Cabe a nós agora, junto com a Marinha e o Flamengo, mostrar que no Rio de Janeiro também tem potência no futebol feminino. O Flamengo agora, mais do que nunca, é meu clube do coração. Estou muito emocionada, feliz para caramba.

Maycon: O suporte do atleta é a família, né? Minha família está muito feliz, porque somos todos flamenguistas e nunca escondi isso. Já joguei em equipes rivais, mas eles sempre souberam que era flamenguista de coração, e nunca fugi da briga, do trabalho. E agora vou poder ter o prazer de vestir minha segunda pele, desde criança. É uma realização, um sonho. Os jogadores têm o sonho de jogar em time grande, não? As jogadoras também sonham em jogar em time grande, em time com as maiores torcidas, como o Flamengo. Vamos honrar essa camisa.

O que ainda é preciso para alavancar o futebol feminino?

Maycon: Precisamos sempre de resultados positivos, vinculados à Seleção. E, hoje em dia, a Seleção não tem mais isso. Foi para o Mundial, não



Windows Taskbar: 18:31 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR



Maycon e Tânia Maranhão: duas vezes prata ao Brasil (Foto: Jessica Mello/GloboEsporte.com)

feminino?

Maycon: Precisamos sempre de resultados positivos, vinculados à Seleção. E, hoje em dia, a Seleção não tem mais isso. Foi para o Mundial, não teve resultado positivo, aí acaba complicando ainda mais para nós aqui. Precisamos que as empresas olhem para o futebol feminino, que no futuro haverá um retorno. Não adianta você querer ajudar querendo um retorno imediato. Primeiro, tem de lapidar tudo, para no futuro colher o fruto. Difícil entrar alguém para ajudar o futebol feminino. As atletas acabam tendo de se dedicar ao esporte e não conseguem conciliar o estudo junto, quando você vê, os anos ficaram para trás e você não progrediu. Eu e a Tânia tivemos sorte, e também nosso potencial, claro, por termos servido vários anos na Seleção. A faixa salarial é muito complicada. Na Marinha, é uma ajuda que nos times ultimamente não tem. É um privilégio estarmos aqui, mas temos de lutar a cada dia, a cada ano, para nos mantermos aqui. Só tem atleta de ponta aqui. Então temos de brigar para permanecer, porque tem muita gente querendo entrar também, muita gente boa.

Windows Taskbar: 18:31 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

Tânia: Como a Maycon falou, de dependermos dos resultados da Seleção, eu acredito muito, hoje, no projeto que a Fifa está fazendo. Na nossa trajetória dentro da Seleção, tivemos muito êxito, apesar de todos os problemas que aconteciam lá. E não queremos só isso. Queremos ver o futebol no nosso país como é nos Estados Unidos, na Alemanha, porque temos esse potencial. Pedimos que acreditem. E eu sempre digo: não vou parar de lutar pelo futebol feminino. Enquanto Deus me der vida, essa raça, essa vontade que eu tenho, essa dedicação, eu vou brigar pelo futebol feminino.

“

Não prezamos muito o salário, porque nós não temos isso. Prezamos o que você tem a nos oferecer, o conforto. E esse conforto temos hoje na Marinha”.

— Maycon

Por que não temos treinadoras mulheres no Brasil?

Maycon: O machismo barra um pouco, né? Há ex-jogadoras que têm suas escolhinhas, têm seus trabalhos, mas não têm a oportunidade de estar lá na Seleção. Um dos motivos pelos quais a seleção feminina não vai para frente, e não estou questionando o treinador que está lá nem a metodologia dele, mas as pessoas que estão lá têm que ser da raiz do futebol feminino, pessoas que passaram por lá, que sabem como é difícil, que conhecem a luta da atleta. Não adianta pegar um super treinador que não consiga entender a atleta. Uma pessoa que seja da raiz, mesmo que seja ajudando na

Windows Taskbar: 18:32 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esquecido no Brasil" Flamengo

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

“ Não prezamos muito o salário, porque nós não temos isso. Prezamos o que você tem a nos oferecer, o conforto. E esse conforto temos hoje na Marinha”.

— Maycon

Maycon: O machismo barra um pouco, né? Há ex-jogadoras que têm suas escolhinhas, têm seus trabalhos, mas não têm a oportunidade de estar lá na Seleção. Um dos motivos pelos quais a seleção feminina não vai para frente, e não estou questionando o treinador que está lá nem a metodologia dele, mas as pessoas que estão lá têm que ser da raiz do futebol feminino, pessoas que passaram por lá, que sabem como é difícil, que conhecem a luta da atleta. Não adianta pegar um super treinador que não consiga entender a atleta. Uma pessoa que seja da raiz, mesmo que seja ajudando na administração, vai saber lidar, vai entender. Mas aí acontece aquelas coisas... O futebol masculino é uma coisa, o feminino é completamente diferente. O masculino chega mais facilmente onde ele quer, o teto salarial é maior... O feminino, não. Está todos os dias lutando, para conseguir se manter no trabalho. Não é nem aumentar salário, porque às vezes você sequer tem salário. Você joga por amor. E você tem de sempre dar mais do que você deu ontem. Já o masculino, o que eu estou dando está bom, meu salário está bom... Não prezamos muito o salário, porque nós não temos isso. Prezamos o que você tem a nos oferecer, o conforto. E esse conforto temos hoje na Marinha. Tudo o que precisamos, temos aqui. E agora fortalecendo com o Flamengo então... (risos) Muitas atletas vão poder realizar o sonho de vestir essa camisa.

Windows Taskbar: 18:32 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esquecido no Brasil" Flamengo

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

“ No nosso país ainda tem machismo. Tem preconceito. Na própria CBF... Mas acho que a lavagem que está sendo feita agora, com essas pessoas novas que estão entrando, há um outro pensamento, outra cabeça. E com o apoio da Fifa, esse projeto de levar ex-jogadoras para conversar, trocar ideia, já é um avanço, é algo legal, ajuda”.

— Tânia Maranhão

Tânia: Isso é porque no nosso país ainda tem machismo. Tem preconceito. Na própria CBF... Mas acho que a lavagem que está sendo feita agora, com essas pessoas novas que estão entrando, há um outro pensamento, outra cabeça. E com o apoio da Fifa, esse projeto de levar ex-jogadoras para conversar, trocar ideia, já é um avanço, é algo legal, ajuda. Nossa briga é também por colocar treinadoras no futebol feminino. É o que precisamos. Temos de nos espelhar no que dá certo. Lá fora, temos treinadoras mulheres. Está na hora de brigar por isso, aproveitar que a Fifa está dando essa abertura. Tenho certeza de que vamos conseguir.

Fico muito triste ao ver as jogadoras que começaram, que foram as pioneiras, caindo no esquecimento. Sempre vamos brigar por isso. Elas merecem estar na Seleção, sim. Em uma categoria Sub-15, ou na Sub-20, Sub-17... Elas têm capacidade para isso, com a experiência que elas têm. A Marinha faz correto seu papel aqui, mesclando as atletas. Não pode chegar e tirar toda a experiência que tem no time, como a CBF

Windows Taskbar: 18:32 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

Fico muito triste ao ver as jogadoras que começaram, que foram as pioneiras, caindo no esquecimento. Sempre vamos brigar por isso. Elas merecem estar na Seleção, sim. Em uma categoria Sub-15, ou na Sub-20, Sub-17... Elas têm capacidade para isso, com a experiência que elas têm. A Marinha faz correto seu papel aqui, mesclando as atletas. Não pode chegar e tirar toda a experiência que tem no time, como a CBF fez agora. Deixou só Formiga, Marta e Cristiane, e botou todo mundo nova. A experiência conta, sim. Eu mesma falei no Mundial agora: "Gente, a seleção brasileira não vai passar das oitavas de final." Conhecemos, sabemos o que significa um Mundial, já estivemos lá, sabemos como é, como é difícil. Vou brigar sempre pelo futebol feminino, pelas jogadoras que começaram. Elas têm curso de treinadora. E têm de ter oportunidade, sim.



Windows Taskbar: 18:33 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR



Jogadoras e comissão técnica do time da Marinha e do Flamengo em lançamento da parceria (Foto: Jessica Mello)

Windows Taskbar: 18:33 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

Jogadoras e comissão técnica do time da Marinha e do Flamengo em lançamento da parceria (Foto: Jessica Mello)

E o início de vocês no futebol? Até pouco tempo antes de começarem, tínhamos ainda em vigor a lei que proibia mulheres de jogar futebol (decreto-lei 3.199, de 1941, regulamentado em 1965, e revogado apenas na década de 1980)...

Maycon: Sofremos bastante preconceito. Acho que mais pela ignorância do homem. Hoje em dia foi superada na parte dos torcedores. Pessoas para ajudar ainda são muito poucas. As pessoas entram para ajudar só pensando no que vão receber em troca. Por isso que damos mais valor ainda à Marinha, porque abriu uma porta para nós, que já estávamos esquecidas. Já fomos ter de procurar um outro emprego, e encontramos na Marinha um fôlego a mais para seguirmos na carreira.

Tânia: Escutávamos muito, dentro de campo, coisas como "Ei, mulher tem de ficar na cozinha, atrás do fogão." Só que pegávamos isso e transformávamos em energia positiva. Deixa eles falarem. Um dia vão bater palma para o futebol feminino. Aquilo servia como força, crescimento, para mostrar que a mulher é importante, sim. É o mesmo futebol que o masculino, a diferença é que eles têm mais força e são muito mais valorizados. O futebol feminino está dando, hoje, mais orgulho que o masculino. Porque o que manda neles é o dinheiro, está subindo a cabeça. E no futebol feminino, não. Se você montar um clube e não tiver dinheiro, pode ter certeza de que vamos honrar a tua camisa do mesmo jeito. O que importa é a paixão que temos pelo esporte.

Windows Taskbar: 18:33 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

Como é a equipe da Marinha?

Maycon: É uma equipe mesclada. Tem meninas novas, de 20 e poucos anos. E tem as de 40, como a Tânia, e eu, com 38 (risos). As meninas nos escutam bastante, a maioria nos viu jogando, então elas são de perguntar bastante, se preocupam bastante. Se algo está errado, nós falamos, e elas entendem, escutam. É um feedback muito legal. A vida nos ensinou tantas coisas, e elas ainda vão aprender tantas mais. Aprendemos muito com a dor. E elas podem aprender com amor, se souberem ouvir.

“
Aprendemos muito com a dor. E elas (jogadoras) podem aprender com amor, se souberem ouvir”.

— Maycon

Maycon: Para nós, foi uma fase mais difícil do futebol feminino, mesmo sendo a catástrofe que é hoje, nós pegamos uma época em que era mais surrado ainda. Especialmente a Tânia, que pegou o futebol feminino com quase nada. E olha onde parou. Não está bom, sabemos que não está bom. Mas já foi muito pior. O futebol feminino no Brasil é esquecido, cai no esquecimento. A faixa etária da Tânia é das mulheres que mais passaram dificuldades no futebol feminino. Eu passei dificuldade também, mas já comecei subindo degraus. Ela, não. Teve um piso todo ainda a percorrer, para só depois começar a subir degraus. Hoje, as jogadoras que deram início ao futebol feminino caíram no esquecimento. Esse tipo de jogadora que tinha de

Windows Taskbar: 18:34 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

“

Aprendemos muito com a dor. E elas (jogadoras) podem aprender com amor, se souberem ouvir”.

— Maycon

Maycon: Para nós, foi uma fase mais difícil do futebol feminino, mesmo sendo a catástrofe que é hoje, nós pegamos uma época em que era mais surrado ainda. Especialmente a Tânia, que pegou o futebol feminino com quase nada. E olha onde parou. Não está bom, sabemos que não está bom. Mas já foi muito pior. O futebol feminino no Brasil é esquecido, cai no esquecimento. A faixa etária da Tânia é das mulheres que mais passaram dificuldades no futebol feminino. Eu passei dificuldade também, mas já comecei subindo degraus. Ela, não. Teve um piso todo ainda a percorrer, para só depois começar a subir degraus. Hoje, as jogadoras que deram início ao futebol feminino caíram no esquecimento. Esse tipo de jogadora que tinha de estar lá na CBF, representando o futebol feminino. Mas hoje em dia, está no esquecimento, tem de procurar um trabalho que foge totalmente à trajetória da sua carreira no esporte. Tem de mudar totalmente. Umas que viraram motoristas de ônibus, outras estão vendendo lanche na praia... Você olha e pensa: "Puxa, daqui a um tempo eu posso estar assim." Foi uma fase muito ruim por que passamos, pois não conseguimos conciliar o futebol e o estudo. Em um mês você estava em um time, em outro mês estava em outro time. O mesmo time estava em uma cidade, aí ia lá, mudava só a camisa, mandava para outra cidade, mantinha o time... Era complicado. Hoje, sabemos que será difícil, porque o nosso estudo ficou muito a desejar.

Windows Taskbar: 18:34 17/07/2015

globoesporte.com x "O futebol feminino é esq: x Tayane

globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2015/07/o-futebol-feminino-e-esquecido-no-brasil-atletas-do-fla-querem-mais.html

globo.com g1 globoesporte gshow famosos & etc videos ASSINE JÁ CENTRAL E-MAIL ENTRAR x

MENU ge FLAMENGO BUSCAR

Como é o calendário da equipe da Marinha?

Maycon: A Marinha sempre tenta fazer parceria com algum clube para nos colocar em atividade. Para ajudar o esporte e nos ajudar. Disputaremos agora o Carioca, o Brasileiro e a Copa do Brasil. Em outubro, tem o Mundial militar, é como as Olimpíadas. Vamos com tudo. Para você ver como a Marinha nos ajuda. Esperou quatro anos para disputar esse Mundial, nos mantendo. Não é só o futebol feminino que passa por isso, é o esporte em geral.

Há quantos anos vocês estão na Marinha?

Maycon: Estou há seis anos. Estou indo para o sétimo. Para mim, é um prazer estar aqui. A Marinha abriu uma porta para o futebol feminino que estava fechada. Então, sempre vemos aqui uma luz no final do túnel. O projeto que temos aqui é maravilhoso. Em clube de futebol feminino, é difícil ter o que temos aqui dentro.

Tânia: Estou há cinco anos. Vou fazer seis anos em fevereiro. A Marinha é o sonho de qualquer ser humano, colocar uma farda. De suma importância, por ter aberto as portas para o futebol feminino. Só temos a agradecer, por tudo o que eles fazem por nós. A estrutura aqui, nem times de primeira ou segunda divisão às vezes, tem. A Marinha está de parabéns pela continuidade do projeto, não só do futebol, mas de vários esportes também. Agora, mais uma alegria que a Marinha nos dá, fazendo esse contrato com o Flamengo.

Windows Taskbar: 18:35 17/07/2015



Bruno Oliveira
HÁ 8 MESES

Essas daí devem gostar pouco da fruta que os homens gostam kkkkkkkkkkkk

👍 0 💬 1 · 📌 🐦 🍀



Édigo Luiz

HÁ 8 MESES

Esse time de Pepê e Nenê tá osso, só mulher feia kkkkkkk

👍 2 💬 13 •   

APÊNDICE A – Títulos das reportagens analisadas.

REPORTAGENS/ DATA	TÍTULOS
R1 (09/04/2015)	Futebol feminino uma hora dessas?
R2 (09/04/2015)	Criação de “Seleção Permanente” divide opiniões no futebol feminino
R3 (14/04/2015)	Hóquei na grama argentino e o futebol feminino no Brasil
R4 (08/05/2015)	Copa Campo Grande de futebol feminino terá oito equipes em junho
R5 (15/05/2015)	Futebol feminino: Marco Aurélio quer opiniões de Bernardinho e Zé Roberto
R6 (20/05/2015)	Coleção de musas: álbum do Mundial feminino começa a ser vendido
R7 (20/05/2015)	FIFA impulsiona força-tarefa em prol do futebol feminino no Brasil
R8 (20/05/2015)	Vice-presidente da FFMS fala sobre futebol feminino em seminário da CBF
R9 (21/05/2015)	Questão cultural: Ana Paula defende apelo estético no futebol feminino
R10 (03/06/2015)	Com Marta confiante no título, Seleção viaja para a Copa do Mundo feminina
R11 (06/06/2015)	Neymar? Que nada! Fãs se derretem por Marta: “Melhor do mundo”
R12 (06/06/2015)	“Último ato” de Blatter: Mundial feminino se inicia com novo cenário
R13 (07/06/2015)	Mesmo com estrutura precária, clube de AL revela jogadoras para seleção
R14 (08/06/2015)	Fora das favoritas: Vadão diz que Brasil paga preço pelo passado
R15 (09/06/2015)	Emily fala sobre boa fase da Águia e vê Seleção com dificuldades para o Mundial
R16 (11/06/2015)	#Lucianarules: inspiração em Dida e opção peculiar pela posição de goleira
R17 (12/06/2015)	“Musa da TV”, Tamires comenta encarada no túnel e saudade do filho
R18 (12/06/2015)	Quinze gols em Copas, cinco vezes melhor do mundo: prazer, Marta
R19 (15/06/2015)	A vez delas? Mulheres são cotadas para Fifa, e personalidades opinam
R20 (16/06/2015)	Cristiane enaltece Mundial, mas diz que piso sintético “atrapalha bastante”
R21 (17/06/2015)	Futebol feminino, terra de técnicos? Homens dominam cargos no Mundial
R22 (20/06/2015)	Marta não teme pressão individual e diz: “Não é algo novo na minha vida”
R23 (21/06/2015)	Marco Aurélio Cunha garante continuidade da seleção permanente
R24 (22/06/2015)	Após eliminação no Mundial, zagueira da AFE agradece o apoio

	da torcida
R25 (22/06/2015)	Marta defende projeto, alerta críticos e diz: “Na hora de ajudar ninguém ajuda”
R26 (22/06/2015)	Musa marca, e EUA passam pela Colômbia no Mundial feminino
R27 (26/06/2015)	Seleção Feminina ganha apoio da Turma da Mônica por visibilidade
R28 (05/07/2015)	Ex-capitã da Seleção ganha vida como motorista de ônibus no Rio
R29 (12/07/2015)	Com “Pequenas Leoas”, Bafo quer lançar escolinha de futebol feminino
R30 (13/07/2015)	Escolinha Furacão abre inscrições para turma de futebol feminino, em Caruaru
R31 (15/07/2015)	Flamengo apresenta time de futebol feminino nesta quinta-feira
R32 (17/07/2015)	“O futebol feminino é esquecido no Brasil.” Atletas do fla querem mais
R33 (25/07/2015)	Cristiane “acaba com o câd” e vira esperança de ouro contra a Colômbia
R34 (26/07/2015)	Formiga vê renovação após adeus ao Pan, e Vadão pede desenvolvimento